

**NÁDIA MAROTA MINÓ**

**A VELHICE NAS IMAGENS E NOS VÍDEOS DIVULGADOS NO  
*FACEBOOK*: PEDAGOGIAS CULTURAIS E PRODUÇÃO DE SENTIDO**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Doctor Scientiae*.

Orientadora: Rita Márcia Andrade Vaz de Mello

**VIÇOSA – MINAS GERAIS  
2020**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da  
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa

T

M666v  
2020

Minó, Nádia Marota, 1970-  
A velhice nas imagens e vídeos divulgados no Facebook :  
pedagogias culturais e produção de sentido / Nádia Marota Minó. -  
Viçosa, MG, 2020.  
128 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Rita Márcia Andrade Vaz de Mello.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Viçosa.  
Referências bibliográficas: f.117-128.

1. Velhice. 2. Pedagogia culturalmente relevante. 3. Idosos.  
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação.  
Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22 ed. 305.26

**NÁDIA MAROTA MINÓ**

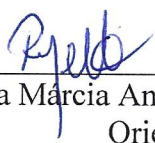
**A VELHICE NAS IMAGENS E NOS VÍDEOS DIVULGADOS NO  
FACEBOOK: PEDAGOGIAS CULTURAIS E PRODUÇÃO DE SENTIDO**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Doctor Scientiae*.

APROVADA: 17 de março de 2020.

Assentimento:

  
Nádia Marota Minó  
Autora

  
Rita Márcia Andrade Vaz de Mello  
Orientadora

*O ser humano está em constante evolução e podemos entendê-lo a partir de uma metáfora: a primeira metade da vida corresponde ao sol nascente que atinge seu ápice ao meio-dia, podendo ser considerada como a primeira metade do ciclo vital. A segunda metade da vida corresponde ao sol poente que aos poucos vai perdendo a força e o calor sem, no entanto, deixar de brilhar e ser quem é (GAETA; MELLO; HAYAR, 2017, p. 97).*

*Ao meu esposo Carlito; aos meus filhos Vinícius e  
Amanda e a minha mãe Madalena,  
Dedico.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, força, determinação e saúde para a realização desse grande sonho, por ter me enviado amigos que são anjos; por ter conduzido os meus passos, mostrando os caminhos e abrindo as portas necessárias.

A minha família, em cuja base e compreensão encontrei sentido para enfrentar cada obstáculo. Ao meu querido esposo Carlito Freire Minó, pelo primoroso companheirismo e apoio desmedido. Com seu jeitinho quieto, esteve comigo nas horas boas e ruins, sempre acreditando em meu potencial e nunca deixando que eu me sentisse desamparada. Aos meus amados filhos Vinícius e Amanda, que estiveram sempre firmes ao meu lado em todos os momentos desta trajetória, fossem eles felizes ou de angústia. Cada um, a sua maneira, me apoiou e, a cada vitória, diziam se orgulhar de mim, me oferecendo importantes estímulos para prosseguir. A minha doce mãezinha Madalena, fonte inesgotável de carinho, por me ensinar que o tempero da vida é o amor, e que em tudo que fazemos precisamos utilizar esse tempero, pois assim o resultado será mais saboroso e feliz.

A minha querida orientadora até a metade desse processo, Rita de Cássia Pereira Farias, que na verdade foi muito mais que orientadora, sobretudo minha amiga e irmã, a quem devo tudo, uma vez que esteve comigo desde a coorientação do meu TCC, me incentivando, motivando, aconselhando, me apresentando os caminhos da ciência, corrigindo meus textos, melhorando, sugerindo, me ajudando a organizar as ideias. Obrigada por acreditar em mim, mesmo quando eu mesma duvidava.

A minha não menos querida orientadora atual, Prof.<sup>a</sup> Rita Márcia Andrade Vaz de Mello que, apesar de ter chegado após a defesa do projeto deste trabalho, abriu os braços para me receber com um sorriso largo e lindo, com um apoio desmedido, fundamental para o andamento da pesquisa, e, principalmente, por me deixar segura o suficiente para prosseguir, mesmo quando me senti completamente sem forças; seu apoio foi primordial para a conclusão deste estudo; sempre com elegância, afeto, carinho, além das contribuições primorosas para a evolução da pesquisa. A palavra de ordem é gratidão.

Aos meus colegas e amigos, que rezaram, torceram e acreditaram que eu seria capaz; isso se tornou combustível e estímulo para esta conquista. Às colegas do doutorado que dividiram alegrias e inquietudes durante o caminho percorrido, que possibilitaram troca de informações e apoio, tornando a jornada mais leve. Obrigada por abrilhantarem este processo com carinho, gentileza, palavras de apoio e força, em especial, a Aline, a Eleusy e a

Valdirene. Sem a companhia dessas moças, a caminhada seria muito mais densa. Amizade que adoça a vida.

Aos funcionários do Departamento de Economia Doméstica, destacando a Aloísia, o Anderson, a Efigênia e o Roberto, que estiveram prontos a atender com gentileza e atenção, sempre que solicitados.

Aos professores que garantiram momentos de muito aprendizado, desde a graduação até chegar aqui, proporcionando crescimento e amadurecimento científico. Especialmente, aos professores das disciplinas da pós-graduação que teceram discussões de temas preciosos para a construção desta tese.

À Universidade Federal de Viçosa, por conceder a oportunidade de ter o meu nome registrado em sua história, da qual muito me orgulho. À CAPES, pela contribuição financeira; sem ela, tudo seria muito mais difícil.

Aos membros da banca de defesa desta tese, Prof<sup>a</sup> Maria da Conceição Aparecida Zolnier, Prof<sup>a</sup> Rosa Cristina Porcaro, Prof<sup>a</sup> Bethânia Medeiros Geremias e Prof<sup>a</sup> Nelmiere Ferreira da Silva, pelas primorosas contribuições.

Por fim, a todos que participaram direta ou indiretamente da construção e realização deste sonho, minha eterna gratidão!

*A minha querida Rita Márcia Andrade Vaz de Mello dedico*

## **Velhas Árvores**

**Olavo Bilac<sup>1</sup>**

**Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores novas, mais amigas:  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...**

**O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas  
Vivem, livres de fomes e fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas.**

**Não choremos, amigo, a mocidade!  
Envelheçamos rindo! Envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem:**

**Na glória da alegria e da bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra e consolo aos que padecem!**

---

<sup>1</sup> Fonte: BILAC, Olavo. Poesias. 2 ed. Editora: Martins Fontes. São Paulo, 2001.

## BIOGRAFIA

NÁDIA MAROTA MINÓ, filha de Geraldo Magela Marota e Maria Madalena da Silva Marota, nasceu no dia 05 de junho de 1970, em Viçosa, Minas Gerais.

No período de 2007 a 2009, frequentou o curso de graduação em Pedagogia pela Faculdade de Viçosa – FDV. Em 2008, foi aprovada no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa, iniciando a graduação na UFV em 2009 e terminando-a em setembro de 2013.

De março de 2013 a dezembro de 2015, participou como voluntária do Projeto de Extensão “Esta Ruga Tem História”, desenvolvido no Programa Municipal da Terceira Idade - PMTI, mediante uma parceria firmada entre a Prefeitura e a UFV. Essa participação resultou na escrita do trabalho de conclusão de curso intitulado: *Educação gerontológica: um estudo com idosos frequentadores do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI) de Viçosa-MG* e na publicação de alguns trabalhos que tematizam a velhice.

Visando a aprofundar os estudos sobre o envelhecimento humano, em 2014, ingressou no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da UFV, submetendo-se à defesa da dissertação em fevereiro de 2016.

Em outubro de 2015, foi aprovada para iniciar o curso de doutorado no Departamento de Economia Doméstica da UFV em 2016. A proposta da pesquisa pautou-se na continuidade do estudo sobre velhice no contexto da inter-relação família e sociedade.

No ano de 2020, defendeu sua tese de doutorado intitulada: “A Velhice nas imagens e nos vídeos divulgados no *Facebook*: pedagogias culturais e produção de sentido”. Com esta pesquisa visa aprimorar conhecimentos sobre a velhice no contexto da inter-relação família e sociedade.

## RESUMO

MINÓ, Nádia Marota, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2020. **A velhice nas imagens e nos vídeos divulgados no Facebook:** pedagogias culturais e produção de sentido. Orientadora: Rita Márcia Andrade Vaz de Mello.

A velhice é um processo universal, inevitável e esperado. Há ampla ascensão do envelhecimento na população brasileira, assim como é crescente a adesão desse grupo no uso de redes sociais, em virtude dos benefícios e das facilidades que esse recurso pode oferecer às suas vidas. Diante desse cenário, propôs-se analisar, neste estudo, a forma como o idoso é apresentado nas imagens, nos vídeos e discursos veiculados na rede social virtual *Facebook*, especificamente, nas páginas “Velhice me aguarde” e “Velhice solitária”, em que se buscam conteúdos que reportam à pessoa idosa para negar ou reforçar estereótipos ligados à velhice. As redes sociais trazem variadas informações, muitas delas carregadas de pedagogias culturais - grandes responsáveis por promover uma dicotomia na produção de sentido. Trata-se de um artefato social caracterizado por estereótipos, pensamentos e negatividades/positividades. Assim, a pesquisa é caracterizada pela natureza qualitativa, do tipo documental, sendo objeto de investigação as mensagens postadas na referida rede no ano de 2017. Assume-se a perspectiva antropológica sobre o envelhecimento, a partir de autores que discutem os diversos aspectos sobre a velhice. O conteúdo utilizado, sob a forma de mensagens e imagens, embasa a construção do referencial teórico e auxilia a categorização de dados para posterior discussão entre os elementos analisados e a literatura que versa sobre conceitos como: poder simbólico, violência simbólica, envelhecimento, pedagogia cultural, produção de sentido, identidade, estereótipos, corporalidade, cultura e mídia. Foi possível concluir que, conforme material publicado nas referidas páginas do *Facebook*, algumas mensagens exaltam a velhice, mas outras buscam convencer que para estar bem é necessário ser jovem. Tal negação da velhice pode exemplificar a falta de aceitação social dessa parcela da população, em decorrência do consumismo proporcionado pela rede social virtual e mídias em geral. Nesse sentido, torna-se necessário sensibilizar e enfatizar a valorização do idoso, incentivando sua participação social, com o objetivo de melhorar as relações intergeracionais, pois o idoso ativo deve ser reconhecido como motivo de orgulho e exemplo para a comunidade.

**Palavras-chave:** Velhice. *Facebook*. Pedagogia Cultural. Idoso. Produção de Sentidos. Violência Simbólica.

## ABSTRACT

MINÓ, Nádía Marota, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2020. **Old age in the images and videos posted on Facebook:** cultural pedagogies and production of meaning. Advisor: Rita Márcia Andrade Vaz de Mello.

Old age is a universal, inevitable and expected process. There is a widespread rise in aging in the Brazilian population, as well as the adhesion of this group to the use of social networks, due to the benefits and facilities that this resource can offer to their lives. Given this scenario, it was proposed to analyze, in this study, the way the elderly person is presented in the images, videos and speeches broadcast on the virtual social network Facebook, specifically, on the pages “Old age wait me” and “Old age lonely”, in which we seek content that reports to the elderly to deny or reinforce stereotypes related to old age. Social networks bring a variety of information, many of them loaded with cultural pedagogies - great responsible for promoting a dichotomy in the production of meaning. It is a social artifact characterized by stereotypes, thoughts and negatives / positivities. Thus, the research is characterized by the qualitative nature, of the documentary type, being the object of investigation the messages posted in the referred network in the year 2017. The anthropological perspective on aging is assumed, from authors who discuss the different aspects about the old age. The content used, in the form of messages and images, supports the construction of the theoretical framework and helps the categorization of data for further discussion between the elements analyzed and the literature dealing with concepts such as: symbolic power, symbolic violence, aging, cultural pedagogy , production of meaning, identity, stereotypes, corporality, culture and media. It was possible to conclude that, according to material published on the referred Facebook pages, some messages exalt old age, but others seek to convince that to be well it is necessary to be young. Such denial of old age can exemplify the lack of social acceptance of this portion of the population, due to the consumerism provided by the virtual social network and media in general. In this sense, it is necessary to raise awareness and emphasize the appreciation of the elderly, encouraging their social participation, with the aim of improving intergenerational relationships, as the active elderly person should be recognized as a source of pride and an example for the community.

**Keywords:** Old age. Facebook. Cultural Pedagogy. Old man. Production of Senses. Symbolic Violence.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Representação da velhice .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1.1 Metas comuns aos idosos.....</b>	<b>42</b>
<b>2.2 População idosa na sociedade contemporânea .....</b>	<b>44</b>
<b>2.3 O <i>Facebook</i> e seus efeitos .....</b>	<b>50</b>
<b>2.4 Pedagogia Cultural .....</b>	<b>56</b>
<b>2.5 As identidades como um processo em construção .....</b>	<b>59</b>
<b>2.5.1 O corpo como sistema simbólico .....</b>	<b>61</b>
<b>2.5.2 O conceito de <i>agência</i> .....</b>	<b>64</b>
<b>2.6 A produção de sentido e a mídia .....</b>	<b>68</b>
<b>2.7 Violência simbólica na sociedade contemporânea .....</b>	<b>70</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>75</b>
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>82</b>
<b>4.1 Páginas analisadas do <i>Facebook</i>: “Velhice, me aguarde” e “Velhice solitária” .....</b>	<b>82</b>
<b>4.2 Análise do conteúdo selecionado .....</b>	<b>83</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>117</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A humanidade tem apresentado uma perceptível ampliação da longevidade, em resposta à melhoria substancial dos parâmetros de saúde da sociedade em geral, embora essa conquista não se distribua equitativamente por todos os países do mundo. Antes, envelhecer era um privilégio de poucos, mas hoje constitui uma realidade, sendo esta uma das melhores aquisições humanas do século XX, pois a vivência está relacionada à qualidade de vida<sup>2</sup> proporcionada a esses anos adicionais predominantes na atualidade. No contexto nacional, o número de idosos ( $\geq 60$  anos de idade) era estimado em três milhões, em 1960, passando para sete milhões em 1975; alcançando 14 milhões (um aumento de 500% em quarenta anos), em 2002, devendo chegar a 32 milhões em 2020 (VERAS; OLIVEIRA, 2018).

Lechakoski e Wildauer (2019) enfatizam que essa mudança na representatividade populacional (formada em grande parte por idosos) exige diferentes percepções sobre a velhice e o processo de envelhecimento, pois este repercute em diferentes esferas da estrutura social, econômica, política e cultural, havendo demandas específicas para a conquista de condições adequadas de vida.

A percepção sobre os preconceitos que envolvem idosos motiva a reflexão sobre o processo de construção social da estigmatização desses indivíduos. Alves e Vianna (2010) apresentam uma ênfase preventiva que visa reconhecer as necessidades decorrentes das alterações biopsicossociais da velhice, a fim de amenizar ou até mesmo eliminar problemas como preconceito e negativismo nessa fase de vida.

Na década de 1970, Simone de Beauvoir, filósofa existencialista francesa, denunciou a “conspiração do silêncio” ou o descaso com que era tratada a velhice naquela época. Em suas obras, a velhice é destacada como um fenômeno natural e social, que pode causar problemas e limitações de ordem biológica, econômica e sociocultural. Segundo Beauvoir (1976), o idoso é um indivíduo que interioriza a própria situação e a ela reage. Nesse sentido, a velhice constitui uma pluralidade de experiências individuais, o que dificulta sua conceituação. Por isso, ao pesquisador fica somente a possibilidade de confrontar as diferentes experiências de envelhecimento umas com as outras, e a tentativa de identificar as constantes e determinar as razões de suas diferenças.

---

<sup>2</sup> Faz-se necessário salientar que não existe na literatura um conceito único para qualidade de vida, o termo é utilizado tanto para mensurar as condições de saúde, bem-estar, conforto e bens materiais, quanto para analisar as condições de vida, como saneamento básico, transporte e lazer (FERREIRA, 2017).

Segundo Peixoto (2006), no Brasil, a conotação negativa do vocábulo “velho” seguiu um processo semelhante ao da França, porém, em período mais recente. Conforme a autora, a questão da velhice era imposta para caracterizar as pessoas que não podiam garantir financeiramente seu futuro, ou seja, designava-se como velho (*Vieux*) ou velhote (*Viellard*) as pessoas que não possuíam *status* social. Os que o possuíam eram designados idosos (*Personne âgée*). No Brasil, os documentos oficiais publicados antes dos anos 60 denominavam, simplesmente, como “velhas” as pessoas pertencentes à faixa etária de 60 anos e, somente no final da década de 90, certos documentos oficiais adotaram o termo “idoso”.

Esta pesquisa retoma e constitui parte dos estudos sobre velhice iniciados em 2014, quando a pesquisadora avaliou a estigmatização de idosos pela sociedade, o que pode dificultar o exercício da cidadania e da participação social (MINÓ, 2015). Na ocasião, foi analisada a percepção de crianças e adolescentes do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública e em outra privada, localizadas na cidade de Viçosa (MG), a fim de verificar quais pensamentos esse público compartilha sobre os idosos. Os resultados apontaram que a maioria das crianças e adolescentes tinha uma visão negativa e depreciativa sobre a velhice (MINÓ; FARIAS, 2016).

Cabe ainda pontuar que o envelhecimento, em seus aspectos biológicos e físicos, traz muitas transformações do corpo: a pele perde a tonicidade, as rugas aparecem, os sentidos da audição e da visão são reduzidos, motivos pelos quais a velhice é temida e muitas vezes negada. Essa negação conta com o apoio das diversas mídias, que divulgam mensagens nem sempre positivas sobre a velhice, a exemplo do *Facebook* (MINÓ; FARIAS, 2016).

Algumas mensagens podem, aparentemente, exaltar a velhice; outros conteúdos, no entanto, principalmente mensagens publicitárias elaboradas para fins comerciais, buscam convencer o público de que, para estar bem e ser belo, é necessário ser jovem. Notam-se, portanto, as influências midiáticas que podem contribuir para a negação da velhice, a partir de diversos artifícios (cosméticos, cirurgias, academias, suplementos alimentares e outros) que prometem devolver a jovialidade.

Com relação à sociedade que privilegia a juventude e a beleza, em seus estudos, Guerra e Caldas (2010) advertem que os próprios velhos agem na tentativa de negar a classificação de velhice, recorrendo aos mecanismos tradicionais, tais como tingir os cabelos e se submeter a cirurgias plásticas; ou seja, alguns (ou vários deles) buscam seguir o que a sociedade aponta como moda, temas de interesse e costumes para se manterem jovens.

Todaro (2009, p. 13) confirma que o bem-estar e a aceitação social parecem estar sempre associados ao corpo belo e jovem. O ideal de vida para todas as idades está explicitado em imagens veiculadas pelos meios de comunicação que exaltam atributos e valores juvenis. Nesse sentido, a idealização de consumo para manter o corpo jovem é uma estratégia do mercado e da indústria da beleza, motivadores de uma velhice consumista que acredita que os produtos “anti-idades”<sup>3</sup> podem retardar e até acabar com as marcas “indesejáveis” do envelhecimento.

A partir da evolução das tecnologias e da criação das redes sociais virtuais, observa-se que os usuários são colocados em constante troca de pensamentos e ideologias. Aguiar (2018) constata que o *Facebook*<sup>4</sup> é o maior *site* de relacionamento do mundo, contando com dois bilhões de usuários ativos. O Brasil é o terceiro país que mais possui usuários conectados no mundo, visto que, a cada 10 brasileiros com acesso à internet, oito possuem uma conta na referida rede.

De acordo com Morais *et al.* (2019), o país segue uma tendência mundial:

Observa-se o aumento de usuários idosos que utilizam a Internet. Conforme os dados demográficos de 2016, divulgados pelo IBGE, entre 2008 e 2013, o percentual de idosos usuários de Internet mais que dobrou. A faixa de brasileiros com 60 anos ou mais com acesso à rede passou de 5,7% para 12,6%, correspondendo a uma variação de 121% (IBGE, 2016 *apud* MORAIS *et al.*, 2019, s.p.).

Os autores supracitados ainda afirmam que o uso de *smartphones* está cada vez mais comum no cotidiano da terceira idade. Contudo, deve-se salientar que a tecnologia também pode configurar uma barreira na vida dos idosos que não mantêm familiaridade com o seu uso ou que não possuem condições de se atualizar diante das frequentes inovações. Assim, pode ser necessária a adaptação e aprendizagem para um adequado usufruto desses dispositivos.

Parte das informações divulgadas são positivas e contribuem para veicular informações importantes e transmitir conhecimento. Entretanto, a mídia também é constantemente usada para veicular preconceitos, que podem reforçar estereótipos de forma direta ou velada.

---

<sup>3</sup>A partir do século XXI, os termos “anti-idade”, “anti-peso” e a exposição do corpo segundo padrões de beleza passaram a ser o centro da gravidade estética em oposição às técnicas de camuflagem, além da exaltação das técnicas de prevenção.” (TEIXEIRA; FARIAS, 2017, p. 3).

<sup>4</sup>Adriana Aguiar é analista de Marketing da Rock Content, a pesquisa está na página “Marketing de conteúdo” na *Web*, publicado em 13 de agosto de 2016. Atualizado em 23 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://marketingdeconteudo.com/facebook/#estatisticas> Acesso em: 05-03-2018.

Considera-se que o *Facebook* configura relevante veículo de distribuição de informação, utilizado por pessoas de todas as idades. Ele pode exercer muitas influências sobre o sujeito, exibindo novos pontos de vista e diferentes culturas, apresentando novas possibilidades de enxergar o mundo. Além de entretenimento, fonte de informação e comunicação, essa mídia veicula valores e crenças de uma sociedade, constituindo importante fonte de opinião na reflexão sobre diversos aspectos culturais.

Para Soares (2008), as pedagogias culturais são mecanismos que possibilitam a construção das identidades, mediante diferentes formas pedagógicas que produzem significados, cujos poderes são camuflados por processos e práticas sociais que implementam, organizam e regulam as ideias que permitem e validam as ações.

Os variados formatos de mensagens divulgadas pelo *Facebook* têm o poder de ressaltar os valores e as crenças de uma sociedade, configurando-se como pedagogias culturais de causa e efeito sobre os agentes, nas identidades e subjetividades, “a partir dos quais eles veem certas coisas e não outras, e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 34).

Segundo Sodré (1996), a tecnologia se encarrega de reduzir as distâncias de tempo e espaço, levando a cultura a ser representada por efeitos instantâneos, globalizados e concomitantes. Na atualidade, a troca comunicacional em que um emissor envia uma mensagem a um receptor vai muito além desse simples gesto; as informações se misturam entre os sujeitos e a realidade de cada um. Assim, o mundo virtual passa a fazer parte do sujeito e vice-versa. Portanto, essa interferência comunicacional não separa o sujeito da realidade, já que um modifica o outro.

A mídia filtra e molda realidades, através de representações singulares e múltiplas, ditando caminhos para a condução da vida diária, mantendo e sustentando o senso comum (MINÓ; MELLO, 2019). E, como a mídia depende do senso comum, ela o nutre, reproduz, explora e distorce, fomentando preconceitos e influenciando valores, reflexões e experiências dos sujeitos (SILVERSTONE, 2005).

A partir dessas considerações, procura-se analisar a forma como o idoso é apresentado nas imagens e nos discursos veiculados na rede social virtual *Facebook*, uma vez que a velhice é considerada uma idade paradoxal: por um lado ela é valorizada e, por outro, ela é temida. Pressupõe-se que a velhice deva ser celebrada, por se tratar de uma fase que nem todos conseguem alcançar, posto que alguns morrem na juventude, outros na fase adulta. O

idoso que vivencia essa fase deve ter adquirido muitas experiências e vários conhecimentos durante sua vida, de modo que sua experiência o denota como detentor de grande sabedoria<sup>5</sup>.

Como **objetivo geral**, analisa-se a imagem dos idosos e da fase da velhice, na rede social *Facebook*, vista como pedagogia cultural e produção de sentido que moldam comportamentos e influenciam percepções.

Especificamente, pretende-se:

- Identificar quais as representações aparecem nas imagens e nos textos transmitidos no *Facebook*;
- Avaliar se as mensagens publicadas fomentam estereótipos positivos ou negativos socialmente construídos em torno da velhice;
- Examinar como a literatura brasileira mais recente (dos últimos vinte anos) interpreta as especificidades que envolvem o envelhecimento.

No processo investigativo, busca-se responder às seguintes questões: Como as imagens e os textos do *Facebook* reportam o idoso? O conteúdo postado nessa mídia nega ou reforça estereótipos ligados à velhice? Silverstone (2005) assegura que o mundo interativo pode reportar dois tipos de posicionamento: um que milita a favor, e outro que ofende, disseminando preconceitos.

Diante do poder de alcance do *Facebook*, utilizado por habitantes de quase todo o mundo, muitas são as influências que as publicações virtuais exercem sobre um indivíduo, apresentando novos pontos de vista e culturas, apresentando renovadas possibilidades de enxergar o mundo. Hjarvard (2015) postula que as novas mídias, como a internet e os telefones celulares, exercem uma profunda influência nas relações sociais e culturais contemporâneas. A rede supracitada tornou-se espaço onde os usuários revelam seus gostos, seu comportamento, sua opinião sobre questões cotidianas, excluindo ou ignorando o que não lhes interessa e compartilhando o que consideram conveniente.

Considerando que as representações sobre a velhice podem variar conforme as idades e as influências recebidas, avaliam-se os *posts* referentes aos idosos, na rede social *Facebook*, através da análise de imagens e de discursos de (e sobre) idosos.

O aporte teórico foi delimitado objetivando avaliar a imagem dos idosos nesse tipo de mídia, investigando se os comportamentos e as percepções são moldados como pedagogia cultural, conforme produções de sentido, sendo que as categorias de análise são: figura do

---

<sup>5</sup> A sabedoria abrange formas de adaptação que propiciam maximização de ganhos e minimização de perdas.

idoso; representação imagética (figuras e ilustrações utilizadas); e conteúdo discutido pelos idosos. As figuras utilizadas neste estudo foram coletadas, com a finalidade de identificar os dois tipos de estereótipos do envelhecimento nas publicações que demonstram uma velhice “íngrata” (com degeneração física e mental do idoso) e as que representam a valorização dessa fase de vida (com beleza e autonomia física e mental do idoso).

Para análise do conteúdo, foram estabelecidas quatro categorias, a saber: (1) fenômenos percebidos no corpo como marcas do processo de envelhecimento (exemplos: menopausa, rugas, perda da força física, diminuição da memória, surgimento de doenças e dor); (2) transitoriedade da vida, concebida pelo convívio com a espera da morte; (3) relações interpessoais na velhice (relações sociais); e (4) autorrealização, representada pelas metas e pelos desejos.

Ao se optar por apresentar um levantamento da literatura, a pesquisa foi voltada à comunidade acadêmica e científica, focando-se na discussão e compreensão do assunto escolhido, de modo descritivo. Para tanto, realizou-se um estudo das bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD (teses e dissertações); da *Scientific Electronic Library Online* – Scielo; e no Portal de Periódicos Capes, com as seguintes palavras-chave: pedagogia cultural; produção de sentidos; velhice; terceira idade; mídia virtual; e *Facebook*. Ressalta-se que a busca priorizou documentos em português, publicados no Brasil, filtrando aqueles publicados nos últimos 15 anos do século XXI.

Enquanto estudo teórico, as perspectivas apontam para a identificação de uma pedagogia que institui uma lista de procedimentos e técnicas que reforçam a (re)produção de tipos específicos de comportamentos, valores, hábitos, atitudes pessoais diretamente relacionados à sociedade na qual estão inseridos. Sugere-se, portanto, que há uma forma de regulação social que mantém determinados espaços de segregação de gênero, de idade e de sexualidade. Da mesma forma, pretende-se localizar algumas rupturas em representações sociais (do idoso) no *Facebook* – algumas postagens denotam restrições e fomentam estereótipos socialmente construídos em torno da velhice. Nesse caso, uma análise teórica da produção de sentido pode confirmar como os usuários do *Facebook* compreendem e manifestam as especificidades do envelhecimento.

A tendência do aumento da população idosa e a diminuição dos demais grupos etários revelam a necessidade de estudos que descortinem as diversas facetas do envelhecimento em contextos distintos. Analisando-se a forma como o idoso é retratado na mídia dos Estados Unidos da América e da Europa, Debert (2003) menciona que, após a década de 1970, os

anúncios publicitários e as postagens de diversas mídias tendiam a retratar o idoso de modo menos depreciativo que antes dessa década. Apesar disso, em tempos atuais, ainda são muitas as piadas e os anúncios que depreciam o idoso. Uma dessas mídias é o *Facebook*, uma vez que há grande troca de informações de todos os tipos, inclusive de forma pejorativa.

Nesse contexto, analisam-se as postagens do *Facebook*, considerando que essa mídia possui grande potencial de acesso e de divulgação. Tal canal está sempre à disposição e ao alcance de todos, podendo ser acessado a qualquer tempo e local, o que o caracteriza como difusor de pedagogias culturais. Em grande parcela, o *Facebook* se torna responsável por uma ‘opinião pública’ e pelo imaginário social, divulgando um discurso valorativo em relação ao idoso. “No imaginário social o envelhecimento é um processo que se desenrola com desgaste, limitações crescentes e perdas físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte” (GUERRAS; CALDAS, 2010).

O envelhecimento, em especial do universo feminino na sociedade contemporânea brasileira, é predominantemente associado a um processo negativo, notando-se uma constante busca pela preservação da juventude. A valorização da juventude transforma a representação da mulher comum em um processo difícil de ser desenvolvido positivamente (MENDONÇA, 2012, p. 71). Nesse sentido, é necessário um olhar mais sensível e positivo sobre o envelhecimento.

A partir da literatura atual (BOURDIEU, 1989; MINAYO; COIMBRA JR., 2002; MOTTA, 2002; FREIRE FILHO, 2004, MONTEIRO, 2005; TODARO, 2009; AGRA DO Ó *et al.*, 2010; GUERRAS; CALDAS, 2010; SPINK, 2010; VALADARES; VIANNA; MORAIS, 2013; GAETA; MELLO; HAYAR, 2017), nota-se que o envelhecimento humano tem sido objeto de estudo de várias ciências, como a medicina, por exemplo, campo que oferece aspectos relevantes em busca de melhorias na área da assistência aos idosos.

Em contrapartida, Valadares, Vianna e Morais (2013) apontam a necessidade de mais estudos sobre especificidades do envelhecimento humano, destacando que somente 1,4% dos Grupos de Pesquisas (GPs) estudam o assunto, sendo 36,91% localizados na região sudeste e sua maior concentração está nos estudos da saúde coletiva, em um total de 14,9%.

Diante dessa realidade, neste estudo, procura-se proporcionar maior entendimento sobre as especificidades que envolvem os idosos, público que vem crescendo aceleradamente e cuja realidade, carece, portanto, de estudos que contribuam com informações mais abrangentes.

Espera-se, assim, que, com esta pesquisa seja possível contribuir para subsidiar políticas públicas e desenvolvimento de ações efetivas para valorização dos idosos, para que tenham a oportunidade de participar da vida social de forma mais ativa e com maior qualidade de vida.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, são apresentadas as bases teóricas que fundamentam esta pesquisa. Inicialmente, são abordados os conceitos da violência simbólica, segundo Bourdieu (1989), para depois relacioná-la à sociedade contemporânea. Em seguida, são expostas as características da pedagogia cultural, esta que possui caráter modelador do comportamento. Outra literatura importante compreende a representação da velhice, nos âmbitos das mídias sociais de uma sociedade contemporânea. Tratando-se das mídias sociais, faz-se um destaque para o *Facebook* e a repercussão de suas publicações. Da mesma forma, busca-se esclarecer o processo de construção da população idosa e de sua identidade, considerando-se o corpo como sistema simbólico. Essa revisão culmina na abordagem da produção de sentido e no papel da mídia, apresentando-se conceitos e considerações importantes no contexto da velhice.

### 2.1 Representação da velhice

Dias *et al.* (2014) explicam que o envelhecimento pode ser representado de forma diversa. Os autores advertem que, no atual contexto, compreender essas diferentes representações sociais torna-se importante por trazer elementos que podem auxiliar na construção de uma velhice saudável e satisfatória.

A representação social é caracterizada como um conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, com uma finalidade prática, e que colabora para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Em geral, a sociedade prioriza a valorização da juventude em detrimento da velhice; mas é importante haver espaço, em nossa cultura, para a vivência da heterogeneidade.

Oliveira (2018, p. 27) conclui que

[...] as representações da velhice são complexas. Se, por um lado, o movimento contemporâneo para promover o envelhecimento ativo é positivo, pois incentiva o cuidado com a saúde, a socialização e a busca pelo prazer, por outro, abre-se espaço para a discriminação e o preconceito com relação à parcela da população idosa que não corresponde às expectativas que estão sendo geradas, bem como para a supressão de direitos previamente adquiridos, uma vez que os aspectos negativos são tornados invisíveis e, portanto, não são mais debatidos pela sociedade.

Outra representação diz respeito ao velho ser visto como alguém cujo tempo é o passado. Nesse caso, a velhice seria apenas um período de espera pela morte, ou seja, um período de declínio, o que negaria a possibilidade de um futuro. O autor admite que a velhice pode ser vista como uma conquista, “uma vitória; uma prova de resistência, um desafio para fortes; uma fase de humilhações e falta de dignidade; degradação; vulnerabilidade” (MERCADANTE, 2009, p. 42). Portanto, existem representações que naturalizam a fragilidade e a dignidade na velhice que se mesclam às representações que as condicionam ao ambiente envolvendo superação.

Dias *et al.* (2014) confirmam que, quando as representações sociais são relacionadas ao “sofrimento” (ora do idoso; ora causado pelo idoso – “fardo” – ora uma associação deles), e à “dependência”, essa condição parece irreversível, fazendo com que argumentos que justificam a morte sejam uma saída digna, sensata.

Para Guerra e Caldas (2010), em geral, a visão preconceituosa sobre o envelhecimento decorre da insuficiente informação a respeito dessa fase do desenvolvimento humano, gerando significados e imagens negativas, o que compromete a vivência e a interação entre as pessoas. Esses significados compõem estereótipos que podem levar à exclusão dos idosos na sociedade e promover o seu isolamento.

Os estereótipos constituem a abstração em virtude da qual minha individualidade é alegorizada e transformada em ilustração abusiva de outra coisa, algo não concreto e não individual. Como forma influente de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável, o natural e o patológico, o cidadão e o estrangeiro, os *insiders* e os *outsiders*, Nós e Eles. Tonificam a autoestima e facilitam a união de todos “nós” que somos normais, em uma “comunidade imaginária”, ao mesmo tempo em que excluem, expelem, remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente (FREIRE FILHO, 2004, p. 47-48).

Diante desse contexto, observa-se que os rótulos precisam ser conceituados (e contestados), por se tratar de subterfúgios de idealização simbólica, visando naturalizar, universalizar e legitimar normas sociais de conduta.

Ao propor identidades e valores provenientes de estruturas de dominação social vigentes, percebe-se a investida frequente das classes dominantes em moldar a sociedade de acordo com suas concepções de mundo, seu padrão dominante de valores e sua tenacidade, de forma que sua autoridade governe de maneira que pareça natural, inevitável e que todos assim

o desejem. Os meios de distribuição de informação são importantes fontes de difusão e legitimação dos rótulos que contribuem para a propagação de pânicos morais.

Minayo e Coimbra Júnior (2002) afirmam que o envelhecimento é visto como um processo negativo, impregnado de estereótipos que impedem a construção de uma identidade positiva do idoso.

Silva (2017) observou que os pré-idosos, pessoas entre 50 e 59 anos, participantes de sua pesquisa, não consideravam a velhice algo positivo, e não estavam preparados para envelhecer. Em pesquisa similar, Minayo e Coimbra Junior (2002) atestaram que o tema envelhecimento é complexo, pois as pessoas se recusam a reconhecer as especificidades que envolvem o envelhecimento e fazem generalizações, relacionando envelhecimento a doença, privação, dependência, tristeza e frustração.

Para Motta (2002), os modelos cristalizados de preconceito social se amparam na imagem corporal de quem não se espera vigor ou dinamismo. A postura do corpo é um meio de comunicação instantânea, que se configura conforme idade e gerações.

Se o tempo é uma abstração, ele só existe em nossa consciência. Portanto, temos todos os tempos: somos o verão que aquece, somos a primavera que desabrocha, somos o outono que contempla, somos o inverno que silencia. Em suma, somos todas as estações. Em nosso presente encontra-se também o passado e o futuro (MONTEIRO, 2005, p. 63).

Por conta da carga de preconceitos que os velhos enfrentam, muitos deles resistem à velhice revelada em seus corpos, buscando meios de retardar essa fase, através do vestuário, de cosméticos e intervenções cirúrgicas. Esse comportamento pode ser fruto da pressão social sofrida por se possuir um corpo biologicamente envelhecido e, por causa do olhar de censura da sociedade, os velhos buscam formas de maquiar a realidade.

O corpo dos velhos é o corpo ‘diferente’, comparado – em desvantagem – com o modelo de corpo e beleza jovens vigente na sociedade, manipulável para se aproximar deste. Uma série de profissionais cuida desse aspecto: ‘alimentação saudável’, exercícios físicos, ainda mais eficazes se realizados ‘sob orientação especializada’ em academias ou com um *personal trainer*, dança de salão, moda mais jovem etc. (MOTTA, 2002, p. 43).

Conforme mencionado, o preconceito em relação aos idosos decorre da supervalorização da juventude como única forma de beleza e dinamismo. Frequentemente, os

idosos são excluídos, porque a sociedade tem a juventude como um de seus principais valores. Com isso, muitas pessoas de idade avançada, por não usufruírem do lazer e da sociabilidade, optam pela privação dos seus lares, sendo vistos como decadentes.

A cultura ainda nos impulsiona a valorizar o jovem e tende a associar a imagem da pessoa idosa a perdas, deficiências e falta de beleza. Por esse motivo, é preciso valorizar a heterogeneidade cultural e individual, caso contrário, corre-se o risco de não se conferir importância adequada à influência dos fatores biopsicossociais no envelhecimento (GAETA; MELLO; HAYAR, 2017, p. 93-94).

Segundo Todaro (2009), a aceitação social e o bem-estar dos agentes estão sempre relacionados a um corpo jovem como referencial de beleza. Os meios de comunicação veiculam imagens com atributos e valores juvenis como ideais para todas as idades, internalizando a juventude como referencial de beleza, assim como o do consumo, do descartável, da individualidade, e do ritmo frenético, que não são características próprias dos mais longevos. Portanto, esse ideário social determina a busca pelo modelo de juventude eterna.

Além disso, a sociedade não deu conta de acompanhar a evolução do crescimento do número de idosos. Nesse sentido, torna-se necessário criar caminhos para reduzir os artifícios que disseminam o preconceito sobre os longevos. Com o novo cenário que envolve a longevidade, a sociedade precisa tratar de forma mais respeitosa os velhos, considerando a oportunidade de envelhecer como fator positivo.

As novas tecnologias na medicina, saúde pública e nanotecnologias fizeram florescer a possibilidade do prolongamento da vida, mas não é ao mesmo tempo que a sociedade absorve essa transformação e esse ganho de anos a mais acaba sendo visto pela ótica do risco, que orienta as políticas sociais e assim não se percebe o lado positivo desse longeviver (GAETA; MELLO; HAYAR, 2017, p. 94).

A população ativa (inclusive os próprios familiares) pode perceber o idoso como um fardo, devido às despesas públicas e privadas – alimentação, saúde e aposentadoria. Como corroboram Guerra e Caldas (2010, p. 2934), em uma sociedade capitalista, “o trabalho é o maior preditor da qualidade de uma pessoa. Isto pode ser evidenciado nas imagens dos idosos quando relatam a velhice como perda de capacidade laborativa e aposentadoria, por exemplo”.

Segundo Minayo e Coimbra Júnior (2012), nos tempos modernos, a visão depreciativa sobre os mais longevos vem sendo alimentada pela ideologia ‘produtivista’ que sustentou a sociedade capitalista industrial. Nesses termos, uma pessoa que está impossibilitada de trabalhar e possuir sua própria renda é vista como alguém que pouco ou nada serve para sua comunidade ou país.

Neri (2007) confirma que muitos preconceitos e estereótipos são resultado de diversas crenças, sobre competência e produtividade dos mais velhos, motivadas por razões econômicas. Diante dessa visão, frequentemente, os velhos são alvos de discriminação social, por serem vistos como incapazes e improdutivos.

O Estatuto do Idoso possui dispositivos que podem ser apontados como exemplo de estereótipos compassivos, que podem mais prejudicar do que proteger os idosos (NERI, 2007), como exemplo os artigos 2º e 3º, que asseguram absoluta prioridade ao idoso quanto à efetivação dos seus direitos:

Art. 2.º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3.º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2007).

Iniciado com a promulgação da Constituição de 1988, o Estatuto do Idoso constitui grande avanço da legislação brasileira, havendo intensa participação das entidades de defesa dos interesses dos idosos. Isso ampliou, significativamente, a resposta do Estado e da sociedade às suas necessidades. O referido texto aborda os mais variados aspectos, tratando direitos fundamentais e até o estabelecimento de penas para os crimes cometidos contra esses indivíduos (BRASIL, 2007).

Destarte, no Brasil, o atendimento individualizado depende do poder econômico de determinada categoria social, privilegiando os que possuem maior potencial econômico. Os idosos sofrem maior discriminação, assim como os pobres e os de baixo nível de instrução,

sendo facilmente identificados nas filas dos hospitais públicos e no atendimento pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS).

Neri e Jorge (2006) descrevem os estereótipos compassivos, quando se referem ao velho como aquele que é dependente, sem poder político, sendo alvo de intolerância e conflitos com os mais jovens, no âmbito da família e das instituições. Como são vulneráveis, os responsáveis pelo cuidado acabam por oferecer a ele um tratamento com superproteção, comprometendo ainda mais sua autonomia.

Na contramão de pensamentos e atitudes negativas que levam ao preconceito e à discriminação, envolvendo os mais longevos, existem outras formas de envelhecer: há idosos que levam uma vida dinâmica e ativa, repleta de bem viver. Na atualidade, muitas são as pesquisas que comprovam esse outro lado do envelhecer, caracterizado pela positividade, saúde (vigor) e pelo dinamismo.

“Doenças, limitações físicas e morte ocorrem em qualquer idade. Há velhos que desenvolvem patologias capazes de cercear severamente sua independência física, assim como existem os que se mantêm com saúde, autonomia e ativos” (ABREU, 2017, p. 131).

Segundo Gaeta, Mello e Hayar (2017), a modernidade aponta para a necessidade da desconstrução da imagem negativa do velho e do envelhecimento. Cabe ressaltar que os idosos não são mais os mesmos, e seu papel social vem se alterando, em razão das transformações ocorridas no núcleo familiar, que adotaram o estilo de vida útil, ativo e prazeroso.

Gaeta, Mello e Hayar (2017) comprovam que mitos e lendas assolam a velhice, sendo necessário desconstruir preconceitos e visões estereotipadas ou estigmatizadas. Salienta-se que a velhice não precisa ser sinônimo de declínio, perda de força ou potência, sempre em contraste com a juventude, que geralmente representa poder e virilidade.

Nesse sentido, é preciso romper com os mecanismos que levam aos pensamentos negativos sobre o envelhecimento, uma vez que é para onde a humanidade caminha. “É preciso criar uma ‘cultura do envelhecimento’ para que mudanças necessárias aconteçam e permitam que as pessoas vivam e aceitem, o envelhecimento e a velhice, de forma positiva” (GAETA; MELLO; HAYAR, 2017, p. 94). Para isso, deve-se mudar a imagem que a sociedade faz do idoso.

Goldemberg (2013) defende a beleza na velhice e exemplifica idosos conhecidos e ativos, como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Paul McCartney, que chegaram aos setenta anos levando uma vida ativa e fazendo tudo o que ainda desejam. Outro autor que confirma a

possibilidade de um envelhecimento digno é Monteiro (2008), que acredita que, quanto mais informado, menos o ser envelhecete corre o risco de cair nas armadilhas das indústrias de cosméticos que apregoam uma juventude eterna.

Assim, quanto mais a pessoa buscar se informar, mais chance terá de envelhecer de forma saudável e com qualidade de vida. Todaro (2009), por sua vez, defende a importância das relações intergeracionais e a continuidade de aprendizagem através dos estudos, que mesmo na velhice se mostra importante.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) explica que a velhice pode assumir contornos muito variados, em função da heterogeneidade da população, em termos de renda, saúde, escolaridade etc. Existem velhos mais novos, com idade mais próxima dos 60 anos e outros mais velhos, com idades em torno dos 80 anos, como também há os velhos centenários. Portanto, são especificidades que tornam o envelhecimento diferente, para agentes distintos, cada um com sua própria maneira de envelhecer. Por isso, não se deve generalizar a velhice como algo negativo (DEBERT, 2012).

Na visão de Monte *et al.* (2015, s.p.), os avanços tecnológicos podem proporcionar à população idosa melhor qualidade de vida e, conseqüentemente, uma maior expectativa de vida. “Apesar das dificuldades cognitivas e motoras do idoso, este não pode ser excluído dessa sociedade modernizada”. Nesse sentido, a chamada inclusão digital pode proporcionar mais autonomia na execução de tarefas cotidianas – essa inserção tecnológica deve ser algo que possibilite o acesso às informações, para o idoso sair da usual monotonia (MENEZES, 2019).

Com a tendência do aumento na faixa etária de idosos nos próximos anos, é necessário preocupar-se com a qualidade de vida para estas pessoas no que se refere à acessibilidade, visto que é possível identificar neste grupo, nos próximos anos, um mercado expressivo a ser atendido, inclusive por meio da internet (LECHAKOSKI; WILDAUER, 2019, p. 3).

Casadei *et al.* (2019) apregoam que incluir socialmente não é apenas ensinar o uso dos dispositivos tecnológicos, incluir é fornecer oportunidade ao indivíduo, para que ele desenvolva habilidades que facilitem a interação com a sociedade.

Além disso, há novas formas de comunicação e aprendizagem que podem atualizar esses indivíduos acerca do seu estado de saúde e social. Segundo os autores, o idoso que sabe

usar a internet pode obter maior bem-estar social, uma vez que podem ser geradas independência e autorrealização.

Vale pontuar que há certas peculiaridades na interação dos idosos com a internet que não ocorrem com os demais indivíduos, devido aos seus objetivos e experiências. Nesse sentido, nota-se que essa interação tende a ser diferenciada, pois os idosos possuem, além das limitações provenientes do envelhecimento, outros interesses ou maneiras de contemplar a internet, por sua condição atual ou suas histórias de vida, gerando, portanto, uma demanda específica aos provedores de serviços na internet (LECHAKOSKI; WILDAUER, 2019).

Kachar (2010), em seu estudo sobre o envelhecimento saudável (senescência) e as perspectivas de inclusão digital, postula que o envelhecimento é considerado um estigma de perdas relacionadas à mobilidade física, à visão, à audição, independência e aos afetos, ou seja, um estereótipo que geralmente dificulta observar expectativas e desejos. Contudo, a autora destaca o envelhecimento ativo, no qual existem situações de aprendizagem para que se desenvolvam novas habilidades e conhecimentos. Nessa perspectiva, o surgimento de iniciativas e programas de inclusão digital pode induzir a “navegação”, o entretenimento, a orientação espacial entre outras possibilidades.

O perfil do idoso do século XXI mudou quando ele deixou de ser uma pessoa que vive de lembranças, recolhido em seu aposento, para uma pessoa ativa, capaz de produzir, participante do consumo, que intervém nas mudanças sociais e políticas. Mostrando assim que seu estereótipo cristalizado é algo preconceituoso e antigo decorrente de uma população que não dá à devida importância a integração dos idosos com o meio em que vivem (MONTE *et al.*, 2015, s.p.).

A inclusão digital constitui, portanto, a oportunidade de se realizar a integração do idoso com o intuito de buscar qualidade de vida e até mesmo educação pessoal. Trata-se de uma alternativa benéfica para um envelhecimento saudável, além de proporcionar maior amplitude de (des)informações e um desenvolvimento cognitivo e funcional. O Estatuto do Idoso abrange esse direito e prevê punições a quem os viola, em seu Art. 21, § 1º: “os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna” (BRASIL, 2007).

Segundo Casadei *et al.* (2019), promover ações políticas para a inclusão digital dos idosos é uma maneira de atender à legislação vigente, além de oportunizar a eles o resgate da autonomia, autoestima, cidadania e do sentir-se útil.

Lechakoski e Wildauer (2019) descrevem alguns benefícios que o uso da internet pode trazer aos idosos: auxiliam na manutenção da saúde, assim como o corpo deve ser exercitado para estimular a saúde, a atividade mental pode modificar o comportamento acomodado que alguns idosos adotam ao envelhecer já que a tecnologia, quando convenientemente utilizada, pode facilitar o processo de comunicação incitando as relações interpessoais. Além disso, de acordo com os mesmos autores, a internet pode reduzir o isolamento, estimular a mente e melhorar a sensação de bem-estar, mantendo as pessoas em contato com parentes e amigos, em um ambiente de troca de informações.

Outros benefícios proporcionados pela inclusão digital, citados por Monte *et al.* (2015), são: cooperação contínua, solidariedade entre os participantes, aumento da autoestima, acessibilidade, entre outros:

[...] pode auxiliar na prevenção de doenças psíquicas e mentais a exemplo da depressão e do Alzheimer, uma vez que a tecnologia também funciona como uma válvula de escape para tais pessoas. Tendo em vista que este contato com o mundo digital deve também ser feito de forma a unir os laços afetivos entre as pessoas, desenvolvendo a sua capacidade de interagir com o meio que o cerca em toda a sua totalidade; unindo o idoso às famílias, aos jovens e a sociedade em geral (MONTE *et al.*, 2015, s.p.).

Kachar (2010) aponta a perspectiva de serem implementados espaços de alfabetização e letramento digital voltados para indivíduos de 45 anos ou mais, como as universidades abertas aos idosos:

É recomendável incorporar às programações curriculares, estratégias pedagógicas com informática, propostas com games e atividades de imersão em ambiente virtual. Devem ser respeitadas as condições de entendimento e interesse do público, com vistas à inclusão no contexto das evoluções tecnológicas, numa aproximação gradativa e progressiva com o universo digital que se dissemina em todos os setores da sociedade (KACHAR, 2010, p. 146).

A autora relata que uma aluna da terceira idade lhe confidenciou que, depois de receber aulas de informática, adquiriu maior confiança e facilidade para lidar com a tecnologia, por exemplo, com os caixas eletrônicos. Dessa forma, nota-se que a população idosa, na dinâmica de transformação tecnológica, pode aumentar significativamente o grau de autonomia, e desenvolver novos projetos de vida em direção ao exercício da cidadania e do bem-estar.

A inclusão digital pode significar, portanto, um recomeço para a realização de tarefas que antes não fazia parte da rotina do idoso, mas que hoje pode ajudar a melhorar muitos aspectos do seu cotidiano.

Em geral, a representação da velhice, nas diversas mídias, é bastante depreciativa. A imagem dos idosos quase sempre é estereotipada e marcada por preconceitos. Os estereótipos divulgados pela mídia se amparam na ideia do aparecimento de doenças, perdas e limitações. Contudo, esses aspectos não se encontram diretamente ligados à velhice, uma vez que existem idosos que levam uma vida ativa, fazem atividade física, provêm seus lares e cuidam de netos. Enfim, vivem com dinamismo. Do mesmo modo, há jovens que possuem algum tipo de doença, limitação e incapacidade para prover o próprio sustento. Em resumo, essas características não são exclusivas dos mais velhos, e também não se pode considerá-las negativas, mas sim qualificadas por atitudes e posicionamentos de uma determinada cultura.

Brito *et al.* (2017) apontam que a representação social de boa velhice se constituiu pelas dimensões econômica, familiar e comportamental. Nesse contexto, o alcance da boa velhice está relacionado às condições financeiras que proporcionem qualidade de vida, apoio familiar, cuidado de saúde e manutenção de relacionamentos que ocorra ao longo do processo de envelhecimento, proporcionando bem-estar por meio da manutenção de atividades.

Vianna, Loureiro e Alves (2012) citam estudos em que a velhice aparece como sinônimo de morte, para muitos idosos. E, para a sociedade de modo geral, “morte e velhice são encaradas como sinônimas, ambas constituindo um tabu, uma ameaça à ilusão de imortalidade alimentada pelo mundo moderno” (p. 119).

Do mesmo modo, Le Breton (2011, p. 227) destaca que

envelhecer, para a maior parte dos ocidentais, sobretudo nas camadas populares, mas não somente, é entregar-se a um lento trabalho de luto, que consiste em despojar-se do essencial daquilo que foi sua vida, em desinvestir as ações outrora apreciadas, e em admitir pouco a pouco como legítimo o fato de possuir apenas um controle restrito sobre sua existência.

De acordo com Montaleone *et al.* (2015), os meios de comunicação são elementos fundamentais para a caracterização de uma demanda de constante ajustamento e reorganização dos esquemas e das imagens corporais, já que estes dialogam com as definições que se obtém a partir dos outros e, por consequência, dos meios midiáticos. Assim, os meios

de comunicação têm influenciado diretamente na valorização e na divulgação de um corpo perfeito (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011).

Segundo Castro e Camargo (2017), o estudo das representações sociais da velhice ou do processo de envelhecimento deve considerar também os estereótipos que permeiam o espaço social (JODELET, 2009). Alguns objetos sociais podem ter conteúdos semelhantes ou idênticos, compondo categorias de estereótipos e do núcleo das representações sociais. No estudo realizado por Moliner e Vidal (2003), os idosos são descritos pelos jovens como pessoas que dispõem de muito tempo livre, que apresentam doenças e possuem valores tradicionais, relacionados à experiência e sabedoria. Para os autores, os estereótipos acerca do idoso são similares às representações sociais do idoso apresentadas por esses jovens. O envelhecimento mantém relações estruturais com amplas noções que podem representar objetos sociais relevantes para determinados grupos etários. Nesse sentido, parece crucial conceber o envelhecimento dentro de um sistema de representação, de um conjunto de representações, que são interligadas e mutuamente dependentes entre si, formando uma estrutura de ordem mais elevada (NAGEL; CONTARELLO; WACHELKE, 2011).

Magnabosco-Martins *et al.* (2009) investigaram as representações sociais do idoso e da velhice, em diferentes faixas etárias, salientando que a representação social da velhice tem sua objetificação na figura do idoso, com destaque para a polarização entre atividade e inatividade. Para Castro e Camargo (2017), os participantes da pesquisa realizada tratam como equivalentes as palavras “velhice” (negativa) e “velho”; e as expressões “espírito jovem” (positiva) e “idoso jovem”. Nesse contexto, o idoso considerado saudável seria aquele que permanece ativo, ao se atualizar diante de novas informações e se adaptar a ritmos e desejos. Assim, a velhice parece estar associada ao envelhecimento com sucesso, em que há um equilíbrio entre ganhos e perdas, a partir da manutenção das atividades cotidianas.

Em relação ao uso das redes sociais, mais especificamente do *Facebook*, observa-se que os usuários se definem, para si e para o outro, revelando parte da sua personalidade e postura enquanto ser social, o tipo de reportagem, imagem e *memes*<sup>6</sup>, que terá identificação e vontade de reproduzir.

Conforme Silverstone (2005, p. 204-205):

---

<sup>6</sup> *Meme* é um termo grego que significa imitação. Segundo Raquel Recuero, os *memes* são informações padrão que circulam entre os usuários das redes sociais virtuais. “Memes são ideias, padrões de informação, que circulam ‘mente a mente’”. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2008/05/memes-motivaes-blogs-e-redes-sociais.html>> Acesso em: 20-08-2017.

as culturas híbridas que se formam tanto no centro como na periferia do sistema mundial, culturas ainda significativamente moldadas por políticas culturais nacionais, aparecem em todos os níveis. E nós, pois essas são as nossas culturas, nos confrontamos com uma constante interação de identidade e diferença.

Félix e Santos (2011) ressaltam que as redes de comunicação de mídia são fatores determinantes na representatividade da velhice, uma vez que abrem caminho a processos de influência e de manipulação social. Desse modo, destaca-se a acuidade da comunicação social, que, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, emerge como condição de possibilidade e determinação das representações sociais.

A mídia social, a exemplo do *Facebook*, permite a circulação de representações da velhice cujo conteúdo engloba aspectos positivos que favorecem novos vínculos afetivos e a aquisição de novos conhecimentos. É possível, portanto, veicular representações que refletem o “envelhecimento bem-sucedido”, que consiste em considerar ter nessa fase saúde e autonomia, ou mesmo como uma retração geral do desenvolvimento humano.

Luz e Amatuzzi (2008) concordam que o envelhecimento não alude essencialmente aspectos negativos como perdas, doença e afastamento, mesmo que sejam comuns circunstâncias de vida não favoráveis à expressão de felicidade, tais como privação econômica, isolamento social, perda de amigos e doenças crônicas.

Na mídia, há diferentes formas de se conceber a velhice: ora como uma categoria referenciada no passado, pensando nas aquisições possibilitadas pela experiência de vida, ora remetendo-se ao presente, ressaltando-se a possibilidade de se vivenciar novas experiências através de um envelhecimento mais ativo. Contudo, é comum que o idoso apareça como vítima da violência social, manifestada no preconceito, no abandono, nos maus-tratos, etc. (FÉLIX; SANTOS, 2011).

“Velho” passou a ser uma palavra politicamente incorreta, por estar associada à ideia de coisa inútil ou imprestável e o discurso midiático reflete essa mudança histórica e cultural. Trata-se de mais um esforço em mudar a valoração negativa e carregada de estereótipos em torno da velhice, como destacam Félix e Santos (2011, p. 373):

Considerando-se a ampla cobertura da mídia escrita acerca dos fatores relacionados ao processo do envelhecimento, vale retomar a importância da comunicação social na construção e/ ou difusão de uma representação social. A mídia é determinante na construção de dada representação, na medida em

que favorece processo de influência e manipulação social. Os discursos veiculados em jornais de grande circulação também são impregnados de significações e possibilitam substituir teorias espontâneas, incidindo no pensamento social. Ao mesmo tempo, a mídia também é influenciada pelas trocas informais.

Portanto, constata-se que a mídia possibilita a emergência de novas representações sociais, além de reproduzir discursos já circulantes na sociedade.

Gouveia *et al.* (2016) concluem que as redes sociais têm sido positivamente associadas à qualidade de vida e ao bem-estar do idoso, designadamente por lhe permitir lidar com ambientes estressantes ou experiências de vida difíceis. Contudo, vale ressaltar que, além dos efeitos positivos das redes sociais no seu bem-estar, pode haver ainda um efeito negativo nos indivíduos, como sucede, por exemplo, quando há maus-tratos à pessoa idosa, por parte de um ou mais elementos da sua rede social.

A seguir, são retratados os fenômenos decorrentes do processo de envelhecimento, incluindo transformações do corpo, autopercepções de idosos, características relacionadas ao envelhecimento, segundo diferentes autores.

A imagem da velhice pode ser facilmente associada ao negativismo, quando baseada na decadência física. Por outro lado, pode surgir uma nova imagem, dessa vez positiva, que assume a autonomia e a liberdade da referida fase. Para compreender a coexistência das duas imagens – negativa e positiva, é preciso considerar a representação social<sup>7</sup> da velhice, assim como seus elementos recorrentes e estruturais (HUMMEL; LALIVE D'EPINAY, 2005).

Silva-Jardim *et al.* (2006) buscaram entender como os idosos representam a velhice por meio da autopercepção desse processo, evidenciando imagens e representações dos idosos a respeito do envelhecimento, através de entrevistas com idosos (dez). Para tanto, os autores questionaram a visão do envelhecimento, identificando, assim, frustrações, conflitos e dramaticidade na forma como os entrevistados vivenciavam a velhice. Contudo, não foram percebidos sentimentos de rejeição ou de inferioridade; a velhice foi associada a diferentes problemas, como doença, aparência do corpo e desrespeito com a pessoa idosa. Houve casos

---

<sup>7</sup> A representação social pode ser definida como resultado de processos psíquicos e cognitivos individuais, que formam um conhecimento elaborado a ser compartilhado dentro de um conjunto social para formar uma realidade comum entre os indivíduos desse conjunto. Trata-se de uma representação da palavra que consiste em pensamentos, ideias, imagens, opiniões e organização de conhecimento mais ou menos disponíveis na consciência do sujeito. O termo utilizado na representação tende a substituir ou interpretar objetos ou sujeitos, substituindo a nomeação inicial ou dando significados compreensíveis àqueles, numa dada sociedade (GUERRA; CALDAS, 2010).

em que se notou a negação em estar velho, associando-se essa fase a perdas, doenças e incapacidades.

Faller *et al.* (2009) concordam com o fato de que “nem sempre a velhice é associada à presença de doenças e incapacidades, mas quando existe essa associação, os idosos tendem a apresentar imagens negativas da velhice”.

Quando se fala em transformações do corpo, observa-se que

[...] os cabelos embranquecem e tornam-se mais ralos. Os pelos embranquecem, embora proliferem em certos lugares. A pele se enrugua. As orelhas alongadas estão entre as manifestações mais óbvias da perda de elasticidade do tecido no corpo. A espessura dos sulcos da pele é significativamente reduzida no antebraço e dorso das mãos (MENEZES *et al.*, 2009).

Nota-se um despreparo das pessoas na aceitação de mudanças corporais, por causa da forma como o avaliamos. “O nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos covariantes” (MERLEAU-PONTY *apud* MENEZES *et al.*, 2009).

Lalivie d’Epinay (2005) relata que as representações sociais dos idosos são compostas por duas noções principais: a velhice como uma idade caracterizada pela exclusão da vida comum (marcada pela perda do significado da vida); e a exclusão e o conceito de vida normal possuem formas e contextos distintos, conforme determinam a sociedade e a cultura do idoso. Desse modo, o autor identificou algumas representações associadas à incapacidade, perda da utilidade social, morte social, ausência de prazeres e ao declínio da imagem. Tudo isso decorre da limitação das atividades a serem realizadas por idosos, das dores, do cansaço, falta de vigor, perda de memória etc.

Estudando as dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento, Guerra e Caldas (2010, s.p.) confirmam que a representação da velhice também pode estar associada à saúde, ao bem-estar ou à doença, sendo essas condições determinantes para que o idoso decida praticar atividades sociais (trabalho e lazer). Nesse sentido, as limitações podem surgir conforme a autopercepção da qualidade de vida durante o processo de envelhecimento.

Em outros termos, entende-se que a velhice apresentada como sinônimo de doença e a negação pode estar relacionada à influência dos estereótipos sociais preestabelecidos, em relação ao processo de envelhecimento.

Santos (2002) também constatou que frequentemente os idosos relacionam velhice e doença, como se esse conceito fosse imposto e não realmente sentido. Para a autora, os idosos tendem a mostrar primeiro o lado negativo de suas vidas, demonstrando, desse modo, que precisam da atenção de terceiros (familiares e amigos).

Conforme Queiroz e Netto (2007), os idosos tendem a representar suas angústias e dificuldades emocionais através de queixas corporais, levando-as principalmente aos serviços de saúde, para receberem atenção. Dessa forma, “o envelhecer de maneira bem-sucedida depende dos recursos de que se dispõe para enfrentar as dificuldades, da história de vida e da forma como cada um entende o processo de envelhecimento e a velhice” (GUERRA; CALDAS, 2010, s.p.).

Os informantes identificam carência afetiva, econômica, inutilidade, dependência, desamparo, marginalização e isolamento como características dessa fase. Em contraste com essas visões externas, nas histórias de vida podem surgir imagens mais positivas do envelhecimento. Para a grande maioria, a família, em particular os filhos, constitui a primeira fonte de suporte em todas as áreas. Nos relatos, a questão financeira está ligada à saúde, como possibilidade ou não de preservá-la ou recuperá-la (GUERRA; CALDAS, 2010, s.p.).

Hummel e Lalive d’Epinay (2005) garantem que, no contexto social, o envelhecimento é assimilado de forma destrutiva, fazendo com que o idoso se identifique ao fracasso, doença, sofrimento e exclusão. Os autores em questão ressaltam que cada idoso depreende a velhice de uma forma distinta, variando da passividade, do comportamento depressivo, do isolamento à postura agressiva, rebeldia e intransigência.

Alguns fatores como aposentadoria obrigatória, adoecimento, exclusão social, perda do respeito e prestígio na família e/ou no ambiente de trabalho podem favorecer reações negativas. Tudo isso pode levar à “percepção de insulto e exclusão antecipada, principalmente quando esses indivíduos, durante a fase laborativa, possuíam alto prestígio e poder profissional” (GUERRA; CALDAS, 2010, s.p.).

Ao analisar estudos e trabalhos científicos, foram encontrados relatos de queixas e glórias do envelhecimento, que podem ser aceitas como dificuldades ou recompensas.

As dificuldades e, ou problemas na velhice são descritos como degeneração física e mental, incapacidade, perda do papel social, aposentadoria, esquecimento, senilidade, raciocínio lento, desgaste físico, perda de resistência, doença, demência, inatividade, declínio da imagem, declínio da aparência do corpo, surgimento de rugas, preconceito, desrespeito,

assexualidade, dependência, exclusão dos prazeres da vida, rejeição familiar, depressão, abandono, solidão, tristeza, isolamento, proximidade da morte.

Por outro lado, as vantagens e as recompensas nessa fase incluem experiência, autoconhecimento, independência, integração, autonomia física e mental, presença de apoio e suporte familiar, participação em grupos extrafamiliares, passe livre em transporte coletivo e fila preferencial. De modo geral, as recompensas dependem das escolhas dos idosos – sejam essas possibilidades construídas ao longo da vida, como recursos financeiros, afeto da família e desenvoltura nas redes sociais.

Nesse contexto, Santos (2002, p. 8) aduz que não se pode generalizar os estereótipos e as (auto)percepções sobre a velhice, pois cada população apresenta uma situação socioeconômica distinta, uma cultura particular, além de haver regionalidades e individualidades de cada idoso.

Apesar de haver mais perdas do que ganhos na fase da velhice, esta não pode ser considerada sinônimo de derrota, de doenças, nem de limitações para a maioria daquelas atividades desenvolvidas enquanto se é jovem. Segundo Menezes *et al.* (2009), todo ser humano está sujeito a perdas evolutivas, em decorrência de sua programação genética, de eventos biológicos, psicológicos e sociais, característicos de sua história individual ao longo do curso histórico de cada sociedade. Portanto, “viver significa adaptação ou possibilidade de constante autorregulação, tanto em termos biológicos, quanto em termos psicológicos e sociais” (MENEZES *et al.*, 2009).

Nesse sentido, é necessário realizar trabalhos que valorizem a opinião do idoso e que apresentem informações mais significativas, no que tange a sua participação social e percepção da velhice. Acredita-se que, desse modo, seria possível valorizar sua imagem, favorecendo a criação e a manutenção de serviços destinados a esse público, já que um idoso ativo é reconhecido como um ser sábio, motivo de orgulho e exemplo para a comunidade.

Somando-se a essas considerações positivas, muitas pesquisas evidenciaram outros fatos recorrentes que realçam a dificuldade de aceitação do corpo que envelhece. Ao analisar essa etapa da vida, sob essa outra ótica, percebe-se uma busca constante pelo corpo esbelto e sem limites, frequentemente apresentado pela mídia através de imposições estéticas.

Mas não se pode esquecer que esse processo é progressivo e irreversível, sendo que as alterações fisiológicas, bioquímicas e psicológicas são consequências da ação do tempo, assim como apontam Faller *et al.* (2015, p. 131):

A vivência dessa fase e a forma como as pessoas idosas representam o seu próprio processo de envelhecimento são influenciadas pela interação de aspectos psicossociais, históricos, políticos, econômicos, geográficos e culturais e, mais especificamente, por diferenças relacionadas ao contexto de vida cotidiana, às crenças e às características pessoais, tornando-o particular a cada idoso.

Portanto, dar voz aos idosos, além de valorizar suas percepções e dificuldades enfrentadas no dia a dia, configura uma estratégia eficaz para contribuir para o conhecimento da velhice.

Como mencionado nesta revisão, algumas representações sociais referentes à velhice exercem uma influência negativa na vivência dessa fase. A qualidade de vida é afetada de forma significativa, quando sentimentos de inutilidade e de perda da autonomia são identificados, pois o idoso passa a se perceber alheio às decisões de sua própria vida.

A velhice é percebida, antes de tudo, como um estado que caracteriza a condição do ser. Salienta-se que embora o registro corporal forneça as características físicas do idoso (cabelos brancos, calvície, rugas, etc.), outras características não aparentes, e que são intrínsecas à velhice, independem da idade. Portanto, a velhice deve ser considerada em sua pluralidade de experiências individuais e sociais (FALLER *et al.*, 2015, p. 132).

O olhar reflexivo no processo de envelhecimento, verificando as dimensões que o cercam, é fundamental para compreender seus significados, além de confrontar suas diferentes facetas, buscando identificar as razões de suas diferenças.

A palavra “idoso” pode significar, num primeiro momento, o surgimento de algumas características biológicas, de forma que a pessoa pode ser considerada “velha” pelos sinais de senilidade e redução gradual de sua capacidade funcional. Em geral, o indivíduo idoso é tido como aquele que chega aos 60 anos, independentemente de seu estado biopsicossocial. Contudo, o conceito de idade é multidimensional e, assim como o processo de envelhecimento, possui outras dimensões e sentidos que superam as dimensões da idade cronológica (FALLER *et al.*, 2015).

Muitos estudos são realizados com o objetivo de aumentar a expectativa da vida humana e prolongar a juventude, com forte apelo das indústrias de cosméticos e incentivos a cirurgias estéticas. Nessa esfera, Silva (2013) relata que há uma busca cada vez mais crescente por um eu ideal, “uma perfeição que já foi vivida pelo sujeito em sua primeira infância, e que ao crescer se dá conta de que não é tão perfeito quanto julgava ser, e que assim

ele busca voltar a encontrar”. Retornando essa visão a Freud (1996), observa-se que o psicólogo já atestara que, ao crescer, o indivíduo “se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um ego ideal”.

No âmbito da resposta ou satisfação do ego ideal, Oliveira (2018) afirma que a indústria está interessada no dinheiro dos idosos, sustentando que “tão logo o mundo se deu conta do fenômeno do envelhecimento populacional, iniciou-se uma corrida para ver quem chega primeiro ao supostamente promissor mercado consumidor da terceira idade”. Segundo a mesma autora, os profissionais de marketing têm enxergado o “ouro” advindo do “prateado” dos cabelos grisalhos: “a metáfora da alquimia – prata se transformando em ouro – constitui um dos principais discursos recorrentes na literatura de marketing contemporânea sobre o novo mercado dos idosos” (OLIVEIRA, 2018, p. 29).

O mercado volta, pois, significativo entusiasmo ao elevado potencial para a criação de necessidades, e ao atendimento de demandas, com base nas características específicas inerentes à terceira idade:

Há produtos desenvolvidos especialmente para os mais velhos sendo vendidos na região, como fraldas geriátricas coloridas e estampadas e um robô criado para substituir os animais domésticos nos lares dos idosos e que conta com sensores que auxiliam o dono em atividades ligadas ao cuidado com a saúde e exercícios físicos (OLIVEIRA, 2018, p. 29).

Por fim, a autora descreve três segmentações de mercado: idosos entre 50 e 65 anos (meia idade), entre 66 e 75 anos (recém-aposentados) e os acima de 75 anos. Dessa forma, estabelece-se que cada faixa possui seus padrões de gastos similares e característicos, conforme identidade compartilhada proveniente da idade.

Períodos de dor e desprazer fazem parte da vida, sendo necessários para a construção e manutenção do ego. A proximidade da morte não pode ser adiada ou negada, tampouco tamponada com medicamentos, cirurgias ou com uma falsa máscara de felicidade, como destaca Silva (2013):

Não se pode negar que nossa atitude frente à morte e à transitoriedade sofreu mudanças no decorrer dos séculos. Que elas continuem em transição, afinal, como bem nos lembra Freud: Si vis vitam, para mortem. Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte (1915, p. 309). Morremos pouco a pouco, dia após dia, e isso não diminui a beleza ou a importância da vida (SILVA, 2013).

Assim, a noção de transitoriedade pode ser difícil, o que prejudica a percepção de vida, mas essa é uma concepção verdadeira e que exerce influência no sujeito. A morte, tal como a velhice, deve ser retratada sob uma ótica que considere todos os aspectos de uma sociedade, por meio de uma discussão ampla e que envolva diferentes áreas de construção do conhecimento.

Cabe reafirmar que cada sociedade tem um modo de compreensão sobre a velhice, conforme prática específica de cada grupo, como atitudes de respeito, medo, solenidade, reverência, descaso, vergonha e, ou violência. Trevisan (2014) atesta que, cada vez mais, o envelhecimento humano é compreendido como um processo influenciado por diversos fatores – gênero, classe social, padrões de saúde individuais e coletivos da sociedade, conforme demonstrado no excerto a seguir:

A transição entre a manhã da vida e o depois do meio dia da vida dá-se por uma transmutação de valores. Sem nenhuma preparação os homens chegam à segunda metade da vida, e de modo quase que imprevisto; pior ainda, atingimos o após meio-dia da vida cheios de preconceitos, de ideais, de verdades que eram até agora nosso arsenal. Ora, é impossível viver o crepúsculo da vida com a mesma programação da manhã, pois aquilo que era então importante, provavelmente será de pouca significação e a verdade da manhã será o erro do crepúsculo (JUNG *apud* TREVISAN, 2014, s.p.).

Dessa forma, nota-se que nem sempre é fácil enfrentar a transitoriedade da vida, pois muitos ficam presos no passado e esquecem o presente; já outros ficam focados no futuro e renegam o presente; a transição decorre da transmutação de valores (SCHWARZ, 2009).

A velhice é um processo dinâmico e progressivo, que causa alterações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas (que determinam a perda progressiva das capacidades de adaptação do indivíduo), ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos (SANTOS, 2002).

Para Trevisan (2014), a fase da velhice, assim como em qualquer outra idade, abrange pessoas sãs e pessoas doentes. O autor esclarece que muitas enfermidades são próprias da velhice, mas outras já existiam na juventude ou se manifestaram (antes) em menor intensidade. Contudo, esse fato não afasta a chance de, com o passar dos anos, haver mudanças naturais para constituir uma velhice sã e normal. Como destaca Kafka (2010, s.p.):

[...] a metamorfose poderia representar uma súbita mudança de postura diante da vida, de ideias e pensamentos diversos dos que se tinha anteriormente e/ou que eram pressupostos e aceitos pelo seu meio. Por exemplo, uma nova ideologia política, uma nova visão religiosa ou até mesmo filosófica perante a vida, um desejo de mudança radical de profissão, ou o próprio envelhecimento, que muitos se dão conta somente quando ele chega, não pensam que é um processo pelo qual passamos.

Do mesmo modo, Freud (1996) afirma: “Vemos apenas que a libido se apega a seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam, mesmo quando um substituto se acha bem à mão. Assim é o luto”. Portanto, há dificuldade de o ego se desligar do objeto amado e a possibilidade de se reconectar é muito dolorosa.

O idoso apresenta suas dificuldades orgânicas e psíquicas, no que se refere ao tempo cronológico, entretanto, ele é um sujeito que possui desejos e tenta alcançá-los nos meios cabíveis do processo de envelhecimento, sendo a sociedade um grande obstáculo para essa realização.

Com o passar dos anos, a estrutura familiar sofre transformações que podem variar de uma cultura para outra. No Brasil, desde os anos 80, é possível notar maior diversidade dos arranjos familiares e uma redução no tamanho das famílias, havendo um aumento significativo de famílias monoparentais e de adultos sozinhos. Vale destacar, ainda, outras mudanças nas estruturas familiares, que estão relacionadas ao aumento do celibato; ao aumento da participação feminina no mercado de trabalho e da escolaridade; à diminuição da taxa de fecundidade; ao aumento de separações, ao divórcio e aos recasamentos; à ascendência de famílias monoparentais e à elevação na expectativa de vida (FERREIRA, 2017).

Ainda de acordo com Ferreira (2017), o número de idosos que moram sozinhos aumentou a partir de 2012, passando de 3,7 milhões, por causa da existência de uma maior fragmentação/dispersão das famílias, com filhos residindo em cidades diferentes daquelas de seus pais. Relacionado ao aumento de idosos que moram sozinhos, Geib (2001) *apud* Ferreira (2017, p. 11), salienta que:

[...] ao estudar um grupo de idosos que residem sozinhos há muitos anos, na cidade de São Paulo, Brasil, evidenciou que praticamente todos (97%) preferiram esta situação do que a viver com a família. Dentre os motivos, buscavam a independência e a privacidade, além da preservação da harmonia familiar, visto que, acreditavam que poderiam estar incomodando os parentes. Além do mais, o autor constata que, para os idosos, morar com outras pessoas, não significa necessariamente estar bem, porque, em muitas

situações, são vistos como fontes de renda, além de poder existir conflitos entre as gerações.

Nessa perspectiva, observa-se que a Terceira Idade é um processo individual que influencia nas relações vivenciadas. Cada indivíduo apresenta um estilo de vida específico<sup>8</sup>, assim como oportunidades educacionais, situação econômica e expectativas distintas. O que é comum entre os idosos são as mudanças físicas e sociais, que tendem a gerar uma gradativa perda de contato social. Arosa *et al.* (2012, p. 124) explicam que, inicialmente,

[...] ocorre um gradativo declínio nos contatos sociais, que se dá pelo distanciamento intencional da sociedade, onde é percebido como uma preparação para a morte e visa deixar espaço para as gerações mais novas ou também pode ser compreendido pela perda de papéis sociais importantes que estava desempenhando. O idoso também pode ter a tendência a valorizar suas vivências emocionais, o que vai ocasionar uma redução em seu círculo de contatos, pois seleciona suas amizades em um grupo mais restrito.

Neri (2001) acredita que, na velhice, as pessoas transformam ativamente sua rede social, realizando a seleção de relações e atividades significativas e fontes de suporte, prazer e satisfação. Assim, elas deixam de lado as relações e as atividades que são onerosas, complexas, estressantes ou negativas.

A composição da rede social e a prática de atividades sociais na comunidade configuram o comportamento social que influencia a saúde e o bem-estar dos idosos. Trata-se de um processo contínuo, dinâmico, complexo e multifacetado, de modo que assume trajetórias diversas ao longo da vida e na velhice, de acordo com aspectos pessoais e contextuais. Neste sentido, algumas postulações teóricas são pertinentes: a) o desengajamento social é o processo predominante entre os indivíduos que envelhecem; b) esse processo é frequentemente associado com desfechos negativos, de modo que, ser ou estar socialmente ativo é uma forma de preservar as habilidades e funções físicas, cognitivas e emocionais e de evitar a morte; e, c) por outro lado, esse processo pode ser resultado de um processo seletivo, compensatório e adaptativo que promove o bem-estar emocional na velhice (PINTO; NERI, 2017, p. 272).

Argimon e Vitola (2009) asseguram que os idosos que mantêm maior contato com amigos e familiares vivem por mais tempo do que aqueles que se abstêm desse tipo de relação. Por essa razão, é fundamental que a família e os amigos proporcionem alternativas para estimular o contato social, ampliando essa interação em prol da qualidade de vida dos

---

<sup>8</sup> As reações à velhice são diferentes em cada pessoa, devido à individualidade do ser humano; decorre, especialmente, do ambiente familiar em que este é inserido, e de determinantes socioculturais (COSTA e MADEIRA, 1994).

idosos. Os mesmos autores finalizam que essa conexão promove bem-estar e auxilia na adaptação dessa fase, permeada por mudanças significativas. “As amizades aparecem também fortes dentro do núcleo familiar, este ampliado além de cônjuges e filhos a outros parentes e vizinhos e são fontes de satisfação e autoestima para o idoso” (AEROSA *et al.*, 2012, p. 125).

Sehn e Carrér (2014, p. 16) também constata que “o prolongamento da vida não é uma atitude isolada, necessitando de uma integração entre idoso, família e/ou, instituição e profissionais especializados”. Da mesma forma, Ferreira (2017, p. 12) ressalta:

A importância dos relacionamentos sociais que os idosos possuem, pois, embora o cuidado destes seja, tradicionalmente, atribuído à família, todos os que estão inseridos no seu convívio cotidiano podem contribuir para que os aspectos negativos do processo de envelhecimento, inclusive a solidão, sejam minimizados.

É sabido que o envelhecimento vem acompanhado de sentimentos destrutivos, de inutilidade e perda, o que pode agravar a situação existencial do idoso, uma vez que causa conflitos internos (citam-se mudanças psicológicas com o avanço da idade, tais como: dificuldade de adaptação; desmotivação e dificuldade de planejar o futuro; dificuldade de trabalhar perdas e mudanças; queda na afetividade). Por isso, os autores insistem que o idoso precisa manter relações que lhe permitam um amadurecimento saudável. “A dimensão psicológica do envelhecimento é merecedora de maiores cuidados, considerando que muitos dos sintomas de ordem física e social podem estar relacionados ao desenvolvimento emocional de sujeito.” (AEROSA *et al.*, 2012, p. 125).

Nesse sentido, Neri (2001, p. 60) afirma que é preciso cuidar de oferecer e elaborar alternativas para que a pessoa “possa envelhecer bem, cuidando não apenas do aspecto físico, social e econômico, mas também das questões de vida interior”.

De acordo com AEROSA *et al.* (2012), algumas estratégias que podem ser utilizadas para manter o idoso no convívio em sociedade são o trabalho, a realização de atividades, a participação em atendimentos grupais, ou seja, ações que permitem troca de carinho, experiências, ideias, sentimentos, conhecimentos e dúvidas. Assim, pode-se estar contribuindo de forma significativa para a qualidade de vida dos idosos, através do engajamento social.

O idoso que tiver oportunidade de entrar em contato com o reconhecimento de suas emoções, manifestando e partilhando seus sentimentos, poderá conviver com seus limites e

transformar seus hábitos. Dessa forma, a afetividade é trabalhada como o combustível para o enfrentamento de novos desafios.

Nesse contexto, Pinto e Neri (2017) concluem que a participação social dos idosos abrangeria a redução do uso das redes sociais e das atividades sociais, ou seja, ocorreria um desengajamento social, o que é considerado negativo. Portanto, torna-se necessário refletir de forma mais cuidadosa sobre o que é idealizado e o que é praticado para se conquistar um envelhecimento bem-sucedido. “Os esforços futuros devem contemplar não apenas o incentivo à atividade, mas os aspectos que influenciam o desengajamento social associado à má adaptação dos idosos” (PINTO; NERI, 2017, p. 272).

Costa e Madeira (1994) confirmam que as relações interpessoais inerentes a todo ser humano também são imprescindíveis, quando se trata de idosos. Cabe ressaltar que esse relacionamento depende de uma série de variáveis, de acordo com o papel de cada um na estrutura familiar, e, principalmente, da visão que o próprio idoso tece sobre esses papéis sociais. Inclusive, ainda sobre esse aspecto, são apresentadas, no subitem seguinte, as metas e os desejos dos idosos.

### **2.1.1 Metas comuns aos idosos**

O aumento da longevidade pode ser acompanhado por várias restrições e perdas (de ordem física, emocional e, ou social) (SANTOS, 2002). Isso significa que a velhice pode representar sofrimento e desencadear doenças, entre outros problemas funcionais e emocionais. Conforme apontamentos anteriores, observa-se que, nessa fase, a dependência aumenta, há perda da autonomia, ocorre isolamento social e solidão. Contudo, se o envelhecimento estiver atrelado à boa saúde física e ao adequado desempenho de papéis sociais, a qualidade de vida pode ser muito positiva (QUEIROZ; NETTO, 2007).

Rodrigues e Silva (2013) consideram que o apoio social pode proporcionar resultados favoráveis nos níveis de saúde dos idosos, auxiliando-os no enfrentamento das perdas e limitações decorrentes do processo de envelhecimento. A qualidade de vida do idoso pode ser afetada pelas perdas e carências, mas seu efeito perturbador depende do significado atribuído por ele. Considerando-se as crenças de autoeficácia e do quanto ele se percebe estimado pelo outro, compreende-se que o apoio social pode contribuir significativamente para o bem-estar e para a qualidade de vida.

O processo de envelhecimento é complexo, uma vez que, durante todo o ciclo da vida, o indivíduo é desafiado a lidar consigo mesmo, com os outros e a superar as limitações. Ao envelhecer, é natural fazer reflexões sobre a vida, tanto positivas (valorizando sua história de vida), como negativas (observando-se os erros cometidos ao longo de sua trajetória), o que nem sempre se consegue de modo isolado. Por isso, Faria *et al.* (2017, s. p.) fazem a seguinte afirmação:

A rede de atenção a este público deve ter propostas que estimulem o protagonismo, a criatividade, para que este processo seja vivenciado com vitalidade, mantendo a curiosidade, a descoberta e a aprendizagem de novas coisas. Mas para que isso seja possível é necessário compreender o idoso em suas diversas formas de ser e respeitando as suas maneiras de viver. Ou seja, deve atentar-se para as suas memórias.

De acordo com a literatura pesquisada, o desenvolvimento de atividades prazerosas ou de práticas caracterizadas pela produtividade e criatividade proporcionam ótimos resultados para a saúde física e mental do idoso.

Visando à transformação social e melhor qualidade de vida, Faria *et al.* (2017) realizaram técnicas grupais, aliadas à escuta especializada de cuidado e acolhimento, a fim de propiciar aos participantes a oportunidade de expor sentimentos, almejar um futuro de diferentes possibilidades e esperanças. Constatou-se nesse estudo que a participação ativa e produtiva dos idosos contribui para reduzir os impactos sociais advindos do envelhecimento.

Com relação à negociação da assistência e ao cuidado no final da vida, é fundamental a autonomia na escolha de projetos pessoais, o que configura um esforço em conduzir uma vida de significado e propósito até em idades avançadas, tanto para quem oferece os cuidados quanto para quem os recebe (SANTANA *et al.*, 2016).

Nesse contexto, torna-se essencial que o idoso “tenha projetos que não envelheçam ou se percam nos tempos e estabeleça prioridades individuais que, além da expectativa quanto aos dias futuros, são indicativas das tarefas evolutivas que o faz pertencente da sociedade” (SANTANA *et al.*, 2016, p. 177). Esse engajamento em atividades pode ser favorecido pela disponibilidade de tempo livre (comum na velhice), pelo desejo de executar planos pessoais e, ou, atividades prazerosas, aproveitando oportunidades que antes poderiam não ser possíveis. Portanto, projetar o futuro pode ser fundamental para garantir a satisfação pessoal e a qualidade de vida na Terceira Idade.

Wichmann *et al.* (2013) estudaram 262 idosos do Brasil e 262 idosos da Espanha que faziam parte de grupos/centros de convivência, a fim de identificar a representação dessa população quanto ao grau de satisfação e aos benefícios obtidos na melhoria da saúde, a partir da convivência em grupos. Os referidos autores observaram que as atividades mais realizadas pelos idosos, do Brasil e da Espanha, são aquelas relacionadas à sociabilidade, praticadas por meio do contato com os amigos, momento em que buscam compartilhar alegrias, tristezas e conhecimentos.

Desse mesmo modo, Ribeiro *et al.* (2017) analisaram estudos que abordam estratégias de enfrentamento utilizadas por idosos para lidar com o envelhecimento, encontrando entre as mais citadas o luto antecipado, o desejo de morrer, o isolamento, a submissão, negociação, aceitação, acomodação, busca por suporte social, procura por conforto espiritual e condições de viver o presente. Dessa forma, os idosos vivenciam o envelhecimento com estratégias que podem gerar resultados favoráveis e desfavoráveis à saúde. Nessa perspectiva, nota-se que “alguns enfrentam com luto antecipado e com desejo de morrer, enquanto outros buscam conforto espiritual, suporte social e aceitação”. Os referidos autores puderam concluir, portanto, que as estratégias favoráveis são a negociação, aceitação, acomodação, procura por suporte social, busca por conforto espiritual e por viver o momento; as estratégias desfavoráveis foram o luto antecipado, desejo de morte, isolamento e submissão.

## **2.2 População idosa na sociedade contemporânea**

De acordo com Gontijo (2005), em todo o mundo, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais tem aumentado mais rapidamente do que as outras faixas etárias. Com isso, é esperado que até 2025 o mundo tenha uma porcentagem de 22,3% de idosos, que corresponderá a um índice em torno de 696 milhões de pessoas com mais de 60 anos, sendo a maioria residente em países em desenvolvimento.

O envelhecimento da população é uma resposta à transformação de alguns indicadores de saúde, principalmente a queda da fecundidade e da mortalidade e o aumento da esperança de vida (BRASIL, 2006). Em termos estatísticos, Oliveira (2018, p. 17) relata que:

[...] para 2050, a previsão da Organização das Nações Unidas (ONU) é de que todas as regiões do mundo sejam compostas por, aproximadamente, 25% de idosos (com exceção da África, onde apenas 5% da população tem mais de 60 anos atualmente, de acordo com o levantamento mais recente).

Isto significa que haverá cerca de 2,1 bilhões de indivíduos com mais de 60 anos em todo o globo daqui a pouco mais de 30 anos, mais que o dobro do montante mais recente registrado.

A autora acredita que essa mudança gera reflexões sobre a estrutura social, gerando reflexões sobre o envelhecimento sob diversos aspectos. Discussões sobre o envelhecimento ganharam espaço na academia, na política e nos meios de comunicação, trazendo o tema para o cotidiano das pessoas.

Em relação aos termos classificatórios para se referir ao ser idoso, houve mudança na construção sócio-histórica que aconteceu na Europa, mais especificamente na França, espalhando-se pelo mundo, chegando, desse modo, ao Brasil. Visando superar a visão negativa da velhice, a partir do século XIX na França e do século XX no Brasil, houve um investimento para mudar os termos classificatórios dessa etapa de vida. Assim, o termo velho, bastante estigmatizado, foi substituído por idoso e terceira idade.

A OMS também realizou a promoção do termo “envelhecimento ativo”. Ao contextualizar esses termos classificatórios, Peixoto (2006) afirma que, na França do século XIX, a questão da velhice se impunha para caracterizar as pessoas mais pobres. Quem tinha condições financeiras boas e administrava seus bens tinha respeito e era chamado de idoso. “Velho” e “velhote” era quem não ocupava boa posição econômica e social. Esses termos eram empregados para reforçar uma situação de exclusão social, já que ser “velho” significava pertencer à categorização de idosos e pobres.

Oliveira (2018, p. 39) explica que, apesar de haver movimentos que revisam os estereótipos, a fim de promover representações mais positivas, não existe uma mudança real no cotidiano e na vida dos idosos: “as instituições governamentais adotam outra representação das pessoas envelhecidas; mas isso não significa a implantação de uma política social voltada especificamente para a velhice. Trocam-se apenas as etiquetas”.

O maior desafio na atenção à pessoa idosa é conseguir contribuir para que, apesar das progressivas limitações que possam ocorrer, elas possam redescobrir possibilidades de viver sua própria vida com a máxima qualidade possível. Essa possibilidade aumenta na medida em que a sociedade considera o contexto familiar e social e consegue reconhecer as potencialidades e o valor das pessoas idosas. Portanto, parte das dificuldades das pessoas idosas está mais relacionada a uma cultura que as desvaloriza e limita (BRASIL, 2006, p. 9).

Em relação à concepção do envelhecimento, Peixoto (2006) esclarece que, a partir dos anos 1960, houve diversas mudanças econômicas e sociais que reverberaram na compreensão dessa fase de vida. Naquela década, a estrutura social foi modificada a partir da implementação de uma política social para a velhice. Além disso, a elevação das pensões fez aumentar o prestígio dos aposentados, com mudanças também nos termos de tratamento. Com isso, o termo “velho”, bastante pejorativo, foi substituído pelo termo “idoso”, um termo ainda mais valorizado pelos novos aposentados que começaram a reproduzir práticas sociais das camadas médias assalariadas. Surgiu, então, um novo termo para designar mais respeitosamente esses aposentados: “Terceira Idade”, o que traz uma concepção de envelhecimento ativo e independente.

No Brasil, a conotação negativa do vocábulo “velho” seguiu um processo parecido com o da França, porém mais recente, por volta de 1960. Embora o termo velho não seja tão pejorativo quanto na França, ele se confunde com idoso, mas o segundo possui uma conotação mais respeitosa. Em 1988, com a nova Constituição brasileira, reconheceu-se a importância da questão da velhice, estabelecendo-se o valor da aposentadoria com base no salário mínimo. Estabeleceram-se, assim, três grandes etapas: a infância e adolescência (tempo de formação), idade adulta (tempo de produção) e a velhice (tempo do repouso, do não trabalho) (PEIXOTO, 2006).

A rubrica de “Terceira Idade” é muito empregada no Brasil, com proposições relativas à criação de atividades sociais, culturais e esportivas. Dessa forma, o termo “idoso” traria uma concepção de pessoa mais velha e a expressão “Terceira Idade” se referiria a jovens velhos, aposentados dinâmicos, como na França. A concepção de “Terceira Idade” ligada a pessoas dinâmicas que querem ter saúde e aproveitar a vida fez surgir um novo mercado ligado a turismo, alimentos e produtos de beleza. Fez também surgir uma demanda por novos profissionais, gerontólogos, geriatras etc.

Santos (2010) garante que o critério para conceituar o indivíduo idoso é variável conforme o desenvolvimento do país. Nos países ditos desenvolvidos, são consideradas idosas aquelas pessoas com idade igual ou superior a 65 anos. Em país em desenvolvimento, o idoso é visto como o indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos. Essa definição foi estabelecida pela Organização das Nações Unidas, em 1982, na “Primeira Assembleia Mundial das Nações Unidas Sobre o Envelhecimento da População”.

O crescimento acelerado da população acima dos 60 anos implica readaptações no âmbito familiar e privado, além de indicar a necessidade de políticas públicas de seguridade

social, trabalho, emprego, educação, sustentabilidade do meio ambiente, mobilidade urbana, acessibilidade, ações intergeracionais e pluriculturais, para homens e mulheres, de diferentes etnias e condições sociais. Nesse sentido, Alves e Vianna (2010, p. 491) constatam que inexistem:

[...] programas e projetos concretos, dentro de uma política de Estado, voltada aos idosos, e/ou a aproximação desses com outras gerações. Este tema não faz parte das Propostas Pedagógicas (PP) das escolas que ainda não se sentiram despertadas para a problemática do idoso e da intergeracionalidade. Descobrimos que existem ações isoladas que ocorreram por iniciativa de alguns professores e orientadores educacionais, apesar de reconhecermos o valor dessas iniciativas, mas estamos convencidos de que ainda não satisfazem às necessidades educativas de formação dos jovens, considerando a complexidade e relevância do tema.

Esses autores entendem que a educação denominada por eles como “gerontológica” deve integrar políticas públicas, desde currículos escolares até o trabalho socialmente desenvolvido de forma transversal pelo governo, sugerindo que o relacionamento com idosos, em casa, na comunidade e na sociedade contribui para que esses indivíduos possam envelhecer melhor e com mais qualidade de vida.

Nessa perspectiva, Veras e Oliveira (2018) descrevem a Política Nacional de Saúde do Idoso (PNSI), implementada pela Portaria nº 1395/1999 do Ministério da Saúde (MS), com o intuito de promover o envelhecimento saudável, abrangendo a prevenção de doenças, a recuperação da saúde, e a preservação/ melhoria/reabilitação da capacidade funcional dos idosos. Dessa forma, nota-se que o governo busca assegurar aos idosos sua permanência no meio e na sociedade, por meio do desempenho de atividades independentes. A partir da PNSI, são definidas ações e responsabilidades institucionais em um processo contínuo de avaliação que deve acompanhar o desenvolvimento dos idosos, conforme destacam Veras e Oliveira (2018, p. 1932):

Na PNSI, há ênfase na promoção do envelhecimento saudável voltado ao desenvolvimento de ações que orientem a melhoria de suas habilidades funcionais, mediante a adoção precoce de hábitos saudáveis de vida, a eliminação de comportamentos nocivos à saúde, além de orientação aos idosos e seus familiares quanto aos riscos ambientais favoráveis a quedas. Também menciona a importância da manutenção da capacidade funcional com vistas à prevenção de perdas funcionais, reforço de ações dirigidas para a detecção precoce de enfermidades não transmissíveis, com a introdução de novas medidas, como antecipação de danos sensoriais, utilização de protocolos para situações de risco de quedas, alteração de humor e perdas

cognitivas, prevenção de perdas dentárias e outras afecções da cavidade bucal, prevenção de deficiências nutricionais, avaliação das capacidades e perdas funcionais no ambiente domiciliar e prevenção do isolamento social.

Observa-se que essa política constitui atenção organizada de maneira integrada, na qual os cuidados devem ser coordenados, durante o percurso assistencial, numa proposta de linha de cuidados, com foco em ações de educação, promoção da saúde, prevenção de doenças evitáveis, postergação de moléstias, cuidado precoce e reabilitação. Desse modo, são oferecidos benefícios não somente aos idosos, mas também qualidade e sustentabilidade ao sistema nacional de saúde.

Frente ao crescimento acelerado da população idosa, tornam-se necessárias reflexões sobre as ações e políticas públicas que atendam os idosos. Apesar de o comércio estar atento aos idosos como grandes consumidores em potencial de produtos e serviços, de novas formas de lazer e turismo, surge a necessidade de se pensar o idoso não apenas como um mero consumidor ativo, mas como cidadão. Atentar para a transformação que a sociedade vive em relação à longevidade implica considerar a velhice como uma preocupação de ordem social. Nesse sentido, “[...] o envelhecimento se transforma em um problema que ganha expressão e legitimidade, no campo das preocupações sociais do momento” (DEBERT, 2003, p. 12).

A velhice corresponde a um fenômeno construído diferenciadamente nos diversos contextos culturais. Nas culturas tradicionais, como entre os chineses, japoneses e indígenas, os velhos são valorizados e respeitados pelos seus saberes e experiências, sendo reconhecidos como guardiões da cultura (ALCÂNTARA, 2004). Nesse sentido, Chauí (1994, p. 18) defende que os velhos são “a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara (...) ligando o que foi e o porvir”.

No contexto de cada cultura, as construções sociais transmitidas através das gerações influenciam sobre nossa forma de pensar e agir, pois somos moldados socialmente e reproduzimos em nossas práticas as ideias que assimilamos em nossas vivências. Para Goffman (1988), a consciência que o indivíduo tem de si mesmo e do lugar que ocupa no mundo, chamado identidade, constrói-se através das vivências e experiências adquiridas dentro de um grupo.

Na sociedade atual, os estereótipos de beleza, impostos pela mídia, privilegiam a juventude e podem ou não levar à exclusão ou à desvalorização dos idosos na comunidade, desencadeando, muitas vezes, a busca desenfreada de mecanismos para melhorar a aparência, como pintar os

cabelos para se sentir mais jovem, e ainda se submeter a cirurgias plásticas e tratamentos, por vezes até agressivos (FALLER *et al.*, 2015, p. 136).

Em função da valorização da beleza e da juventude, envelhecer pode ser uma experiência ambígua, quando associada a um estereótipo negativo, decorrente da contraposição à beleza por parte de quem não se ajusta ao modo físico idealizado.

Abreu (2017, p. 133-134) assevera que “beleza e juventude são tratadas como valores inseparáveis entre si e imprescindíveis para quem quer ter sucesso e felicidade”. Assim, muitas pessoas têm buscado atingir o ideal de beleza e permanecer com a aparência jovial, visando fugir dos estereótipos ligados à velhice, vista como um período de deterioração e perdas, algo ruim e assustador, o que contribui para desvalorizar, inferiorizar e marginalizar essa fase da vida.

Segundo Goldfarb (1998, p. 58), a imagem da velhice parece sempre estar ‘fora’, gerando uma impressão de inquietante estranheza, o apavorante ligado ao familiar. “Apavorante porque a imagem do espelho não corresponde mais à imagem da memória; a imagem do espelho antecipa ou confirma a velhice, enquanto a imagem da memória quer ser uma imagem idealizada que remeta à familiaridade”. Atualmente, existe uma difusão massificada dos padrões atuais de estética, o que pode causar uma sensação de rebaixamento e queda na autoestima, uma vez que o idoso acredita que a perda de beleza e do vigor físico que, por sua vez, são valorizados pela sociedade, é sinal de decrepitude e de finitude. Portanto, surge a vivência de um luto antecipado, a partir de uma consciência deturpada relativa à deterioração – esse idoso se vê em um processo de declínio, desprovido de beleza, saúde e utilidade.

Diante desse contexto, destaca-se a possibilidade de acesso a atividades culturais e recreativas, sobretudo, pelos segmentos mais vulneráveis e também o fomento das solidariedades intergeracionais “tanto na família como nos diversos contextos sociais” (DIAS, 2012, p. 64). Além disso, existem benefícios socioeconômicos do acesso à Internet pelos mais velhos, conforme assegurado por Neves, Amaro e Fonseca (2013). Trata-se de um auxílio para a redução do isolamento social, propiciando qualidade no cotidiano, por meio do rápido e fácil acesso a serviços de pesquisa, de banco e de compras.

No próximo subitem, são apresentadas as características das novas relações oriundas de espaços designados à socialização, como o *Facebook*, abordando, ainda, sua repercussão na vida dos idosos.

### 2.3 O Facebook e seus efeitos

Conforme previamente abordado neste estudo, a atualidade é marcada pelo aumento da expectativa da vida humana e pela concepção dos considerados avanços tecnológicos (SILVA *et al.*, 2015). Menezes (2019) confirma que o elevado avanço da medicina preventiva e os recursos tecnológicos também contribuem, no que diz respeito ao aumento da expectativa da vida humana.

Do mesmo modo, Ferreira (2017) postula que o crescimento das inovações tecnológicas (especialmente das tecnologias de comunicação e informação denominadas TICs) está influenciando a sociedade e o modo de vida das pessoas. Sobre esse assunto, Silva *et al.* (2015, p. 62) fazem as seguintes afirmações:

A utilização de computadores e internet a cada dia se torna mais necessária e importante, para o convívio social, sendo que as pessoas não podem afastar-se das modificações culturais, sociais e econômicas que vêm ocorrendo com a inserção dessas novas tecnologias na sociedade.

Segundo Casadei *et al.* (2019), no Brasil, houve um aumento significativo do número de idosos que estão acessando as Redes Sociais Virtuais (RSV<sup>9</sup>), evidenciando-se os seguintes benefícios: comunicação, conhecimento, lazer, estímulo cognitivo e alteração da perspectiva de isolamento. Além disso, os autores atestam que o uso da internet pode atuar diretamente na saúde, assim como na promoção do bem-estar e da qualidade de vida. Felizmino e Barbosa (2018) concordam que é notório que os recursos tecnológicos propiciam novas relações, o que acarreta necessidade de mudanças de hábitos e de atitude. Nos dias atuais, os idosos integram o grupo de pessoas que se encontram ativas, produtivas e participativas. Assim, “à medida que as pessoas envelhecem, suas necessidades se tornam mais importantes, o que influencia em seus hábitos e atitudes” (SILVA *et al.*, 2015, p. 63), sendo que essas alterações estão

---

<sup>9</sup> As Redes Sociais Virtuais (RSV) são espaços designados à socialização, utilizando para isso ferramentas de compartilhamento de informações, fotos, vídeos e comunicação entre seus usuários. Destacam-se como RSV mais utilizadas o Facebook, Instagram e Twitter. O uso destas RSV instiga os usuários a quererem saber quantas curtidas e/ou comentários suas postagens receberam, fazendo com que estes queiram conferir a todo momento o que está ocorrendo em seus perfis. Assim, as RSV podem ser consideradas um espaço de ressocialização para os idosos que as utilizam, pois dispõem de diversas ferramentas para interações e comunicação, fornecendo aos idosos a oportunidade de remodelar sua representação social (CASADEI *et al.*, 2019).

relacionadas ao contexto demográfico em que a sociedade vem se transformando nos últimos anos.

Nessa perspectiva, Ferreira (2017, p. 2) também ressalta que,

[...] dentre os fatores que despertam o interesse dos idosos em relação às RSV, está a vontade de pertencimento e inclusão na sociedade. Outro aspecto relevante está relacionado às interações sociais e afetivas. Esta nova forma de comunicação permite que os idosos aumentem sua rede social e interajam e se comuniquem com outras pessoas, uma vez que o processo de envelhecimento faz com que as pessoas diminuam, muitas vezes, suas redes de relacionamentos devido à aposentadoria, ao isolamento, à perda de membros familiares, à saída dos filhos do vínculo familiar, dentre outros.

Nesse sentido, nota-se que a internet está cada vez mais presente na vida da população, em geral, oferecendo informação, entretenimento, prestação de serviços e divulgação de produtos, constituindo, portanto, uma ferramenta de extrema importância, tanto para a vida pessoal quanto profissional (FELIZMINO; BARBOSA, 2018).

“Com a evolução da internet, as novas formas de se comunicar vêm diminuindo as fronteiras geográficas existentes, sejam no âmbito empresarial ou no pessoal; vêm permitindo que consumidores e empresas experimentem novos negócios” (SILVA *et al.*, 2015, p. 65).

De acordo com Casadei *et al.* (2019, p. 1963),

[...] 50% dos idosos brasileiros (60 anos ou mais) usam RSV e que 39% as utilizam diariamente, sendo o Facebook a RSV mais acessada. (...) O emprego dos Smartphones é maior do que dos aparelhos tradicionais, ou seja, 61% navegam usando celular, 53% computadores tradicionais, 37% notebook e 11% Tablet. Além disso, outra RSV que apresenta uso significativo entre os idosos é o WhatsApp, principalmente para manter contato com os familiares, para enviar fotos, compartilhar mensagens e para a participação de “grupos em comum” com os filhos, netos e parentes.

Assim, observa-se que as novas tecnologias integram o cotidiano da população, tornando-as essenciais para o modelo de vida contemporâneo. O acesso à informação está facilitado e mais rápido com o advento da tecnologia, concedendo importantes ferramentas nas esferas social, afetiva e saúde mental (já que constitui um mecanismo de aprendizado intelectual). “O uso das novas tecnologias deixou de ser uma vantagem e passou a ser uma necessidade do dia a dia” (CASADEI *et al.*, 2019, p. 1965).

De acordo com Valadares (2013), a crescente expectativa de vida pode gerar grande repercussão no mercado consumidor, uma vez que a população mais envelhecida possuirá

novos desejos e preferências, além de haver uma busca contínua de mercado para produtos e serviços que atendam às suas necessidades. O autor considera que os consumidores mais maduros buscam ofertas que se harmonizem com sua liberdade de tempo e de recursos, desejando, inclusive, um tratamento diferenciado que atenda suas expectativas e que se adapte às suas limitações. Silva *et al.* (2015) concordam que a internet faz com que a pessoa idosa adquira formas diferentes de aprendizagem e de comunicação, que consequentemente torna possível sua interação com o mundo, gerando novas oportunidades, ou seja, tornando-se mais presente na sociedade, renovando suas expectativas e projeto de vida.

Quanto ao número de idosos com acesso à internet, Oliveira (2018) garante que, no Brasil, essa população vem aumentando gradualmente. Em 2014, uma pesquisa identificou que 14,9% das pessoas com mais de 60 anos tinham acesso à internet. Já em 2016, o percentual subiu para 24,7% - valor que representa cerca de 7,4 milhões de indivíduos. Contudo, apesar dos números demonstrarem essa evolução, nota-se que ainda existe no senso comum a ideia de que os mais velhos não estão inseridos nesse cenário e que sequer se interessam em fazer parte dele. Por essa razão, Oliveira (2018, p. 42) conclui que:

[...] a idade é um “território” possível na rede, que tem influência direta sobre as formas de apropriação e utilização da internet. Jovens, adultos e idosos têm formas próprias de usar as TICs, baseadas no quão estão familiarizados com o “idioma” da internet e no quanto sobrou de “sotaque”. Como consequência, estas distinções podem vir até mesmo a se transformarem em fonte de estranhamentos entre os jovens e os mais velhos.

Oliveira (2018) defende que o cenário está mudando, a partir da chegada de novos serviços e equipamentos adaptados às necessidades desse público. “Enquanto os mais jovens preferem se comunicar por meio de mensagens de texto, por exemplo, os mais velhos ainda estão ligados às funções de telefonia e outros serviços baseados na voz”.

O acesso à rede pode constituir um fator determinante para o exercício pleno da cidadania na sociedade atual. E “estar do lado errado do hiato digital pode reforçar a chance de que algumas pessoas serão cidadãos de segunda ordem ou que não tenham cidadania de nenhuma maneira” (RAGNEDDA; RUIU, 2016, p. 107).

Através da comunicação veiculada pelo *Facebook*, as constantes trocas entre uma pessoa e outra formam um emaranhado de informações, que podem influenciar seus usuários. Em contrapartida, estes sofrem os efeitos das informações compartilhadas pelas mensagens que recebem. “Nossa entrada no espaço midiático é, ao mesmo tempo, uma transição do

cotidiano para o liminar e uma apropriação do liminar pelo cotidiano” (SILVERSTONE, 2005, p. 25).

Um estudo realizado por Erickson (2011), sobre a forma como os mais velhos utilizam a rede social *Facebook*, conclui que essa mídia facilita a conexão dos seniores às pessoas mais queridas e pode indiretamente facilitar o vínculo social. A chamada de atenção gerada via *Facebook* leva, muitas vezes, à partilha e à obtenção de suporte emocional através de outros canais (ERICKSON, 2011).

Erickson (2011) alerta que as pessoas mais velhas não veem essa rede social como um local apropriado para conversas particulares. O *Facebook* é visto, portanto, como uma plataforma para ficar a par das novidades (geralmente, de forma passiva), para se manterem em contacto e monitorizarem a situação.

Portanto, percebe-se que essa rede configura um espaço no qual seus usuários demonstram não só o que gostariam de ver, mas revelam seus gostos, seu comportamento, sua opinião sobre questões cotidianas, construindo e reconstruindo uma rede de efeitos que podem ditar maneiras de pensar e agir.

Recuero (2014, p. 136) concorda com essa tese, ao afirmar que “através do advento da comunicação mediada pelo computador e sua influência na sociedade e na vida cotidiana, as pessoas estariam buscando novas formas de conectar-se, estabelecer relações e formar comunidades”.

Hjarvard (2015) completa que as novas mídias permitem aos seus atores transitar por vários territórios sociais ao mesmo tempo, estando ora no palco, ora nos bastidores, otimizando as interações sociais em benefício próprio, para, então, esconder ou destacar aspectos próprios, refugiados detrás de uma tela.

As opiniões sobre os efeitos causados pelas novas mídias sobre as relações sociais e culturais ainda são divergentes, sobretudo, se suas consequências se configuram como positivas ou negativas. Para o autor supracitado, não resta dúvida sobre suas influências nas relações sociais e culturais, incluindo até mesmo os velhos formatos midiáticos aos quais o autor chama de mídia de massa.

Segundo Cogo e Brignol (2010), a esfera midiática assume um papel central no cotidiano dos indivíduos e nas relações em sociedade, que são alteradas de diversas maneiras, até mesmo nas relações de tempo e espaço e nas vivências identitárias:

As mídias penetram todas as instâncias da vida social, estando no foco das discussões sobre globalização, mundialização da cultura e aceleração dos fluxos informacionais, sendo apontadas como protagonistas de mudanças nas interações sociais e nas formas de reconhecimento (COGO; BRIGNOL 2010, p. 76).

Louro (2008) informa que as diversas mídias, internet, *sites* de relacionamento, *blogs*, televisão, música, cinema etc., são grandes conselheiros. Porém, nem sempre se deve viver mergulhado em suas ordens, controlado por seus mecanismos e censuras.

Os otimistas e os pessimistas defendem suas posições:

Para os primeiros, [otimistas] a interação pela internet institui ‘comunidades virtuais’ nas quais todos se relacionam em harmonia e igualdade e estão permanentemente dispostos a colaborar uns com os outros. A conexão digital anula as negatiedades e as diferenças: nos terminais do Brasil e da China, da Holanda e da Índia, todos são cultos, bonitos e bem-intencionados. Para os pessimistas, por outro lado, a comunicação mediada por computador esfria as relações e acentua o que há de pior na natureza humana. O ‘ciberespaço’ é o reino da mentira, da hipocrisia, das más intenções (RECUERO, 2014, p. 12-13).

Os dois pontos de vista exoneram a internet da realidade social em que a envolve, esquecendo que as tecnologias são “artefatos culturais”, frutos da nossa intenção e propósito. Os próprios usuários, ao postarem imagens, tecem comentários e expõem vídeos, de acordo com seus gostos, dinamizando o aplicativo (RECUERO, 2014).

As variadas formas discursivas veiculadas pelas mídias moldam os valores e as crenças de uma sociedade. Nesse contexto, os sujeitos compartilham pensamentos e reproduzem atitudes, a partir de um aparelho coletivo formador da vida social. Assim, segundo Fairclough (2001, p. 91), “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”.

As redes sociais virtuais representam importantes veículos de informação e estreitamento das relações entre membros de um mesmo país ou até mesmo de países distantes, possibilitando o acesso a outras culturas, a outras formas de se conhecer o mundo e suas diversidades. Assim, é possível reconstruir maneiras de pensar e comportamentos, além de influenciar na configuração das identidades, configurando a realidade que está em pleno movimento.

Indústria, finanças, economia, Estado, cultura, tanto separadamente como juntas, operam no espaço e no tempo globais e são construídos dentro deles: transgredindo fronteiras, transcendendo identidades, fraturando comunidades, universalizando imagens. E a mídia tanto permite como representa esse processo. [...] nossas chamadas telefônicas e *e-mails* alcançam o outro lado do mundo em segundos, e que imagens de catástrofes ao vivo e de partidas de futebol e novelas vespertinas podem ser vistas nas telas de qualquer cidade do planeta (SILVERSTONE, 2005, p. 204-205).

Segundo Silverstone (2005), na atualidade, não se pode mais pensar na existência sem as conexões que a mídia fornece, sem sobrepujar seus efeitos na vida em sociedade, suas causas e consequências. É preciso administrar esse emaranhado de informações, e seguir rumo à ética, sabendo discernir o que é bom do que é ruim. Nesse sentido, não se pode ignorar o seu poder de persuasão, manipulação e até mesmo de alienação.

Estudamos a mídia porque nos preocupamos com seu poder: nós o tememos, o execramos, o adoramos. O poder de definição, de incitação, de iluminação, de sedução, de julgamento. Estudamos a mídia pela necessidade de compreender quão poderosa ela é em nossa vida cotidiana, na estruturação da experiência, tanto sobre a superfície como nas profundezas. E queremos utilizar esse poder para o bem, não para o mal (SILVERSTONE, 2005, p. 265).

Diante desse contexto, é válido destacar que o uso em excesso de internet tem sido estudado e discutido pela Psicologia, desde meados dos anos 90, avaliando a incidência das consequências negativas desencadeadas por tal demasia. Contudo, percebe-se que essa excessividade no uso tecnológico só é considerada prejudicial quando forem apresentados sintomas que interferem diretamente no comportamento humano (FELIZMINO; BARBOSA, 2018).

Este transtorno, tão presente na contemporaneidade, leva o indivíduo a ter preferência pela vida virtual em detrimento da presencial, desencadeando muitas consequências negativas a si, tais como: colocar em risco os relacionamentos que requerem o contato presencial: relacionamentos conjugais, entre pais e filhos, no meio escolar e no trabalho. Entre os idosos, este fenômeno social também é identificado, visto que, cada vez mais, este grupo etário adere ao uso da internet, principalmente, tornando-se adeptos assíduos às redes sociais digitais (FELIZMINO; BARBOSA, 2018, p. 121).

Diante do poder da mídia como pedagogia cultural, as percepções que uma pessoa tem sobre a velhice podem ser resultado das construções discursivas/significações advindas das

diferentes mídias, piadas, livros etc. Esses julgamentos também podem surgir do processo de socialização, de acordo com as influências do meio.

Pelo exposto, atesta-se que a mídia social virtual *Facebook* é uma importante ferramenta de informação, constituindo poderoso veículo para disseminar estereótipos e valores em geral. Velho (1999, p. 132) conclui que, “evidentemente, coloca-se o problema de criticar essas noções e imagens estereotipadas que nos chegam através desses veículos e perceber como e quanto podemos conhecer sobre essas realidades especialmente distantes”. Assim, o sujeito atual é capaz de se incorporar numa ordem social propensa para a circulação de informações criadas por fortes mecanismos para se comunicar.

Em relação às pedagogias culturais, estas geram diferentes interpretações sobre fatos cotidianos, influenciando os modos de produzir e reproduzir tipos específicos de comportamentos. Esse assunto é mais bem abordado nos próximos tópicos.

## **2.4 Pedagogia Cultural**

Outra conceituação que se torna arcabouço indispensável é a *pedagogia cultural*, que se distingue da pedagogia tradicional por ultrapassar os muros da escola seguem rumo aos espaços sociais em que os saberes apresentam-se a partir das informações obtidas através dos contextos sociais, das relações de poder, das interpretações dos fatos cotidianos, das verdades impostas pelas diversas mídias, como discutem Soares e Meyer (2003, p. 139):

O conceito de pedagogias culturais remete para o reconhecimento e problematização da importância educacional e cultural da imagem, das novas tecnologias da informação, enfim, da relação entre educação e cultura da mídia nos processos de organização das relações sociais e na produção das identidades.

Portanto, as pedagogias culturais são mecanismos que possibilitam que as identidades sejam construídas, sob distintas formas pedagógicas na produção de significados. Dessa forma, englobam processos e práticas sociais que produzem, organizam e regulam as ideias sobre quais ações são possíveis e válidas. Nesse contexto, os diferentes formatos de mensagens divulgadas pelo *Facebook* têm o poder de ressaltar os valores e as crenças de uma sociedade, configurando pedagogias culturais de causa e efeito sobre os agentes, nas identidades e subjetividades. Além disso, a Pedagogia Cultural pode permear diversos

aspectos da vida cotidiana, sendo um instrumento de controle velado. Autores como Alheit e Dausien (2006), Heen Fabris (2008), Costa e Andrade (2013), Sasso (2014), Braga e Brisolla (2015) e Sabat (2015) associam pedagogia cultural ao processo de educação que começa desde a primeira infância e continua por todas as fases da vida, considerando que a plena atividade cognitiva independe da idade. Alheit e Dausien (2006, p. 1) confirmam que, “desde nossos primeiros passos e de nossas primeiras palavras até a nossa idade mais avançada, fazemos experiências novas, adquirimos novos saberes e novas competências”.

Assim, as pedagogias culturais agem de maneira a influenciar os modos de produzir e reproduzir tipos específicos de comportamentos, principalmente através da publicidade. Por detrás da intenção de vender um produto, ela possui o poder de ditar valores, hábitos e atitudes pessoais, de acordo com determinado tipo de sociedade em que se insere. Sem dúvidas, tais comportamentos configuram uma forma de regulação social (SABAT, 2001).

A ciência busca estudar a temática por meio de várias áreas do conhecimento, como a Antropologia, História, Economia, Comunicação, Administração, dentre outras áreas. “A perspectiva que concebe a cultura como ‘mecanismo de controle’ inicia-se com o pressuposto de que o pensamento humano é tanto social quanto público - que seu ambiente natural é o pátio familiar, o mercado e a praça da cidade” (GEERTZ, 1989, p. 33).

Segundo Laraia (2001) nossa herança cultural é desenvolvida por muitas gerações. Ela nos condiciona a reagir de modo depreciativo diante de um comportamento fora dos padrões sociais. O autor menciona que, quando os indivíduos fogem do padrão socialmente instituído, eles se tornam vítimas de agressões físicas, psicológicas e morais, sendo alvos de termos depreciativos. Esse comportamento é padronizado por um determinado sistema cultural. Porém, a forma, os diferentes comportamentos sociais, o modo de ver o mundo, os valores, a moral, assim como a postura corporal, fazem parte de uma herança cultural que comprova o resultado da ação de uma dada cultura. Sendo assim, indivíduos de diferentes culturas podem ser identificados por variadas peculiaridades, como: “o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica” (LARAIA, 2001, p. 2).

Laraia (2001) confirma ainda que, dentro de uma mesma cultura, a utilização do corpo é diferenciada em função do sexo; a exemplo disso expressa a forma como as mulheres sentam, caminham, gesticulam de formas diferenciadas das dos homens, mas que, por outro lado, são copiadas pelos travestis. Para o autor, todos os homens são dotados do mesmo

equipamento anatômico, mas a forma como utilizam se associa a um aprendizado que consiste em copiar padrões que constituem a herança cultural.

Heen Fabris (2008) ampliou a concepção de pedagogia, entendendo toda pedagogia como cultural, tendo na expressão “pedagogia cultural” as que são produzidas em locais sociais distintos do ambiente escolar. Nesse contexto, surge um novo olhar para a área da educação, vista como menos restrita ao espaço escolar e mais aberta a outros espaços sociais. Para a autora, esse olhar descentra o sujeito que se vê inserido em práticas culturais tramadas em uma relação de poder.

Pesquisadores vêm agregando às suas análises questões culturais de gênero, raça, etnia, classe social e outras nuances que o contexto das pesquisas exigir, formulando outras questões e tendo em vista, principalmente, a complexidade dos acontecimentos sociais (HEEN FABRIS, 2008, p. 121).

Nesse processo, as redes sociais virtuais constituem pedagogias culturais que conectam educação e comunicação (COSTA; ANDRADE, 2013).

Alves e Vianna (2010, p. 492) confirmam a dificuldade de se conviver com os pares, principalmente, quando essa tarefa visa aproximar pessoas de diferentes gerações. O desafio é manter a esperança da força da educação para reverter esse quadro de preconceito e negativismo. Acredita-se que a velhice tem muito a contribuir para “o aprender a conviver” com todos os sujeitos. “É preciso um processo educativo, que se inicia na infância, facilitada pela compreensão e pela aceitação do novo status do idoso, na sociedade, no mundo do trabalho e na família”.

Para Sasso (2014), a mídia, enquanto prática pedagógica, contextualiza discursos que estão além das competências tradicionais do conhecimento. Segundo a mesma autora, para compreender o poder que a mídia tem sobre a vida social, deve-se reconhecer que esses mecanismos possibilitam alunos mais críticos e reflexivos, sendo que as pedagogias culturais apresentadas dentro do contexto desses alunos fazem sentido para eles.

Braga e Brisolla (2015) corroboram que as pedagogias culturais são elementos da cultura que fazem parte da educação, mas não se encontram apenas no interior da escola; elas estão atreladas à cultura, portanto, também são importantes para o processo de aprendizagem.

A pedagogia cultural atravessa o sistema educacional formal e seu currículo também se encontra em outros espaços, como os espaços midiáticos: televisão, cinema, imprensa escrita, internet, sites de relacionamento etc. Nesse sentido, Sabat (2015) defende a

necessidade de repensar os outros espaços além das instituições escolares, que funcionam como produtores de conhecimento e saberes, sendo a mídia apenas um exemplo.

A publicidade é um dos artefatos que estão inseridos em um conjunto de instâncias culturais e como tal funciona como mecanismo de representação, ao mesmo tempo em que opera como constituidora de identidades culturais. Muito mais do que seduzir o/a consumidor/a, ou induzi-lo/a consumir determinado produto, tais pedagogias [...] produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; fabricam identidades e representações; constituem certas relações de poder (SABAT, 2015, p. 9).

As pedagogias culturais confirmam que a sociedade é caracterizada pela vigilância e pelo controle, pois a sociedade é capaz de culpar o sujeito por não ter um corpo segundo as normas sociais, um corpo padrão. Nesse sentido, o *Facebook* opera como um olho vivo, cujas postagens captam/julgam qualquer tipo que fuja da ordem social.

É comum que as pessoas registrem irregularidades e as divulguem para a sociedade, esta que debochará daquele que não consegue atingir os ditames sociais (SASSO, 2014). Esse ajuizamento social tira a liberdade do sujeito de agir com seus próprios parâmetros, impondo julgamentos corporais, de atitude, da forma de se vestir, do comportamento, da conduta entre outras situações, levando o sujeito à submissão, às vezes inconscientemente, a essas normas.

Diante do exposto, nota-se que os sistemas culturais transformam continuamente as formas em que somos representados. No próximo tópico, apresentam-se construção e a reconstrução de identidades durante todas as fases da vida de um indivíduo.

## **2.5 As identidades como um processo em construção**

A construção e a reconstrução da identidade envolvem processos que acompanham o indivíduo ao longo de toda a sua vida. No contexto da cultura, não existem ações naturais - todo o comportamento humano sofre influência do meio em que vive. Por isso, o indivíduo é levado a corresponder às expectativas impostas pela sociedade para ser socialmente aceito. Ele se comporta conforme determinado pelo outro, ou pelo o que o outro espera dele, sendo moldado em função das diferentes circunstâncias pelas quais é interpelado no sistema social.

As mudanças provenientes dos diversos acontecimentos cotidianos surgem em diferentes momentos da vida, e cada geração apresenta um componente social distinto que, por sua vez, influencia o comportamento do indivíduo. Com esse processo de adaptação e readaptação, o indivíduo constrói sua identidade.

Hall (2006) menciona que, na pós-modernidade, o sujeito é desprovido de uma identidade fixa, essencial ou permanente, sendo sua identidade uma celebração móvel. Para o autor em questão, os sistemas culturais transformam continuamente as formas em que somos representados.

De acordo com a multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural, a partir das múltiplas identidades possíveis com as quais podemos nos identificar, o processo de mudança pode ser contínuo, rápido, constante e abrangente (HALL, 2006). Desse modo,

[...] a identidade está em constante formação ao longo do tempo, inconscientemente, que não é algo inato, pois existe sempre algo imaginário ou fantasioso sobre sua singularidade. A identidade está sempre incompleta, em processo, sempre sendo formada, em constante andamento. Portamo-nos e construímos nossa identidade de acordo com o que pensamos ser aos olhos dos outros. Embora a identidade esteja sempre inacabada e provisória, ela parece a nós como uma estrutura acabada e fixa, porém não é identidade, mas sim identificação (HALL, 2006, p. 135).

A influência da mídia no cotidiano de pessoas em diferentes faixas etárias advém do fato de o indivíduo possuir grande necessidade de pertencimento a grupos e se identificar com eles. Conforme Silverstone (2005, p. 181), “encontramos nossas identidades nas relações sociais que são impostas e nas que procuramos. Nós as vivemos diariamente. Percebemos uma necessidade de pertencer. E precisamos restabelecer a certeza de que realmente pertencemos”.

A transformação das tecnologias da informação e comunicação (TICs), ou seja, a troca de informações dos países entre si e com outros países do mundo, tornou mais acessível a troca de mensagens alterando as identidades. Segundo Takahashi (2000), grandes acervos sobre variados temas e diferentes formas podem alcançar todo tipo de público, em países mais ou menos desenvolvidos.

Goffman (1988) descreve a identidade como a consciência que o indivíduo tem de si mesmo e do lugar que ocupa no mundo. Ela se constrói através da vivência de experiências dentro de um grupo, quando o indivíduo se identifica com uma ou outra característica dos demais elementos. Quando se interage com outros grupos, procura-se compreender o tipo de comportamento apropriado ao contexto, e inferir as expectativas alheias. Portanto, a sociedade exerce influência sobre a forma como a pessoa age e pensa, contribuindo para moldar as representações e práticas ao longo de sua vida.

Em outros termos, a sociedade se encarrega de categorizar o sujeito, separando os membros dessas categorias por atributos comuns e naturais, de modo que os ambientes sociais os separam por possibilidade de serem encontradas num mesmo espaço (GOFFMAN, 1988).

Nesse sentido, quando um estranho é apresentado a alguém, no primeiro momento, esse alguém faz um pré-julgamento de quem ele pode ser e o transforma em expectativas normativas. Assim, as expectativas que não correspondem à realidade geram a identidade social virtual, diferentemente das reais (denominada identidade social real) (GOFFMAN, 1988). Um exemplo de identidade social virtual são as mensagens depreciativas divulgadas no *Facebook*, com as quais os idosos podem não se identificar.

Na contramão dos efeitos negativos das mídias, existem as implicações positivas. As pessoas utilizam o *Facebook* por variados motivos: comunicação à longa distância, diálogos entre familiares e amigos, transmissão de informações sobre o trabalho, anúncios de produtos e serviços, para bate-papos e como forte aliado do telefone. Esse simbolismo integra o tema desenvolvido no próximo subitem.

### **2.5.1 O corpo como sistema simbólico**

O corpo adquire muita importância no Brasil, sendo mais valorizado que a roupa, que, por sua vez, representa apenas um acessório que valoriza e expõe esse corpo. No Brasil, há grande número de pessoas dispostas a fazer cirurgias plásticas para corrigir o corpo, cujos comportamentos são estimulados por três fatores principais: “atenuar os efeitos do envelhecimento; corrigir defeitos físicos e esculpir um corpo perfeito” (GOLDENBERG, 2006, p. 120).

Embora o idoso esteja sempre em desvantagem quanto à forma que a sociedade cobra em relação ao seu corpo, colocando todos no mesmo patamar de beleza, existem aqueles que investem em outras possibilidades de envelhecer dignamente. Diante desse contexto, o conceito de *agência* pode ser útil ao entendimento dos idosos que buscam fugir dos rótulos e vivem como desejam, exercer sua cidadania, e fazer jus ao conceito de *envelhecimento ativo*.

Debert (2012), Gontijo (2005), Neri (1998), Vilela (2006), Parra (2014), Minó (2016) e Farias (2016) e Assis (2014) acreditam na possibilidade de uma velhice saudável, plena e com saúde. Esses autores acreditam que, com a longevidade, os idosos têm mudado seu perfil,

buscando quebrar as barreiras dos estereótipos para envelhecer com dignidade. Isso constitui uma nova tendência de se viver a velhice:

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiados pela busca do prazer e da satisfação pessoal (DEBERT, 2012, p. 14).

Assim como compartilhar imagens, vídeos e mensagens negativas nas redes sociais estimulam a manutenção de estereótipos negativos sobre a velhice, o contrário também acontece. As mensagens podem ser reportadas ao idoso que vive sua velhice plenamente, que se assume sem receios, demonstrando uma velhice ativa. Então, essa imagem positiva da velhice repassa ao imaginário social outra possibilidade de envelhecer, de forma feliz e plena.

O conceito de *envelhecimento ativo* foi elaborado durante a Assembleia Mundial do Envelhecimento Humano, realizada em Madri – Espanha, em 2002. Ele abarca o envolvimento ativo com a vida, o envelhecimento saudável e o envelhecimento bem-sucedido, que vai além das questões ligadas apenas à saúde. É considerado um processo de adaptação às mudanças que ocorrem ao longo da vida, que permite aos idosos manterem seu bem-estar físico, emocional, mental e social. Trata-se, portanto, de um conceito largamente relacionado à manutenção de uma boa velhice.

A abordagem do envelhecimento ativo baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas mais velhas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização estabelecidos pela Organização das Nações Unidas. Assim, o planejamento estratégico deixa de ter um enfoque baseado nas necessidades (que considera as pessoas mais velhas como alvos passivos) e passa a ter uma abordagem baseada em direitos, o que permite o reconhecimento dos direitos dos mais velhos à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspectos da vida à medida que envelhecem. Essa abordagem apoia a responsabilidade dos mais velhos no exercício de sua participação nos processos políticos e em outros aspectos da vida em comunidade (GONTIJO, 2005, p. 14).

Essa iniciativa incitou a criação de diretrizes focadas no *envelhecimento ativo* como prioridade para o século XXI. É válido ressaltar que manter as pessoas idosas saudáveis e ativas, especialmente nos países em desenvolvimento, não se trata de luxo, e sim de pura necessidade. Os países podem custear o envelhecimento, se os governos, as organizações internacionais e a sociedade civil implementarem políticas para o ‘envelhecimento ativo’,

visando melhorar a saúde, a participação e a segurança dos cidadãos mais velhos (GONTIJO, 2005). Vilela *et al.* (2006) concluem que não basta viver muito, é preciso viver bem e o envelhecimento ativo busca justamente esse ponto de equilíbrio, com busca por autonomia e independência.

Segundo o documento *Envelhecimento Ativo: Uma Política de Saúde*, elaborado pela OMS, políticas devem incluir a perspectiva do curso de vida para o entendimento do processo de envelhecimento e seus desdobramentos na vida do indivíduo. Nesse sentido, o conceito de *envelhecimento ativo* corresponde a um “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (GONTIJO, 2005, p. 13).

Esse processo é complexo e deve ser encarado numa dimensão multidisciplinar. A ideia central é estimular o potencial do indivíduo para desenvolver uma vida saudável, com bem-estar físico, social, psíquico e emocional, por meio de autonomia e independência, usufruindo de direitos, cidadania e participação na sociedade (GONTIJO, 2005).

Para Neri (1998), vários fatores influenciam a velhice bem-sucedida. A satisfação com a condição de ser velho é um deles, que desenvolve um sentimento de autoconhecimento, aceitação e alteridade. Essa anuência perpassa as modificações físicas inerentes ao processo de envelhecimento.

Outro fator que compõe o conceito de *envelhecimento ativo* é a situação socioeconômica vivenciada pelo idoso. Quando as necessidades dele são satisfeitas, há um fortalecimento do senso de cidadania e empoderamento que acaba afetando diretamente a sua saúde física e mental. A concepção de envelhecer com saúde também faz parte desse conceito. A participação na vida social também é considerada um elemento importante para o *envelhecimento ativo*.

Além disso, a convivência com outras pessoas favorece o desenvolvimento positivo da visão da velhice, fortalece os laços afetivos da pessoa idosa, permitindo-lhe trocar experiências e se tornar produtivo.

A égide do *envelhecimento ativo* pretende garantir uma vida saudável do ponto de vista físico, mental e social, favorecendo a manutenção e a melhoria da qualidade de vida e o bem-estar do idoso. Para tanto, diversas imagens compartilhadas no *Facebook* poderiam ou deveriam apresentar os idosos de forma positiva, mostrando uma velhice bem-sucedida.

Gontijo (2006) concorda que as imagens de valorização do idoso contrariam os discursos sociais que os tratam como decadentes, vulneráveis, dependentes e inúteis,

associando à velhice a doença e estereotipando-a através de um aparelho coletivo. Elas reportam aos idosos com vida ativa, lucidez, potencial cognitivo preservado, capacidade de fazer atividades físicas, logo, com potencial de realizar atividades que se exercem em variadas idades.

Essas mensagens demonstram que o sujeito envelhecido não é somente solapado pelo que tentam fazer dele através dos estereótipos sociais, mas ele pensa, reflete, contesta e atua, exercendo a sua cidadania. Canclini (2015) aponta que os veículos de comunicação, mesmo diante dos interesses do mercado, estão entre os principais responsáveis pela criação da proximidade ao sentido de pertencimento a uma determinada população.

As mensagens que apresentam um idoso empoderado, capaz de buscar seu próprio agenciamento, provam o quanto pode ser prazeroso envelhecer, confirmando uma tendência na contemporaneidade.

Dentre os conteúdos veiculados à imagem do idoso, aparecem, de diversas maneiras, *posts* compartilhados entre os usuários do *Facebook*. Não são compartilhadas apenas mensagens negativas, mas há referências ao envelhecimento ativo, mostrando o idoso saudável, praticante de atividade física, de lazer ou ativo em trabalho. Essas ações e atitudes podem confirmar o conceito de “*agência*”, que é discutido a seguir.

### **2.5.2 O conceito de *agência***

As imagens que evidenciam um idoso empoderado, com vida ativa, capaz de se adaptar às mudanças da sociedade, às regras e aos discursos que apontam um idoso vulnerável, decadente e dominado, corroboram o conceito de *agência*.

Acho útil distinguir, e não apenas em situações de dominação colonial, *agência* como forma de poder (incluindo questões relativas ao empoderamento do sujeito, dominação de outros, resistência à dominação e assim por diante) e *agência* como forma de intenção e de desejo, como o fato de perseguir objetivos e de realizar projetos (ORTNER, 2007, p. 75).

A autora supracitada define o conceito como “um tipo de propriedade dos sujeitos sociais” (ORTNER, 2007, p. 75), já que a *agência* é quase sempre compartilhada de forma heterogênea, em que algumas pessoas conseguem tê-la, enquanto outras não. Sempre será algo adquirido e negociado interativamente, não possuindo agentes livres, capazes de

controlar as relações que se dão socialmente, por atuarem em muitas teias de conexão que incorporam e completam o mundo social.

Embora a *agência* pertença ao sujeito empoderado, também será associada à capacidade de realização de projetos, que aparecem a partir dos desejos que cada um possui. De certo modo, a *agência* pode ser definida como meio de tornar os agentes sujeitos empoderados (ORTNER, 2007).

Segundo Lisboa (2002, p. 42), o empoderamento se refere a “um poder que afirma, reconhece e valoriza, em vez de um poder que oprime, domina e anula”. Na visão do autor, esse é “um processo que oferece condições e possibilidades às pessoas de autodeterminar suas próprias vidas”.

O agenciamento empodera o corpo ao ponto que ele assume verdadeira forma, sem aceitar ser direcionado por afirmativas sociais, preconceitos ou discriminação. Exemplo desse engajamento é o idoso que tem saúde, faz atividade física, trabalha, viaja, resolve seus problemas cotidianos, enfim, que nega o estereótipo de vulnerável e decadente. Evidentemente, há vários fatores que são determinantes para assegurar uma velhice bem-sucedida, tais como a condição financeira, o grau de escolaridade e a saúde.

O corpo configura importante instrumento carregado de símbolos que transporta o indivíduo para a vida social:

É o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (LE BRETON, 2007, p. 7).

Assim, o corpo é responsável por:

[...] atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. Procurando entender esse lugar que constitui o âmago da relação do homem com o mundo, a sociologia está diante de um imenso campo de estudo. Aplicada ao corpo, dedica-se ao inventário e à compreensão das lógicas sociais e culturais que envolvem a extensão e os movimentos do homem (LE BRETON, 2007, p. 7).

A sociedade em geral costuma privilegiar a beleza atrelada ao corpo magro e jovem. Portanto, a aceitação social para os que não se enquadram nesse padrão não é simples. Eles

estão sempre marcados pela discriminação advinda dos estereótipos. A aparência corporal do idoso está sempre em desvantagem com relação ao padrão de beleza. Não obstante, existem idosos que defendem a vida sem considerar esses ditames sociais.

O corpo recebe as informações do meio em que vive e, para ser aceito, comporta-se obedecendo a regras ditadas socialmente, recebendo e absorvendo a cultura local. Le Breton (2007, p. 8) afirma que “emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural”.

Goldenberg (2006), por sua vez, afiança que o corpo pode ser considerado um *Capital*, exemplificando a realidade carioca, na qual os femininos são muito valorizados. Desse modo, com a imitação prestigiosa, os sujeitos de cada cultura constroem seus corpos e seu comportamento, atendendo a um conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições. Essa cultura também reflete a valorização de determinados atributos e comportamentos, em relação a outros, constituindo um perfil para cada sociedade. Esse corpo também sofre alterações, de acordo com o contexto histórico e cultural, copiados por meio da imitação prestigiosa com foco principal nos bem-sucedidos.

Retornando ao conceito do termo *agência*, este pode ser considerado sinônimo das manifestações de poder relacionadas à disposição, à capacidade de agir e de influenciar pessoas e situações, mantendo certo tipo de controle (ORTNER, 2007, p. 64). Nesse sentido, como parte do seu agenciamento, o idoso vai cuidar da saúde, fazer atividades físicas, cuidar da alimentação, buscar manter os laços sociais, procurar mais informações a respeito dessa fase, conquistando prazer em viver. Tal divulgação de uma imagem positivada da velhice nas redes sociais constitui forma de exercício de cidadania. Slater (2002, p. 13) complementa que “não só minha identidade, mas as próprias relações sociais são reproduzidas através do consumo culturalmente específico (e ao mudar ou rejeitar os códigos de consumo de minha cultura, negocio tanto a identidade quanto aspectos da cultura)”.

Alguns autores latino-americanos, nos quais me incluo, têm trabalhado no estudo e reconhecimento cultural destas modalidades diversas de comunicação, mas têm feito pouco pela valorização teórica destes circuitos populares como foros onde se desenvolvem redes de intercâmbio de informação e aprendizagem da cidadania em relação ao consumo dos meios de comunicação de massa contemporâneos, para além das idealizações fáceis do populismo político e comunicacional (CANCLINI, 2015, p. 38-39).

Além do consumo dos bens materiais, há também o reflexo do que o sujeito considera importante, sendo capaz de consumir imagens e discursos positivos compartilhados nas redes

sociais virtuais, refletindo as formas como os grupos, ou o próprio indivíduo, internalizam esses discursos positivos. Do mesmo modo, é possível quebrar as barreiras de um discurso negativo que não o favorece, fazendo a diferença na vida em sociedade.

Minayo e Coimbra Junior (2002) revelam, em sua obra, um movimento que positiva o envelhecimento como um tempo produtivo específico da vida, emocional, intelectual e social, na incessante busca da superação dos estigmas da discriminação.

Gaeta, Mello e Hayar (2017) garantem que envelhecer pode ser muito positivo. Para esses autores, a sabedoria emerge do envelhecimento, a parcimônia e a descoberta de novos horizontes, o momento de reflexão, de voltar o olhar para si, para a história que cada sujeito escreveu - é um momento que ele pode se redescobrir. “Envelhecer pode significar a integração, ampliação, reconstrução, análise e transformação de si mesmo” (GAETA; MELLO; HAYAR, 2017, p. 99).

Sugere-se, assim, que os jovens (re)pensem o seu futuro, buscando esclarecimento acerca dos “mitos e lendas” sobre a velhice, ou seja, há necessidade de desconstruir preconceitos e visões estigmatizadas ou estereotipadas, considerando que a identidade do velho não precisa ser sinônimo de declínio e estar sempre em contraste com o jovem. “Pode-se pensar na figura do velho como uma identidade (com suas peculiaridades, claro) existindo em conjunto (junto com) a figura do jovem, sem contrapontos que remetem a visão negativa da velhice” (GAETA; MELLO; HAYAR, 2017, p. 102-103).

Corroborando as palavras dos autores supracitados e refletindo sobre as imagens positivas da velhice, compartilhadas pelas redes sociais, considera-se que essas podem repercutir sobre o pensamento coletivo, e desmistificar esses estereótipos que assolam os idosos, principalmente, junto a crianças e jovens que ainda estão em processo de formação e serão os idosos no futuro (MINÓ; MELLO, 2019).

Todaro (2009, p. 8) recomenda propostas que proporcionem encontros intergeracionais, com efeitos positivos, ao estimularem atitudes de inserção social em relação aos idosos. Segundo o autor, o intercâmbio entre as gerações pode contribuir para romper preconceitos, melhorar a convivência, e aumentar a respeitabilidade entre os idosos e os jovens.

A seguir, descreve-se a relação entre os usuários com os vídeos, imagens e textos que circulam nas redes sociais virtuais, configurando importante fonte de troca de informações e produção de sentidos.

## 2.6 A produção de sentido e a mídia

Os usuários desempenham papel ativo na produção de sentidos, e a interpretação depende de todo o contexto e da bagagem de conhecimento que trouxe consigo. Trata-se, portanto, de um processo interativo, não sendo possível acontecer individualmente. A conexão com a informação está diretamente atrelada ao modo como o agente apreende e interpreta o que o autor intenciona e esses sentidos variam de acordo com o sujeito e com a natureza do que foi apresentado.

Portanto, novas informações possibilitam novos conhecimentos intermediados pelos dados previamente existentes na memória do interlocutor, visto que:

[...] o sentido é uma construção social e, como tal, um empreendimento coletivo. Tomamos a produção de sentidos como um processo interativo: ninguém produz sentido individualmente. Situamos o sentido como uma construção social, e enfatizamos que tal construção se dá num contexto, numa matriz que atravessa questões históricas e culturais e que é essa construção que permite lidar com situações e fenômenos do mundo social. (SPINK, 2010, p. 35)

Desse modo, percebe-se que a produção de sentidos se concretiza em um processo longe e contínuo, podendo ser exemplificada em situações simples e rotineiras, exemplo do que ocorre no trânsito: “se não déssemos sentido ao semáforo e, simplesmente, atravessássemos a rua, não percebendo o que significa o vermelho, o verde, o amarelo, provavelmente seríamos atropelados, com graves consequências físicas” (SPINK, 2010, p. 36). As postagens feitas nas redes sociais também comprovam que podem ser relevantes produtoras de sentidos, considerando a interatividade entre os usuários. Há postagens significativamente apelativas, no que tange à escolha de um Banco, ou instituição financeira, em situações que realçam os idosos como potenciais representantes de correntistas, de beneficiários com renda por aplicação, ou mesmo de pessoas felizes por terem feito um financiamento ou empréstimo. Destarte, a forma como o idoso é representado nessas postagens pode causar efeito sobre o pensamento coletivo social (MINÓ; MELLO, 2019), com um alcance bem mais abrangente de público.

Para Orlandi (1994), o discurso é o efeito de sentido entre locutores. Por isso, deve-se considerar a linguagem de uma maneira muito particular, levando em conta sua relação com a

constituição dos sujeitos e a produção dos sentidos. “O discurso supõe um sistema significante, mas supõe também a relação deste sistema com sua exterioridade, já que sem história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique” (ORLANDI, 1994, p. 53). Portanto, o que o agente carrega consigo, que são informações das situações vivenciadas no decorrer da sua história de vida, vai interferir na sua incorporação dos sentidos, ocorrendo os efeitos entre locutores. E, por outro lado, há a dimensão simbólica dos fatos.

Uma vez que a vida está refletida nas redes sociais virtuais através dos variados discursos expostos em suas páginas, as postagens causam efeito sobre os corpos e sobre a dinâmica da vida dos agentes. Isso assegura uma constante troca de experiências entre os usuários e a formação dos grupos e páginas criadas para discutirem um determinado assunto, sendo esse corriqueiro ou mais polêmico como os rótulos e estereótipos. Segundo Recuero (2014), o surgimento de um grupo em uma rede social exige que os atores que fazem parte dessa rede engajem-se em um processo de cooperação, e os membros de uma mesma rede precisam cooperar para difundir as informações. Desse modo, se não houver interação e cooperação, não haverá grupo.

Rodrigues e Silva (2013) consideram que as redes sociais têm uma função primordial para os idosos, contribuindo para que eles se sintam queridos, valorizados e tenham o sentimento de pertença a um grupo. Dessa forma, reduzem-se os sentimentos de solidão, isolamento e anonimato.

Nesse contexto, “falar da velhice atrai a atenção do público, cada vez mais desejoso de entender o seu próprio tempo na sua singularidade. A imprensa quer falar do que chama a atenção do leitor” (AGRA DO Ó *et al.*, 2010, p. 122).

No entanto, entre os paradoxais prós e contras, aspectos positivos e negativos, conforme mencionado, ainda são recorrentes as mensagens que denigrem a imagem do idoso, destacando essa fase como vulnerável e dependente. A noção de idoso decadente configura uma produção de sentidos negativos. Agra do Ó *et al.* (2010) citam o discurso midiático como uma produção desigual da subjetividade, que parte de uma imagem justa do que deve ser a dinâmica social, para então tecer a imagem dos personagens daquela cena, mediante a disposição desses personagens. Dessa forma, existem os que nela se ajustam, sendo uns transgressores e outros vítimas, sendo que estes últimos se culpabilizam, sentem-se incapazes de se instituírem socialmente, com a devida aquisição do respeito.

Sob esse viés, os autores supracitados analisam duas reportagens de um jornal de uma região brasileira, e concluem que o idoso ainda é representado de forma depreciativa em certos casos:

Para não se arriscar tanto, parece dizer em silêncio cada matéria, o idoso deveria abrir mão de ser quem ainda é, e esconder os ganhos, mudar-se para ruas movimentadas, agregar-se quem sabe em casas de parentes, silenciar o desejo sexual, apagar-se na paisagem, dissolver-se, esfumar-se. O tempo presente, ao menos para os idosos pobres e habitantes do campo, não é acolhedor a quem não é jovem, forte, ágil (AGRA DO Ó *et al.*, 2010, p. 122).

Agra do Ó *et al.* (2010, p. 127) também refletem sobre a imprensa em relação aos idosos:

O que temos percebido é a pregnância, no discurso jornalístico, de certa sensibilidade social em torno do envelhecimento humano. Tal sensibilidade é tecida com uma mescla heterogênea de fios, alguns marcados pelas cores dos estereótipos, outros pelos tons do reconhecimento dos direitos humanos da pessoa idosa, outros mais pelas sombras de uma sociabilidade vincada pela dureza e pela inclemência da barbárie.

Consonante ao exposto, observa-se que o envelhecimento humano é crescente e existem muitas maneiras e formas de envelhecer, dependendo do contexto de cada um. O envelhecimento é coberto de peculiaridades próprias, assim como as outras vivenciadas no decorrer da existência humana, como defendido por Bourdieu, e apresentado a seguir.

## **2.7 Violência simbólica na sociedade contemporânea**

Para o filósofo Bourdieu, a sociologia é uma ciência total, que pode restituir a unidade fundamental da prática humana, empregando uma função crítica para desvelar mecanismos sociais, culturais e simbólicos de dominação. Assim, o poder simbólico representa um poder invisível dependente da cumplicidade de seus atores/agentes envolvidos, sendo um tema de grande relevância. Em suas obras, as produções simbólicas configuram instrumentos de dominação, tratando de sistemas ideológicos legítimos, sendo assim relacionadas aos interesses das classes dominantes.

Seu caráter inovador e multidisciplinar tem influenciado estudos sobre linguagem, arte, comunicação, política e educação. Conseqüentemente, Bourdieu detém o monopólio da

violência simbólica, que assevera a dominação dos dominantes, efetivando-a pelo uso de instrumentos legítimos, que se tornam eficazes devido à negação e dissimulação da dominação.

O conceito de *violência simbólica* do sociólogo francês Bourdieu (1989) abrange a *produção simbólica*, legitimando as forças dominantes que se expressam por meio das separações em classes, conforme os estilos de vida que os diferenciam (principalmente pelo potencial econômico).

Bourdieu (1997, p. 204) elabora a seguinte consideração sobre a violência simbólica:

Toda coerção que só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante (portanto à dominação) quando, para pensar e se pensar ou para pensar sua relação com ele, dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante e que faz com que essa relação pareça natural.

Dessa forma, a violência simbólica é considerada uma forma de coação que se ampara no reconhecimento de determinada imposição (econômica, social ou simbólica). Em outras palavras, a posição social ou o poder social não depende do dinheiro acumulado ou da situação de prestígio desfrutada; trata-se da articulação de sentidos que esses aspectos podem assumir em determinado momento.

Bourdieu apresenta uma profunda análise sobre a ação simbólica da televisão, como “um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo” (BOURDIEU, 1997, p. 18). O termo televisão pode ser relacionado de forma análoga à mídia virtual, recurso mais atual e utilizado para comunicação e obtenção de informações. Assim, emprega-se a sociologia do referido filósofo para fornecer subsídios no entendimento das representações sociais no ambiente virtual *Facebook*.

Em seus densos escritos, de suma importância e grandeza para as Ciências Sociais e Humanas, Bourdieu (1989) descreve uma ampla reflexão sobre a vida e o cotidiano. Sua obra perpassa as instituições escolares, a religião, a moda, a televisão, a arte, o jornalismo, entre outros espaços sociais, primando pelo que esse sociólogo denomina *estruturas estruturantes* e *estruturas estruturadas* envolvidas por *sistemas simbólicos*, já que os símbolos são instrumento de inserção social.

Para Bourdieu (1989), o *habitus* é um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma determinada

circunstância. *Habitus* posiciona-se entre a estrutura e a ação, significando condicionamentos duráveis e transferíveis, e funciona como princípio gerador e organizador de práticas e de representações.

*Habitus* não designa apenas um condicionamento:

Designam, simultaneamente, um princípio de ação. Eles são estruturas (disposições interiorizadas duráveis) e são estruturantes (geradores de práticas e representações). Possuem dinâmica autônoma, isto é, não supõem uma direção consciente nas duas transformações. Engendram e são engendrados pela lógica do campo social, de modo que somos os vetores de uma estrutura estruturada que se transforma em uma estrutura estruturante. Aprendemos os códigos da linguagem, da escrita, da música, da ciência etc. Dominamos saberes e estilos para podermos dizer, escrever, compor, inventar (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 36).

Portanto, os mecanismos de reprodução social legitimam as diversas formas de dominação. Em seu estudo, o autor desenvolveu conceitos, retirando a economia do foco principal de análise, sem deixar de ponderar sua supremacia e sem abandonar a noção de classe, buscando desvelar nos entraves da sociedade conceitos como o de *Habitus*. Este consiste em uma matriz geradora de comportamentos, gostos, estilos de vida e sistemas de classificação da realidade que é integrada pelo indivíduo. Já o conceito de *Campo* corresponde a um espaço dinâmico onde ocorrem as relações entre os agentes, grupos e estruturas sociais, espaços que estão em movimento constante, obedecendo às próprias leis. O conceito de *capital cultural* refere-se aos nichos da atividade humana em que ocorrem lutas pela detenção do *poder simbólico* que produz e confirma significados. Essa estruturação social consagra valores que serão aceitos pelo senso comum (BOURDIEU, 1989).

O autor ainda descreve o mundo social como multidimensional, em que tudo é orientado em função dos fenômenos socioeconômicos ou das relações de oposições de classe. Dessa forma, a classe dominante sempre está atrelada ao poder econômico, impondo sua cultura aos menos favorecidos (dominados), mediante mecanismos que atuam no cotidiano por serem espaços comuns a muitos e favoráveis a construir verdades por passarem despercebidas e serem absorvidas facilmente no âmbito da cultura.

A classe dominante tem o potencial de exercer o *poder simbólico* e a dominação e, com isso, a *violência simbólica*. Nesse processo, “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim serem vistas como naturais” (BOURDIEU, 2005, p. 46).

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação que contribuem para assegurar a dominação, que de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 1989, p. 11).

A *violência simbólica* está vinculada às estruturas de *poder*, sendo que esse *poder* acontece de forma invisível e só pode ser exercido com a cumplicidade dos agentes envolvidos, porém é ignorado por não ser percebido.

No caso dos idosos, eles costumam elevar os que estão dentro de um modelo de corpo dito como padrão, sendo que os “diferentes” serão diminuídos, excluídos, subalternos, rotulados como quem tem um corpo decadente. Portanto, quando são divulgadas imagens depreciativas da velhice no *Facebook*, os idosos tornam-se diminuídos e estereotipados, ficando em um patamar de inferioridade.

Como a sociedade valoriza o corpo jovem e magro, a imagem do idoso se torna uma afronta aos olhos da sociedade, que o obriga a ver seu corpo como “decadente” e “feio”, arcando com a culpabilização pelo seu fracasso, já que a indústria da beleza oferece diversos artifícios “anti-idade”. Nesse sentido, os velhos passam a ser valorizados só se estiverem consumindo tudo que mascara e nega a velhice, como os produtos “anti-idade”, e outros artefatos que a indústria dos cosméticos e da beleza afirmam fazerem milagres. Nesse contexto, debochar dos mais velhos torna-se uma maneira de diminuí-los e desclassificá-los, constituindo uma *violência simbólica*.

No *Facebook*, é comum observar propagandas e mensagens que deboçam dos idosos. Muitas vezes, de forma lúdica, levam as pessoas a acharem graça e compartilhem pedagogias culturais que depreciam os idosos, mediante os símbolos que evocam.

Bourdieu (1989) define os *símbolos* como instrumentos de integração social, conhecimento e comunicação, possibilitando o engajamento acerca do sentido do mundo social que contribui para a reprodução da ordem social. Fazendo uma analogia, citam-se as imagens divulgadas no *Facebook*, postadas e compartilhadas entre uma conversa e outra, como um *símbolo* que pode confirmar ou mudar a *ordem social*, dependendo do tipo de mensagem veiculada. Nesse sentido, quanto mais imagens e vídeos circularem nesse espaço de comunicação, mais informações que representam o idoso são exibidas, podendo ser de

forma depreciativa ou valorativa, legitimando a velhice como algo feio ou belo, negativo ou positivo.

Bourdieu (1989) acredita que a cultura dominante propicia integração e comunicação entre seus membros, ao mesmo tempo em que os separa das demais culturas. Esse fenômeno reporta a mais um importante conceito do autor: a distinção entre as culturas inclusiva e separatista, em que se legitimam suas diferenças, realizando a aproximação através da comunicação; ao mesmo tempo, é construída uma divisão, distanciando a cultura dominada da cultura dominante.

Sobre esses aspectos culturais, Guerra e Caldas (2010, p. 17) confirmam que “[...] interferem na maneira de olhar o envelhecimento e, conseqüentemente, na maneira como a pessoa idosa vai se constituir nesse meio”. Estes autores dizem, ainda, que a possibilidade de envelhecer de maneira bem-sucedida depende da história de vida e da forma como cada um entende o processo de envelhecimento e a velhice.

Bourdieu (1997) também descreve condutas expostas em situações vividas pelos sujeitos, interiorizadas como “verdades” e capazes de influenciá-los, mudando suas formas de pensar ou seu comportamento para ser aceito em um determinado grupo. Esse é o *poder simbólico*, imposto através de vários mecanismos, podendo ser o *Facebook* uma importante ferramenta a serviço desse poder.

Dessa forma, a *violência simbólica* é propagada pelos meios de comunicação, considerando notícias e informações discriminatórias que, impulsionadas pela velocidade da internet, percorrem o mundo todo em forma de vídeos, fotos, áudios e mensagens. Por essa razão, considera-se que as postagens divulgadas no *Facebook* possuem um potencial de persuasão altamente convencedor.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A ciência abrange tudo o que acontece na vida e com a vida, envolvendo a matéria, a energia e as relações entre fatos. Assim, a partir de uma dúvida, é possível buscar um caminho para um questionamento e chegar a uma compreensão (LEOPARDI, 2002). “Ciência é o conjunto de informações descritivas, explicativas e preditivas da realidade; é sempre uma construção mental sobre a realidade, como observação da experiência” (idem, p. 45).

O método pode ser definido como “conjunto dos princípios e dos procedimentos aplicados pela mente para construir, de modo ordenado e seguro, saberes válidos” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 335). O embasamento teórico e metodológico provê a sustentação de qualquer trabalho científico, exigindo um “conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo” (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 83). Assim, um método científico consiste em traçar caminhos, encontrar erros para que se possa ter apoio nas decisões a serem tomadas.

A pesquisa é classificada como descritivo-exploratória, uma vez que delinea características de determinado fenômeno, proporciona novas visões sobre uma realidade já conhecida e maior familiaridade com o tema, buscando torná-lo mais explícito e claro. Salomon (2001, p. 158) afirma que “as pesquisas exploratórias ou descritivas são as que têm por objetivo definir melhor o problema, proporcionar as chamadas intuições de solução, descrever comportamentos de fenômenos, definir e classificar fatos e variáveis”.

Caracteriza-se pela abordagem qualitativa, já que a coleta e análise dos dados não é baseada na quantificação, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Assim, realiza-se a análise do conteúdo publicado na rede *Facebook*, de forma detalhada e aprofundada, verificando como esta retrata os idosos através das imagens e textos, sob o ponto de vista das pedagogias culturais.

Como método, utiliza-se a etnografia virtual, que explicita a forma de posicionamento dos usuários, as informações trocadas em determinado contexto, suas subjetividades e tendências.

A etnografia virtual ou netnografia é um processo que se desenvolve a partir da ação do pesquisador, de suas escolhas dentro do contexto pesquisado e, por isso, não tem uma estrutura rígida, pois depende do que vem do campo de pesquisa. Deste modo, parte de uma visão dialética da cultura, na qual esta se movimenta entre as estruturas sociais e as práticas sociais dos sujeitos históricos (GUTIERREZ, 2019, p. 18).

Considerando-se, pois, o ciberespaço como um espaço sociocultural, as abordagens etnográficas são comuns em pesquisas na internet, importante para identificar contradições como motores do desenvolvimento de um fenômeno pesquisado na realidade social.

“Para o etnógrafo, a multiplicidade do olhar, a subjetividade do pesquisador, o contexto e a descrição estão sempre presentes” (PASSARELLI; SALLA; TAVERNARI, 2017, p. 8). De acordo com Geertz (1989), cabe ao pesquisador, no contexto da cultura, interpretar uma ação e uma narrativa em busca de seus significados.

A coleta de dados decorre do levantamento de imagens diversas, publicadas na rede *Facebook*, durante o ano de 2017, visando identificar como os idosos são reportados nessa mídia. As imagens, com ou sem textos, foram coletadas por meio da versão digital, podendo ter sido publicadas por crianças, adolescentes, adultos e, ou idosos.

Quanto ao instrumento de coleta de dados, a pesquisa é configurada como documental, por utilizar documentos como objeto de investigação. Figueiredo (2007) explica que o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e, ou impressos, podendo ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Desse modo, os documentos são usados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que possibilitam elucidar determinadas questões.

A pesquisa de caráter documental apresenta potencial de assumir cada vez maior relevância, sobretudo se considerarmos o quanto rapidamente vem crescendo a produção de dados, a diversificação dos suportes de registro, a velocidade da circulação de dados, e as próprias possibilidades de acesso aos múltiplos formatos de documentos na assim chamada era da informação. Não apenas os textos, mas também fotos, vídeos, bancos de dados e vários outros tipos de documentos de origem pública ou privada estão cada vez mais disponíveis e amplamente acessíveis aos pesquisadores (BELTRÃO; NOGUEIRA, 2011, p. 2).

Nesta pesquisa, os documentos são constituídos por mensagens e imagens divulgadas no *Facebook*, especificamente nas páginas “Velhice me aguarde” e “Velhice solitária”, publicadas no ano de 2017. Considerou-se que esses dados permitiriam apreender qual tipo de informação a respeito da velhice e do envelhecimento é compartilhada por esse aplicativo.

A escolha das referidas páginas se justifica pela importância de se abraçar a sugestão de alguns membros da banca pela qual passou a pesquisadora. Após se iniciarem as leituras para a elaboração da pesquisa recomendada, nessa mídia, percebeu-se o latente contraponto

entre os seus conteúdos – em uma página, retrata-se uma velhice planejada, de pessoas conscientes do processo do envelhecimento – “velhice, me aguarde” indica os fatos que são esperados nessa fase de vida; já, na outra página, encontram-se indícios de uma velhice depressiva, “solitária”, como o próprio nome indica. Pensa-se, assim, que ambas poderiam fornecer evidências e discussões para diferentes pontos de vista da fase do envelhecimento.

Todo o conteúdo foi reproduzido, buscando-se desvelar o plano de fundo, as cores, a paisagem e as expressões utilizadas, para favorecer o entendimento da mensagem por detrás do proposto.

Ainda que a pesquisadora precise manter um distanciamento, conforme recomendado por Velho (1999, p. 128), não se pode negar certa familiaridade com o cenário e as situações sociais do cotidiano, com as situações que permitem críticas e questionamento do seu próprio contexto. “O trabalho de investigação e reflexão sobre a sociedade e a cultura possibilita uma dimensão nova de investigação científica, de consequências radicais-questionamento e exame sistemático de seu próprio ambiente”. Portanto, embora esta pesquisa se enquadre dentro do que é familiar, torna-se necessário compreender os princípios que estruturam as práticas. Por certo, para que se proceda à referida análise, critérios de mensuração devem ser utilizados, visando ao esclarecimento, possivelmente sistematizado, do conteúdo que compõe o objeto de investigação. Embora esta estruturação não tenha constituído parte explícita do planejamento da pesquisa, fundamentada em uma escala específica, há de se considerar que o aspecto empírico, sustentador da observação e da experiência, utilizados no estudo, ancoram-se na análise de conteúdo das referidas páginas do *Facebook*.

A análise de conteúdo, enquanto metodologia amplamente utilizada pelas ciências sociais, para estudos de conteúdos, em textos e comunicação, examina a recorrência de termos ou de elementos visuais, utilizados nos *corpus* selecionados ou conjunto de dados coletados (recebidos ou produzidos). Em termos mais específicos, Bardin (2006, p. 38) explica que se trata de

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (Tradução nossa).

Dessa forma, opta-se pelo conjunto de técnicas de análise que visa ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura das informações coletadas, avaliando criticamente a significação dos dados, sendo os textos escritos os mais tradicionais na análise de conteúdo.

Esse processo de análise envolve diferentes etapas, para auferir sentido aos dados coletados. Nesta pesquisa, procedeu-se, pois, à realização das etapas da técnica segundo Bardin (2006): 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na primeira etapa, denominada pré-análise, cuidou-se de selecionar o material a ser analisado e organizado de modo operacional, a partir da sistematização das ideias iniciais que consiste em: (a) leitura flutuante, para estabelecer contato entre os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer o texto; (b) escolha documental, quando se demarca o material a ser estudado; (c) formulação de hipóteses e de objetivos; (d) referenciação dos índices e determinação de indicadores, por meio de excertos de texto dos documentos analisados (BARDIN, 2006).

A segunda fase consiste em explorar o material, definindo-se categorias (sistemas de codificação) e sendo identificadas as unidades de registro (que corresponde ao segmento de conteúdo considerado como unidade base, visando à categorização e à contagem frequencial) e das unidades de contexto nos documentos (a fim de compreender o sentido exato da unidade de registro).

A categorização consiste na classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos ... sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 2006, p. 117).

Trata-se, portanto, de uma etapa importante, pois esta pode enriquecer as interpretações e as inferências (BARDIN, 2006).

Na última fase, referente ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação, realiza-se o tratamento dos resultados, dando destaque às informações da análise, culminando, assim, em interpretações inferenciais. Nesse momento, emprega-se a intuição para analisar o conteúdo de forma reflexiva e crítica (BARDIN, 2006).

As etapas supracitadas advêm da análise qualitativa, devendo ser necessariamente precedidas das definições que explicitam um problema, estabelecendo os objetivos da pesquisa, possibilitando, desse modo, a reunião de dados.

Na preparação, de posse das informações a serem analisadas, identificam-se as diferentes amostras de informação. Neste estudo, esta etapa consistiu na leitura de todo o material, avaliando-se a efetiva correspondência entre as páginas selecionadas e os objetivos da pesquisa. Confirmou-se, com base em vários estudos desenvolvidos e referenciados sob a temática, que os documentos incluídos na amostra são representativos e pertinentes aos objetivos da análise, podendo cobrir de forma geral o campo a ser investigado, ainda que não o fosse de forma abrangente, por se tratar de uma amostra limitada. Ainda assim, identificou-se cada elemento da amostra dos documentos a serem analisados os quais condensaram a paradoxal visão do idoso e da velhice.

Moraes (1999) recomenda realizar o trabalho de unitarização ou categorização, especialmente no caso de as categorias serem definidas a partir do material em exame e quando o próprio conceito de unidade de análise é construído a partir do conteúdo investigado.

O autor afirma que a categorização é o agrupamento de dados considerando a parte comum existente entre eles, devendo ser classificados por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente definidos. Assim, os critérios podem ser semânticos, sintáticos ou constituídos a partir de critérios léxicos, com ênfase nas palavras e seus sentidos ou podem ser fundadas em critérios expressivos. Neste estudo, escolheu-se a categoria temática. Trata-se de um processo de redução da dados, sendo que as categorias são o resultado do esforço de síntese, no qual foram destacados os aspectos mais importantes.

A descrição é a quarta etapa do processo de análise de conteúdo, com a finalidade de comunicar o resultado da categorização. Na abordagem qualitativa, para cada uma das categorias, um texto síntese é produzido a fim de expressar os significados presentes nas unidades de análise. Conforme Moraes (1999), é recomendado fazer um uso intensivo de “citações diretas” dos dados originais, podendo haver descrições abrangentes, dependendo dos níveis de categorização. A organização desta descrição foi determinada pelo sistema de categorias construído ao longo da análise: (1) fenômenos percebidos no corpo como marcas do processo de envelhecimento (exemplos: menopausa, rugas, perda da força física, diminuição da memória, surgimento de doenças e dor); (2) transitoriedade da vida, concebida

pelo convívio com a espera da morte; (3) relações interpessoais na velhice (relações sociais); e (4) autorrealização, representada pelas metas e desejos.

Com o intuito de atingir a compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens, por fim, é feita a interpretação, na qual se busca a compreensão de toda leitura do texto. Moraes (1999) salienta que a interpretação não é feita somente sobre os conteúdos manifestos pelos autores, como também sobre os latentes, sejam eles ocultados consciente ou inconscientemente pelos autores. Para tanto, utiliza-se a fundamentação teórica claramente explicitada *a priori*, construída com base nos dados e nas categorias da análise.

A análise de conteúdo constitui, portanto, um instrumento versátil, que pode ser adaptado a uma grande diversidade de pesquisas, sendo que cada pesquisador deve tentar encontrar a forma de sua utilização nas áreas específicas de seu trabalho.

Os conteúdos selecionados foram organizados para posterior análise, separados em quatro categorias, a saber: (1) fenômenos percebidos no corpo como marcas do processo de envelhecimento (exemplos: menopausa, rugas, perda da força física, diminuição da memória, surgimento de doenças e dor); (2) transitoriedade da vida, concebida pelo convívio com a espera da morte; (3) relações interpessoais na velhice (relações sociais); e (4) autorrealização, representada pelas metas e desejos.

A partir da revisão de literatura, foi possível observar que o envelhecimento constitui um processo multidimensional, que abrange aspectos da saúde física, mental, social, emocional, além das questões de caráter subjetivo, já que cada um tem seu próprio processo. Dessa forma, na análise de dados, partiu-se do princípio de que cada autor percebe e analisa esse processo individualmente.

A Análise do Discurso (AD), conforme explicado no próximo item, proporciona a melhor compreensão e categorização do conteúdo, contemplando as fases de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. As leituras complementares decorreram de livros e bases de dados em meio eletrônico sobre o tema estudado e o método utilizado.

Segundo Orlandi (2001, p. 77), “as etapas de análise têm, como seu correlato, o percurso que nos faz passar do texto ao discurso, no contato com o corpus, o material empírico”. Nesse sentido, a AD constitui a prática da linguagem que intermedeia a relação do homem e da realidade social.

Para realizar essa análise, que abrange a assimilação de texto e de imagem, discute-se à luz do referencial teórico, relacionando o conteúdo às categorias: (1) fenômenos percebidos no corpo como marcas do processo de envelhecimento (exemplos: menopausa, rugas, perda

da força física, diminuição da memória, surgimento de doenças e dor); (2) transitoriedade da vida, concebida pelo convívio com a espera da morte; (3) relações interpessoais na velhice (relações sociais); e (4) autorrealização, representada pelas metas e desejos.

Nessa perspectiva, as mensagens foram organizadas e transcritas, em um processo de transformação das imagens em discussão, conforme orientado por Duarte e Farias (2013, p. 117), autores que recomendam que todo o ambiente físico seja descrito, observando-se as roupas, a posição dos corpos, os gestos e expressões e fisionomias dos sujeitos retratados, bem como as cores usadas na composição da cena. Além disso, não se olvidam dos discursos presentes nas mensagens.

A AD busca relacionar a língua à sociedade, considerando-se as palavras ditas por alguém, de algum lugar, com intenções e fatores como religião, cultura, valores morais, legais, de dominação, de tradições etc., que sofreram influências sobre tal discurso.

Para Fairclough (2001), a AD contribui para a análise das práticas sociais e do lugar dos discursos, ponderando as relações de poder que se reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias já existentes. Considera-se, assim, que as hegemonias possuem dimensões ideológicas que se confirmam nas práticas discursivas.

Azevedo (2010) reforça que a AD objetiva analisar textos para conhecer o interior e o exterior da linguagem que ocorrem de forma regular em domínios importantes da vida social e cultural. Desse modo, realiza-se a leitura além dos significados superficialmente acessíveis, fornecendo outros meios de acesso.

[...] A ideia central em toda a investigação discursiva é assim, a de salientar as formas em que a linguagem constrói, regula e controla o conhecimento, as relações sociais e as instituições, e de examinar as formas pelas quais as pessoas utilizam ativamente a linguagem na construção do significado da vida cotidiana (AZEVEDO, 2010, p. 107-108).

As estruturas que integram o comportamento são complexas, competindo ao pesquisador fazer uma decomposição dos elementos que compõem tal comportamento, a fim de dar sentido ao seio da cultura reproduzida por significações e atitudes de pessoas ou de grupos (PASSARELLI; SALLA; TAVERNARI, 2017).

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 4.1 Páginas analisadas do *Facebook*: “Velhice, me aguarde” e “Velhice solitária”

Importante retomar, nesta oportunidade, uma síntese dos questionamentos que levaram à elaboração da questão-problema que orientou o objetivo maior deste estudo de analisar, verificar e comprovar se a imagem dos idosos, mostradas na rede social *Facebook*, reproduzem a pedagogia cultural revelando o sentido social que possui a velhice e se sentido molda comportamentos e influencia percepções.

No processo investigativo que colocou a pesquisadora diante das páginas selecionadas e transcritas ou mostradas neste capítulo, foram pontuadas as seguintes questões: Como as imagens e os textos do *Facebook* reportam o idoso? O conteúdo postado nessa mídia nega ou reforça estereótipos ligados à velhice? Quantos seguidores apreciaram e ou fizeram comentários sobre esta postagem? Trata-se realmente de uma visão coletiva ajustada à posição dos argumentos da postagem, ou é predominantemente contrária?

A dualidade marcada pela oposição jovem-idoso; novo-velho; feio-bonito, útil-inútil, sadio-doente, foram alguns dos pares que confirmaram a visão de Silverstone (2005) de que o mundo interativo virtual comporta dois tipos de posicionamento: um que milita a favor, e outro que critica ou ofende, muitas vezes, disseminando preconceitos.

Dada a natureza do estudo, não se considerou pertinente trazer à baila os comentários dos visualizadores e seguidores das páginas em epígrafe.

Contemplada a proposta metodológica, considera-se dispensável reapresentar a problematização por imagem/texto analisado, evitando-se a redundância neste capítulo.

Inicialmente, apresenta-se a análise da página “Velhice, me aguarde”, por ordem de data. Foi criada por Teruska Bickel, em 18 de junho de 2013. No *Facebook*, já no início da página, aparece a seguinte frase: “Envelhecer é aportar numa ilha pequena demais para conter sua vida”. Encontrou-se que 4.118 pessoas curtiram essa página e 4.112 pessoas a seguem. Em sua história, consta o seguinte comentário:

Envelheço e não me acostumei com isto. Quem se acostuma? Passei anos da minha vida tentando negar o futuro e de repente desembarco nele, sem bagagem suficiente para saber o que vou fazer daqui pra frente.

Ao acessar o perfil da criadora, notam-se as informações: “cursou Direito na Universidade Federal de Minas Gerais”, “mora na capital mineira, Belo Horizonte”, “gerencia

mais seis páginas no *Facebook*". Esses dados do perfil endossam certa credibilidade que geralmente os internautas procuram visualizar antes de seguir as páginas, seja por convite ou por identificação com as mensagens ou imagens veiculadas.

A outra página avaliada na presente pesquisa é “Velhice solitária”, de administrador desconhecido. Sabe-se que sua primeira postagem foi em 22 de julho de 2014. Ao acessar a página aparece a seguinte informação: “Pessoas que vão chegando à velhice convictas de que já não tem mais a mesma importância como ser humano”. Observou-se que 157 pessoas curtiram esta página e 158 pessoas a seguem. A história da página está em branco.

#### **4.2 Análise do conteúdo selecionado**

Frequentemente, a imagem da velhice na sociedade é apresentada como fator negativo, quando baseada na decadência física. Tomando como apoio a representação social da velhice, viabiliza-se a compreensão da coexistência das duas imagens – negativa e positiva.

De acordo com as imagens analisadas, é possível considerar ambas as representações sociais da velhice, assim como seus elementos recorrentes e estruturais.

As figuras utilizadas neste estudo foram coletadas, a fim de identificar os dois tipos de imagens do envelhecimento: as refletidas pelas publicações que demonstram uma velhice “ingrata” (com degeneração física e mental do idoso) e as que representam a valorização dessa fase de vida (com beleza e autonomia física e mental do idoso).

Trata-se de exemplos de missivas divulgadas no *Facebook*, mensagens de pensamento em pensamento, como uma pedagogia cultural, tornando-se uma fonte de disseminação de informações sobre o assunto estudado (velhice).

A primeira imagem analisada foi publicada no dia 17 de abril de 2017, na página “Velhice, me aguarde”.

Figura 1 – Viva bem a velhice



Sabem o que eu acho? Que a velhice obteve finalmente a sua tão decantada carta de alforria. Sério! Antigamente a pessoa aos cinquenta anos era considerada velha, na concepção da palavra.

Tinha aparência decadente, andava, se vestia e falava como tal, sem tirar e nem por. Realmente acontecia dessa maneira como estou descrevendo. Aos sessenta anos tinha um aspecto de ancião e se movia geralmente curvado e com grande dificuldade.

O que não mais acontece hoje em dia, a não ser com raríssimas excessões. O idoso agora é antes de tudo um forte, pois se move com toda desenvoltura, pratica várias modalidades esportivas, frequenta faculdade, viaja pelo mundo inteiro, faz sexo com regular assiduidade e disputa o mercado de trabalho com os jovens em pé de igualdade.

Milagre? Não necessariamente, mas sim devido ao avanço da medicina, com a descoberta de novos remédios e a observância de hábitos mais saudáveis. É comum alcançar boa longevidade, alguns chegando aos cem anos com um pé nas costas e em excelentes condições físicas e mentais.

Viva então a nova geração da terceira idade que está botando para quebrar e deixando de ser um estorvo para a sociedade, como antigamente eram taxados todos os idosos.

Fraga/

Fonte: Página “Velhice, me aguarde” (FACEBOOK, 2017).

A Figura 1, inserida exatamente como publicada no *Facebook*, não apresenta imagem extra para ilustrar o texto, exceto pelo desenho da bengala nas cores do arco-íris que faz uma moldura no título do texto “Viva bem a velhice”. O texto é assinado por “Fraga/”, mas não há outras informações sobre esse autor. Essa análise pode ser iniciada abordando-se uma consideração de Laraia (2001), já que os sujeitos podem ser identificados por variadas peculiaridades, como: “o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica” (LARAIA, 2001, p. 2).

Conforme pode ser visto no texto (Figura 1), as percepções que uma pessoa possui sobre a velhice podem ser resultado de diversas pedagogias culturais, advindas das diferentes mídias, piadas, livros etc. Também podem surgir do processo de socialização, de acordo com as influências do meio em que vivemos, como Jubé, Cavalcante e Castro (2018) explicam.

Na Figura 1, destaca-se o trecho “a velhice obteve finalmente a sua tão decantada carta de alforria”, que denota o revigoramento dos idosos na luta contra estereótipos, preconceitos e melhores condições de vida. O conteúdo da figura se refere àqueles sujeitos que praticam novos comportamentos sociais: “frequenta faculdade”; “viaja pelo mundo inteiro”; “faz sexo com regular assiduidade”; “disputa o mercado de trabalho com os jovens em pé de igualdade”. Esse é um novo estereótipo formado nas vozes sociais: um idoso com novos desejos, novos interesses, um novo consumidor. Isso demonstra que a Figura 1 se encaixa na categoria (1), caracterizada pelos fenômenos do processo de envelhecimento.

Ainda sobre as positivities identificadas, nota-se que estas continuam perceptíveis até no trecho final “Viva então a nova geração da terceira idade que está botando para quebrar”, no qual se observa que os signos do envelhecimento estão sendo invertidos e assumindo designações bem vistas, tais como: “o idoso agora é antes de tudo um forte”, “é comum alcançar boa longevidade”.

O título do texto “Viva bem a velhice” já remete aos dizeres de Soares (2008), pois seu significado está camuflado por processos e práticas sociais, regulando ideias e, ou, ações possíveis e válidas determinadas pela sociedade. É o que configura um tipo de pedagogia cultural.

Outro ponto de vista publicado pela mesma página data de 3 de maio de 2017, e seu conteúdo está apresentado na Figura 2, a seguir. A imagem que ilustra o perfil da página “Velhice, me aguarde” (canto esquerdo superior da Figura 2). Mostra um casal de idosos, trajando vestimentas de praia/piscina, sendo que um está com a mão posicionada na nádega

do outro. O fator cômico é conseguido através dos elementos referentes aos itens típicos de idosos, tais como: usar sungas com sapatos; óculos de leitura usado como óculos de sol; do mesmo modo, a idosa usa touca usualmente utilizada durante um banho, quando não se quer molhar os cabelos, seu óculos é estilizado, com lentes na cor rosa, apesar de ser posicionado no rosto como um óculos de leitura; ela também usa elementos que demonstram vaidade, como brincos, pulseira e batom. O formato de corpo de ambos mostra os sinais da idade, o que é típico de ilustração que representa a velhice. O tom cômico é justamente essa dicotomia mostrada entre elementos que sugerem jovialidade e velhice ao mesmo tempo. É comum nas redes sociais trazer informações carregadas de pedagogias culturais, sendo grandes responsáveis por promover a amplitude de produções de sentido. Spink (2010, p. 35) explica que “o sentido é uma construção social e, como tal, um empreendimento coletivo. Tomamos a produção de sentidos como um processo interativo: ninguém produz sentido individualmente”.

Figura 2 – Eu e a morte



Curtiu ▾ Seguindo ▾ Compartilhar ...

**EU E A MORTE**

Há algum tempo criei uma afeição tímida pela morte. O que me apavorava, hoje me fascina. Teço, com cuidado, um conceito novo sobre aquilo que me persegue desde o dia em que fui concebida. Antes de mais nada, revejo minha história e assisto comovida à transformação. Ela não me perseguia. Estava ao lado. Calada. Fugindo de mim, às vezes, quando a queria por perto. Colando em mim quando não a percebia e conseguia ser feliz. Presente como uma amiga discreta, sem alardes. Tinha tanto medo dela que a vida me parecia impossível. De que maneira eu poderia viver com aquela sombra às minhas costas? Não poderia. Tive síndrome do pânico. Aqueles momentos em que ela sopra em sua cara, com os olhos pregados nos seus, e você perde o controle. Ela brinca com você, te faz sentir seu cheiro, sua cor, diz clara e firme “eu estou aqui e você nada pode fazer contra isto”. Depois se afasta para o normal. Mas você nunca mais será a mesma. Anos e anos de pavor. Com medo de encontrá-la em qualquer esquina, passei a ficar em casa. Mas ela não se afastava, sutil e insistente, a qualquer momento ela soprava em minha cara. Nada a afastava de mim. Nada a afasta de qualquer um, descobri depois. O que pesava era o medo. Não ela. Ela era parte de mim como é parte de você, de qualquer coisa viva neste planeta. A loucura consiste em tentar negar a sua existência, em se opor a ela, como se fora uma inimiga. Aliás, a loucura consiste em opor resistência a qualquer coisa sobre a qual você não tem o controle. Não bastava, pelo menos para mim, não lhe opor resistência; precisava entendê-la, conhecê-la e, porque não, amá-la. Aos poucos, quando a sentia por perto – a gente nunca sabe ao certo se ela está por perto, apenas presente e até isto pode ser inexato – eu sorria e esperava calmamente como se espera a visita de uma amiga. Ela soprava em minha cara, brincalhona, e eu lhe dizia seja bem vinda. Meu Deus! Quanto tempo perdido em uma luta desigual! Tudo está certo. Matematicamente certo. Morrer, quando se está vivo, é matematicamente certo. Mais cedo ou mais tarde, que diferença faz? Opor-se ao óbvio, lutar irrefletidamente contra o que é natural, chega a ser estúpido. Aceitar com desenvoltura sua própria condição é um exercício. Viver como se fosse eterno, pode ser a solução. Não para mim. Quero beber um gole de cada vez, saber que ela está ao meu lado e, mesmo assim, ou por isto mesmo, conseguir ir em frente com a certeza de que tudo está certo, matematicamente certo.

**Velhice, me aguarde**  
@VelhiceMeAguarde

**Página inicial**

- Sobre
- Avaliações
- Fotos
- Eventos
- Publicações
- Comunidade
- Informações e anúncios

[Criar uma Página](#)

**Eu e a Morte**

**Velhice, me aguarde!**

Fonte: Página “Velhice, me aguarde” (FACEBOOK, 2017).

O texto intitulado “Eu e a morte”, é um relato que se enquadra na segunda teoria (transitoriedade da vida, concebida pelo convívio com a espera da morte) da classificação deste estudo. Nota-se que o autor (fonte desconhecida) descreve suas percepções dessa fase de vida, dizendo ter criado “afeição tímida pela morte. O que me apavorava, hoje me fascina”. Esses dizeres demonstram a mudança na representação social desse idoso, ou seja, ele passou pela transitoriedade dos dois estereótipos: antes, quando tinha medo, devia ter sua manifestação de desejos, sentimentos ou reivindicações negadas. Atualmente, ele se apresenta como um ser maduro e razoável. Essa mudança de comportamento é comum, já que a velhice pode ser permeada por tristezas, fraquezas e debilitações físicas, emocionais e psicológicas.

A idealização atual do jovem reprime a figura do envelhecimento, o que justifica o fato de homens e mulheres enfrentarem o sofrimento do envelhecer, ao conviverem com uma série de castrações sociais em todas as áreas: profissional, sexual, social, entre outras. Os trechos a seguir confirmam essa tese: “Calada”; “Fugindo de mim”.

Em seguida, o autor relata que não percebia a morte, e isso não o deixava ser feliz. A morte estava “presente como uma amiga discreta, sem alardes. Tinha tanto medo dela que a vida me parecia impossível”. Dessa forma, confessa não poder conviver com essa situação, ao dizer que: “Tive síndrome do pânico”. Lopes (2007, p. 143) explica que “os efeitos simbólicos das insígnias desfavoráveis podem resultar em estereótipos de quadros patológicos ou em perfis particulares, considerados característicos dos mais idosos”.

A frase “com medo de encontrá-la em qualquer esquina, passei a ficar em casa” pode ser compreendida a partir de Guerras e Caldas (2010), uma vez que o imaginário social inclui esse processo de “desgaste, limitações crescentes e perdas físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte”.

Abreu (2017) corrobora a tese de que os velhos podem desenvolver patologias capazes de cercear severamente sua independência física, impedindo-os de usufruir da saúde, da autonomia e de serem ativos. Essa situação é retratada quando o idoso relator (Figura 2) caracterizou a morte como “sutil”; “insistente”; e que “nada a afastava” dele.

Sobre a negação da velhice, exemplificada no trecho “A loucura consiste em tentar negar a sua existência, em se opor a ela, como se fora uma inimiga”, Minó e Farias (2016) pontuaram que o envelhecimento, em seus aspectos biológicos e físicos, traz muitas transformações do corpo, motivo pelo qual a velhice é temida e muitas vezes negada.

Valle (2007) também confirma que essa negação conta com o apoio das diversas mídias que divulgam mensagens nem sempre positivas sobre a velhice, como o *Facebook*.

O texto ainda traz mais lamentações e angústias sobre a morte: “Morrer, quando se está vivo, é matematicamente certo” e “Mais cedo ou mais tarde, que diferença faz?”, o que faz lembrar Guerra e Caldas (2010), autores que advertem que os próprios velhos tentam negar a proximidade da morte.

Por fim, os dizeres trazem a significação de aceitação do inevitável, trabalhando esse fato como um “exercício”. Acredita-se que esse processo trouxe a qualidade de vida citada por Gontijo (2005), pois a conformidade com o futuro desconhecido pode representar a melhor solução para se viver bem. Essa conclusão pode ser notada quando o autor do texto informa que “Quero beber um gole de cada vez” para “conseguir ir em frente”.

O texto é finalizado com uma imagem de impacto, a qual acredita-se ter sido usado para chamar a atenção dos usuários da página. A ilustração traz a figura da Morte, enquanto personagem de cartoon, segurando a foice (que ceifa a vida), mas diferentemente do comum levanta a roupa negra e mostra a cueca “samba canção” divertida (similar a um *short*), branca com bolinhas vermelhas, o que traz o tom cômico da imagem. Essa vestimenta foi usada para remeter à imagem do idoso, que é quem geralmente a usa.

A terceira imagem selecionada foi publicada no Facebook em 19 de maio de 2017, retratando a categoria (3) relações interpessoais na velhice (relações sociais).

O texto não apresenta título, portanto, sem realizar a leitura, não é possível conhecer sua generalidade. Isso causa um suspense, pois sem ler todo o texto, não se sabe o que o autor quis comunicar. É um texto relativamente longo, ao se avaliar os textos publicados em redes sociais, que geralmente são mais sucintos, mas é finalizado por uma imagem, recurso típico deste gênero.

Figura 3 (a) – Preocupação, vale a pena?



**Velhice, me aguarde**

19 de maio de 2017 · 🌐



Até hoje, em toda a minha vida, não presenciei uma só preocupação que evitasse um fato de acontecer. Pior: na esmagadora maioria das vezes em que alguém se preocupa com alguma coisa, esta coisa não acontece. E se acontece, não há nada que se possa fazer. Então por que preocupar-se? Quer saber por quê? Porque faz parte da nossa cultura, porque, na verdade, a maioria das pessoas, morre de vergonha de dizer: “não tenho a menor preocupação” por que, é como se dissesse “ não amo nada nem ninguém”. Na verdade, esta pessoa é uma pessoa amorosa, sobretudo porque ama muito a si mesma e se respeita a ponto de não se infringir sofrimentos desnecessários e inúteis. Tenho uma amiga, cujo filho de 20 anos, desaparece por uns três dias. Ele adora montanhas, e quando lhe dá na cabeça, resolve passar uns dias ao pé ou no cume delas. Às vezes, a minha amiga só se dá conta do desaparecimento quando o filho está de volta. Uma vez, lhe perguntei:

- O Beto desaparece literalmente e você não se preocupa nem um pouco? – Mesmo que eu tentasse disfarçar estava aí uma leve censura, como se o fato dela continuar vivendo a sua vida normalmente, fosse sinal de desamor.

- O Beto tem 20 anos, sabe o que quer e como fazer. Não seria possível acompanhá-lo nas suas montanhas, mesmo porque não levo jeito. Tudo o que eu poderia fazer por ele, em termos de educação e cuidados eu já fiz. Agora, o caminho é dele e eu não posso deixar o meu caminho, para andar no dele.

- Mas ... você não se preocupa? – Insisti.

- Com o quê? Ele está fazendo o que gosta e naturalmente está muito feliz.

- Mas ele pode ser picado por uma cobra...passar mal, sei lá. Tanta coisa pode acontecer.

- E eu ficar daqui, me preocupando, vai salvá-lo de uma jararaca? O fato singelo de eu me preocupar vai livrá-lo de algum mal?

- Não, mas...

Na verdade eu comecei a achar a minha amiga muito fria. Como é que ela não se preocupava com o seu único filho? Ela me respondeu tão serenamente, antes que eu perguntasse:

- Amo o meu filho. E por isso mesmo quero que ele viva a sua vida da melhor maneira possível: mas a que ele achar que é melhor. O fato de não me preocupar com fatos sobre os quais não teria controle é uma decisão minha. Não pense que foi fácil. Todas as vezes em que o Beto saía eu começava a me preocupar. Todas as vezes ele chegava feliz e saudável. E, mesmo que nem tivesse voltado, toda a minha preocupação não teria valido nada. Aí, comecei a treinar: se me vinha um pensamento nega

Fonte: Página “Velhice, me aguarde” (FACEBOOK, 2017).

### Figura 3 (b) – Preocupação, vale a pena? (Continuação)

tivo eu imaginava como ele estava feliz. Se alguma coisa acontecesse ele tem o celular e, certamente, eu ficaria sabendo a tempo de socorrê-lo. Se, às vezes o Beto liga no meio da noite, eu sempre penso:- “Deve ser o Beto. Vai me falar que viu um lobo guará. Ele adora lobos.” Claro que foi preciso treino para chegar a isso. Mas hoje é tudo natural. Eu sou naturalmente despreocupada. - E riu, um sorriso sereno.

Quando alguma coisa começar a lhe preocupar, faça um diagnóstico mais ou menos assim:

-Vejamost! Isto que estou pensando tem alguma chance de acontecer? Mesmo assim, o fato de eu me preocupar vai fazer com que não aconteça? A resposta é sempre não. Então porque ocupar-se com tanta inutilidade? Todas as vezes em que a palavra preocupação sair da sua boca, pare e raciocine. Preocupar-se não é amar. É uma tentativa inútil de controlar o que não é controlável.



Fonte: Página “Velhice, me aguarde” (FACEBOOK, 2017).

A imagem, bastante expressiva, contém a frase “Preocupação: vale a pena?”, que não só serve para representar o conteúdo da imagem mas também o conteúdo do texto. Traz o desenho de um homem, aparentemente de meia-idade, prestes a ser inserido na terceira idade. Essa constatação se refere ao fato de o homem possuir cabelos negros, sem fios brancos, mas demonstrando visíveis rugas e olheiras “de preocupação”. Portanto, sugere que essa expressão de preocupado se refira ao processo de transitoriedade de fases de vida.

Seguindo a descrição da ilustração, o homem segura com as mãos à cabeça, posicionando a mão direita sobre a testa e a mão esquerda suportando o maxilar. Do seu rosto, saem gotas líquidas, que podem sugerir suor e, ou lágrimas. A boca está travada, como se forçasse a mordida, ação que representa apreensão de alguma situação. Do mesmo modo, nota-se que os olhos estão desalinhados, pra mostrar que a visão do externo tem menos importância que a visão do interno (sobre o que o homem enxerga de si mesmo).

Apesar de o texto questionar se “preocupação vale a pena?” a ilustração representa a típica preocupação literalmente desenhada no rosto do homem.

Ao ler o texto, observa-se, inicialmente, os dizeres: “Até hoje, em toda a minha vida, não presenciei uma só preocupação que evitasse um fato de acontecer”. O que demonstra a recorrência de apreensão na vida de uma pessoa, apesar dessa inquietação ser aparentemente inútil, já que não serve ao propósito de “evitar que um fato aconteça”. O autor do texto ainda reforça que “maioria das vezes em que alguém se preocupa com alguma coisa, esta coisa não acontece. E se acontece, não há nada que se possa fazer”. A partir de então, ele começa a questionar sobre a necessidade de se preocupar com algo ou alguém, buscando entender um sentido para esse propósito.

Depois de certas divagações, o autor conclui que a preocupação “faz parte da nossa cultura”. Então, ele faz uma justificativa, ao afirmar que alguém se preocupa por ser “amorosa”, ou “porque ama muito a si mesma”. Em seguida, ele descreve um fato acontecido ou vivenciado por uma amiga. Esta amiga não infringe sofrimentos desnecessários e inúteis. Segundo ela: “Tudo o que eu poderia fazer por ele, em termos de educação e cuidados eu já fiz. Agora, o caminho é dele e eu não posso deixar o meu caminho, para andar no dele”. Com esse trecho, fica latente a justificativa racional de uma não-preocupação dada por uma mãe sobre as saídas (ou desaparecimento relativo, momentâneo) de um filho.

Esse é uma atitude que pode causar espanto, pois em geral mães agem com mais sentimentos que racionalidades. Inclusive, o autor do texto persevera ao questionar a amiga: “- Mas ... você não se preocupa? – Insisti”. E ela continua a defender o mesmo

posicionamento anterior, e explicitou o seu treinamento que a levou a chegar nesse nível de despreocupação: “se me vinha um pensamento negativo eu imaginava como ele estava feliz. Se alguma coisa acontecesse ele tem o celular e, certamente, eu ficaria sabendo a tempo de socorrê-lo”. E finaliza: “hoje é tudo natural. Eu sou naturalmente despreocupada. - E riu, um sorriso sereno”.

Daí o autor retirou uma lição de vida que pretende incorporar em sua rotina: Todas as vezes em que a palavra preocupação sair da sua boca, pare e raciocine. Preocupar-se não é amar. É uma tentativa inútil de controlar o que não é controlável”. Essa moralidade decorrente da história relatada por uma mãe pode ser incorporada à realidade do idoso, ou daquele homem de meia-idade que sofre pela possibilidade (talvez inevitável, caso não morra) de adentrar na velhice. A grande percepção da mãe diz respeito ao fato da inutilidade de se tentar controlar algo que não lhe cabe. Ou seja, representa uma forma de lidar com a situação que muitos utilizam em várias situações diárias – economizar esforços, energia, e aproveitar cada momento com atitudes mais importantes ou pensamentos mais significativos.

Foi feita a análise do texto, para então serem retomados conceitos e considerações valiosas de autores da Revisão de Literatura deste estudo. A começar citando Heen Fabris (2008), Sasso (2014) e Louro (2007), estudiosos que classificam a pedagogia cultural como aquela que abrange espaços sociais e saberes retirados de contextos sociais. Ou seja, a pedagogia cultural está caracterizada na constatação dessa mãe, que realizou uma interpretação dos fatos cotidianos, e retirou dela positivities. Gaeta, Mello e Hayar (2017) sugeriram a necessidade de se desconstruir uma imagem negativa, citando que o envelhecimento deveria ser “reescrito”. De fato, a preocupação é um atributo de um indivíduo amadurecido. Talvez a falta de preocupação também seja, se perpassar pelo conhecimento e vivência demonstrados por esta mãe, por exemplo.

Pode-se, ainda, destacar a visão de preocupação absorvida como um estereótipo, que, de acordo com Freire Filho (2004) ajuda a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal. Nesse caso, a preocupação é relacionada ao exílio simbólico “de tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente” (FREIRE FILHO, 2004, p. 47-48). Atesta-se o ponto de vista do referido autor ao reconhecer que os rótulos devem ser conceituados (e contestados) por se tratarem de subterfúgios de idealização simbólica, visando naturalizar, universalizar e legitimar normas sociais de conduta.

O tipo de comunicação veiculada pelo *Facebook* pode influenciar diretamente seus usuários. Os efeitos gerados pelas informações do texto sobre preocupação (Figura 3)

decorrem desse espaço no qual seus usuários demonstram seus gostos, suas opiniões sobre questões cotidianas, construindo e reconstruindo uma rede de efeitos que podem ditar maneiras de pensar e agir. Essa tese pode ser confirmada por Recuero (2014), que abona o advento da comunicação mediada pelo computador e sua influência na sociedade.

Para Hjarvard (2015), esse tipo de interação social pode ser empregado em benefício próprio, e não resta dúvida sobre suas influências nas relações sociais e culturais, incluindo os velhos formatos midiáticos aos quais o autor chama de mídia de massa.

Na próxima imagem (Figura 4), mostra-se um tipo de publicidade veiculada na página avaliada, cujo objetivo é disseminar uma mensagem publicitária para fins comerciais (propaganda de uma clínica), buscando convencer que, para estar bem e ser belo, é necessário ser jovem. Esta é considerada uma amostra da categoria (1): fenômenos e marcas do processo de envelhecimento.

Esse é um exemplo de que as influências midiáticas que podem contribuir para a negação da velhice, a partir do artifício que promete devolver a jovialidade (realização de preenchimento, remoção de papada, lifting, gerenciamento da pele, entre outros recursos citados na publicidade).

Figura 4 – Publicidade

Tem loucuras que a gente só faz com a maturidade.  
Mas é muito melhor fazê-las com uma carinha de 40.

Os anos passam, mas envelhecer é uma opção.

- Preenchimentos
- Toxinas
- Intradermica
- Remoção de Papada
- Lifting
- Gerenciamento da pele
- Bichectomia

Fonte: Página “Velhice, me aguarde” (FACEBOOK, 2017).

O slogan “Os anos passam, mas envelhecer é uma opção” se relaciona ao conceito de que a sociedade privilegia a juventude e a beleza, conforme defendido por Guerra e Caldas (2010). É notável que os próprios velhos negam a classificação de velhice e são encorajados para isso, através de uma publicação como essa.

Confirma-se, portanto, que muitos buscam seguir o que a sociedade aponta como moda, temas de interesse e costumes para se manterem jovens, como relata Todaro (2009, p. 13): “o bem-estar e a aceitação social dos agentes aparecem sempre associados a um corpo belo e jovem”.

A imagem mostrada na Figura 4 salienta um contorno feminino de traços vaidosos, pois o desenho é enaltecido pelo uso do batom, em uma boca bem delineada (talvez por procedimentos estéticos); pelo uso do chapéu, que cobre parte do rosto, e linhas de expressão (região dos olhos). Como a imagem é preta e branca, não se sabe se as unhas estão bem feitas, mas se nota que a pele é firme, lisa e bem cuidada.

Além disso, emprega-se um apelo sexual, pela postura adotada na imagem, na qual é utilizado o dedo mínimo para tocar o canto dos lábios, de modo sensualizado. Essa estratégia depende do tipo de produto e do tipo de propaganda a ser vinculada, além das características do público a ser atingido, gênero e, ainda, questões emocionais e comportamentais. É certo

que, muitas vezes, consumimos determinado produto inconscientemente, devido à provocação realizada na propaganda, que pode mexer com nossos desejos íntimos/sexuais.

Para Botti (2003), o uso de imagens com apelo sexual, principalmente centrado na figura da mulher, possui como conotação um jogo de desejo entre ela e o espectador. Assim, o desejo é a chave para o entendimento dessa figura, e pode ser decifrado culturalmente. Trata-se de uma questão de fetichismo, na qual há a representação da mulher como uma imagem sexualmente evocativa.

Lyra (2001) concorda que o corpo é uma das formas mais usadas como apelo sexual, constituindo um dos principais símbolos do mundo capitalista. O apelo sexual, segundo Dotoli (2003), é utilizado para conquistar clientes, sejam eles homens ou mulheres, havendo, inclusive, normas éticas sobre a veiculação de anúncios de produtos.

Em relação ao conteúdo textual apresentado na Figura 4, a primeira informação passada é a seguinte: “Tem loucuras que a gente só faz com a maturidade. Mas é muito melhor faze-las com uma carinha de 40”. Claramente, essa publicidade é direcionada para o público que possui mais que essa idade.

Ou seja, a imagem representa tudo aquilo que a sociedade considera belo e o que é desejável pela maioria das mulheres. Os atributos demonstrados revelam um ideal de vida para todas as idades. Nesse sentido, Teixeira e Farias (2017) concluem que o ideal de consumo para manter o corpo jovem é uma estratégia do mercado e da indústria da beleza que motivam uma velhice consumista, ao acreditar que os produtos “anti-idades” podem retardar e até acabar com as marcas indesejáveis do envelhecimento.

A Figura 4 é um exemplo de que estereótipos podem ser reforçar de forma direta ou velada (SILVERSTONE, 2005). Como mencionado na Revisão de Literatura, o Facebook atua como fonte de valores e crenças da sociedade, constituindo importante formadora de opinião na reflexão sobre diversos aspectos culturais.

Soares (2008) ressalva que os poderes da pedagogia cultural podem estar camuflados nas práticas sociais que produzem, organizam e regulam as ideias sobre quais ações são possíveis e válidas. De forma similar, Bourdieu (1997) ponderou sobre os valores ressaltados de uma sociedade, que causam efeitos sobre os agentes, em suas identidades e subjetividades. “Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997).

Montaleone (2015) aponta que o envelhecimento é frequentemente associado às modificações físicas e funcionais do indivíduo. Perda de força, diminuição da coordenação e do domínio do corpo, deterioração da saúde e déficits cognitivos e sociais são alguns dos

principais elementos relacionados ao processo de envelhecer (BLESSMANN, 2004). Estes aspectos são opostos aos indicadores sociais que estabeleceram, a partir do século XX, os padrões de corpo saudável e belo como objetivo individual a ser atingido por meio de vigilância e autocontrole (ANDRADE, 2003; LIMA; RIVEMALES, 2013).

Na mesma publicação, há outra propaganda odontológica (parte inferior da imagem), que adiciona os cuidados bucais aos demais cuidados oferecidos na clínica de estética. Trata-se de uma parceria entre o esteticista e o odontólogo no compartilhamento da publicidade, típico das redes sociais virtuais. Sabat (2001) corrobora a intenção de vender um produto, através da ditadura de valores, hábitos, atitudes pessoais. Tal comportamento configura uma forma de regulação da sociedade conforme o tipo de sociedade a qual está inserida.

Outra página selecionada foi a “Velhice solitária”, que atualmente (2019) possui 202 membros. A primeira publicação do ano de 2017 retrata a comparação entre a imagem de uma mulher jovem e a imagem de uma senhora de idade. Interessante destacar que as figuras foram divididas ao meio, para que ambas completassem a imagem de um rosto único. As imagens são coloridas e apresentam uma mulher caucasiana, de traços delicados, pele aveludada e, aparentemente, sem maquiagem. Isso causa a impressão de que se trata de uma mesma pessoa, com as mudanças físicas podendo ser percebidas na comparação das metades exibidas.

Quanto ao texto que acompanha a postagem, há os dizeres: “A maravilha da juventude se extingue com o passar dos anos, mas fica a sabedoria que jamais se acaba...”. Esse conteúdo (texto e imagem) pode ser enquadrado na categoria 1, caracterizada como: “fenômenos percebidos no corpo como marcas do processo de envelhecimento”, no presente estudo.

Figura 5 – A maravilha da juventude



Fonte: Página “Velhice solitária” (FACEBOOK, 2017).

Nesta imagem, em que as duas metades de um rosto, representativos de uma vida se encontram, vê-se da esquerda para a direita que a juventude se vai, mas não acaba, sendo transformada. Que isso quer dizer?

Como é possível observar, não se trata de uma campanha ou publicidade comercial, mas sim uma reflexão da transição inevitável das fases de vida. Entende-se, assim, que a velhice traz vantagens, como a sabedoria (considerada inesgotável – “jamais se acaba”).

O texto também não deixa de qualificar a fase da juventude, ao de adjetivá-la como “maravilha”, mas esta realça que ela de certo modo se transforma com o decorrer do tempo, ou mesmo se extingue. Supõe-se, assim, que a velhice é superior à juventude, mesmo trazendo rugas e flacidez.

Todaro (2009) garante que o preconceito em relação aos idosos decorre da supervalorização da juventude como única forma de beleza e dinamismo. Guerra e Caldas (2010) complementam que a sociedade privilegia a juventude e a beleza. Sabendo disso, depreende-se que essa publicação exalta a classificação da velhice, uma vez que é preciso valorizar a heterogeneidade cultural e individual do indivíduo. Caso contrário, conforme

Gaeta, Mello e Hayar (2017, p. 93-94), “corre-se o risco de não se conferir importância adequada à influência dos fatores biopsicossociais no envelhecimento”.

Os autores supracitados afirmam que o envelhecimento pode ser positivo, pois desse emerge a sabedoria, a parcimônia e a descoberta de novos horizontes: “Envelhecer pode significar a integração, ampliação, reconstrução, análise e transformação de si mesmo” (GAETA; MELLO; HAYAR, 2017, p. 99).

Outra publicação coincidentemente postada no mesmo dia em que a imagem anterior configura um conteúdo diferente dos apresentados até então. Nela, há a representação de afeto entre um ser humano idoso e um cão. Ambos demonstram serenidade e despreocupação com o clique da câmera; em outras palavras, não se trata de uma imagem posada, ensaiada ou plastificada, mas sim uma cena natural, desprestenciosa, na qual os personagens estão confortáveis – aparecem deitados, entrando ou saindo de um momento de descanso. Não é possível identificar o gênero do idoso. Nos dizeres: “Ainda que me faltem todos aqueles que amo, eu sei que poderei contar com seu amor incondicional!...”

A Figura 6, portanto, está na categoria 3 - relações interpessoais na velhice (relações sociais).

Figura 6 – Amor incondicional



Fonte: Página “Velhice solitária” (FACEBOOK, 2017).

O que parece mais apelativo nesta imagem? Seria o abraço e o tom de calma e tranquilidade junto ao animal de estimação, ou seriam os dizeres? E esse amor incondicional? Seria possível dizer que ele supera a perda ou a ausência e indiferença dos demais amigos e, ou familiares?

Observa-se que a ausência dos demais membros (“todos aqueles que amo”) é preenchida pela companhia do cachorro, animal conhecido socialmente por sua fidelidade, camaradagem, e “amor incondicional”. O termo final - incondicional – explicita que o animal vai acompanhar seu dono independente de sua idade, o que difere dos humanos. Por essa razão, entende-se que o texto traz uma amargura, uma melancolia de quem o posta, pois essa fase da vida deveria contar com mais apoio e suporte emocional.

Segundo Minayo e Coimbra Junior (2002), o envelhecimento deveria ser um tempo produtivo específico da vida, emocional, intelectual e social, a fim de se libertar dos estigmas da discriminação. De acordo com a Figura 6, esse processo falha, uma vez que é prejudicado o potencial do indivíduo para desenvolver uma vida saudável, com bem-estar físico, social,

psíquico e emocional. Nota-se que o sujeito da imagem precisaria de mais companhia e atenção do que as de um bicho de estimação. Gontijo (2005) também confirma a necessidade de direitos, cidadania e participação na sociedade na fase do envelhecimento.

Cabe, também, pontuar que o imaginário social inclui “desgaste, limitações crescentes e perdas físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte”, conforme elucidado por Guerras e Caldas (2010). No entanto, Gontijo (2005) explica que essa conformidade do autor do referido texto pode representar a melhor solução encontrada para se viver bem. Portanto, a companhia de um cão trata-se de uma alternativa válida.

A Figura 7, a seguir, publicada em 7 de março de 2017, pode ser enquadrada na categoria (2) - transitoriedade da vida. Nela, há a imagem das mãos de duas pessoas de idades diferentes, sendo uma jovem (provavelmente feminina, pelo uso do anel) e outra mais velha (que parece ser um senhor, pelo tipo de vestimenta utilizada). Essas mãos estão em contato, como se se tratasse de duas pessoas de convívio ou relacionamento próximo. Em cima da imagem, estão os seguintes dizeres: “A velhice é santa, pura quanto a primeira infância; por isso, aproxima-se de Deus e vê mais claro e mais longe nas profundezas do infinito”.

Curioso observar que a imagem poderia conter as mãos de uma criança, para representar literalmente o que está escrito – o texto destaca especificamente a “primeira infância”. Mesmo que o significado seja figurativo, o uso de uma imagem denotativa poderia aumentar a conectividade da informação imagética e textual. Além disso, a proximidade de uma criança e um idoso poderia exaltar as fases que os distanciam cronologicamente (de forma notável, sabe-se que a pessoa mais jovem na figura abaixo não deve ser de uma criança, pelo uso do anel, postural corporal, tamanho das mãos e braços e pelo tipo de vestimenta).

Figura 7 – A velhice



Fonte: Página “Velhice solitária” (FACEBOOK, 2017).

Nesta postagem, velhice e infância possuem Deus como o elo que concede ao ser humano ser tão puro quando nasce quanto quando as forças se esvaem cedendo lugar à velhice.

Percebe-se, pois, que as fases de vida infância e velhice são equiparadas quanto à pureza ou santidade. Essas qualificações justificam a proximidade de Deus, enquanto crença religiosa. A partir dessa dedução cultural, é sugerido o apego à santidade para que se conquiste longevidade. É comum relacionar a rogação divina à vida eterna – “aproxima-se de DEUS” para ir além, para ver “mais claro e mais longe”. As “profundezas do infinito” estão atreladas à longevidade, considerando a oportunidade de envelhecer como um fator positivo, como destacam Gaeta, Mello e Hayar (2017).

Ainda, vale lembrar os dizeres de Soares (2008), autor que considera a velhice como um processo envolto em práticas sociais, regulando ideias e, ou ações possíveis e válidas determinadas pela sociedade, configurando um tipo de pedagogia cultural. A pedagogia cultural decorre de múltiplos interesses, e permeia diversos aspectos da vida cotidiana.

A próxima postagem da “Velhice solitária” só foi publicada em 3 de outubro de 2017, dia conhecido socialmente como o Dia do Idoso. Interessante ressaltar que a imagem foi compartilhada de outra página, ou seja, não teve menção pessoal do dono da página. Ele apenas divulgou um texto já exposto por terceiros. Na imagem, há uma mulher idosa, de

feições simples, sem maquiagem, sem adornos, roupa comum, mas notoriamente estampando um largo sorriso no rosto. O fundo da foto está embaçado e a imagem está em tons acinzentados. Por cima, há o seguinte texto: “Dia do idoso – Cada marca em seus rostos representa a EXPERIÊNCIA de vida que eles têm para nos oferecer. Lágrimas e SORRISOS traduzem seus melhores feitos! Nossa gratidão e carinho a todos os idosos do mundo. E que seus EXEMPLOS DE VIDA nos tornem pessoas mais sensíveis, carinhosas e felizes... Obrigado a vocês, PESSOAS MARAVILHOSAS”.

Por se tratar de uma declaração honrosa de alguém não-idoso para alguém idoso, admite-se que tal conteúdo possa ser caracterizado pela categoria 3, adotada neste estudo como: relações interpessoais na velhice (relações sociais).

Figura 8 – Dia do idoso



Fonte: Página “Velhice solitária” (FACEBOOK, 2017).

Nesta postagem de cumprimento e gratidão, consagra-se a primazia de se chegar à velhice tendo um dia para comemoração de toda uma existência.

É notória a exaltação social para celebrar essa fase de vida. Algumas palavras ou termos são destacados em letras maiúsculas para demonstrar qualidades: experiência, sorrisos, exemplos de vida e pessoas maravilhosas. Como explicitado anteriormente, na atualidade, muitas são as pesquisas que comprovam esse outro lado do envelhecer, caracterizado pela positividade, saúde (vigor) e dinamismo. Abreu (2017) conclui que a sociedade deve se

adaptar a essas transformações. Para Gaeta, Mello e Hayar (2017), é necessário desconstruir a imagem negativa do velho e do envelhecimento, tornando-se necessário “reescrever esse *Script*”.

Os idosos não são mais os mesmos, e seu papel social vem se alterando devido às transformações derivadas do núcleo familiar, que adotaram o estilo de vida útil, ativo e prazeroso. Gaeta, Mello e Hayar (2017) confirmam que preconceitos e visões estereotipadas ou estigmatizadas devem ser eliminados. Salienta-se que a identidade do velho não precisa ser sinônimo de declínio, perda de força ou potência.

Portanto, na Figura 8, muitas positivities são identificadas, notando -se que estas continuam perceptíveis até no trecho final “Obrigado a vocês, PESSOAS MARAVILHOSAS”. Esse agradecimento indica que a velhice ensina e traz outros benefícios para aqueles que dela desfrutam, caso contrário não haveria o uso do “obrigado a essas pessoas maravilhosas”, que poderia ser substituído por “parabéns para essas pessoas maravilhosas”, ou por “felicidades a essas pessoas maravilhosas”. Esse agradecimento também está relacionado ao termo “exemplos de vida”, que serve para demonstrar um papel social desse indivíduo que chega a mais tenra idade – servir de exemplo para as próximas gerações.

Se for analisado o contexto da Figura 8, nota-se que ele também poderia ser enquadrado na categoria de análise 1 - fenômenos percebidos no corpo como marcas do processo de envelhecimento, pois, sim, são notados vários fenômenos atrelados à velhice, tais como lágrimas, sorrisos, o oferecimento de experiência, a possibilidade de formar pessoas mais sensíveis e carinhosas a partir da correta percepção da velhice... esses feitos não configuram marcas no corpo (como descrito nessa categoria), mas conotam marcas na vida de terceiros, estes que usufruem de sua presença e sabedoria.

As últimas duas postagens do ano de 2017 da página “Velhice solitária” são vídeos disponibilizados no Youtube e compartilhado pelo moderador do grupo. A figura abaixo mostra a imagem que aparece durante toda a história narrada por Gilson Souza.

Nota-se que essa publicação também poderia ser enquadrada na categoria de análise 1 - fenômenos percebidos no corpo como marcas do processo de envelhecimento, uma vez que são notados vários fenômenos atrelados à velhice, tais o oferecimento de experiência, a possibilidade de formar pessoas mais sensíveis e carinhosas a partir da correta percepção da velhice.

Figura 9 - O último passeio em vida



Fonte: Página “Velhice solitária” (FACEBOOK, 2017).

Como se pode observar, a imagem é caracterizada por uma senhora de cabelos completamente grisalhos, com pele bastante composta por marcas de expressão (rugas), lábios bem pintados. Seu semblante transparece serenidade, com um olhar profundo, e o queixo repousado sobre uma de suas mãos. Esse atributo manifesta que a idosa está pensativa, o que é compreensível a partir da leitura do texto ouvido. Segue, então, a transcrição completa do áudio desse vídeo:

*Há vinte anos eu era um motorista de taxi; era uma vida de cowboy própria, para quem não deseja ter patrão. O que eu não percebi é que aquela vida era também um mistério. Por eu dirigir no turno da noite, o meu taxi tornou-se um repositório de contas e reclamações ambulantes, às vezes um confessionário, os passageiros embarcavam e se sentavam atrás totalmente anônimos - ali eles contavam os episódios de suas vidas, as suas alegrias, as suas tristezas. Encontrei pessoas cujas vidas surpreenderam, enobreceram, fizeram-me rir e chorar, mas nenhuma tocou-me mais que uma velhinha que eu peguei tarde da noite. Era agosto, eu havia recebido uma chamada de um pequeno prédio de tijolinhos, de quatro andares, em uma rua tranquila do subúrbio da cidade, eu imaginava que iria pegar pessoas no fim de festa ou alguém que brigara com o amante ou talvez um empregado indo para a madrugada de alguma fábrica da parte industrial da cidade. Quando eu cheguei às 02:30 da madrugada, aquele pequeno prédio estava escuro, com exceção de uma única lâmpada acesa na janela do térreo. Nessas circunstâncias, muitos motoristas teriam buzinado uma, duas ou talvez três vezes, esperaria apenas um minuto e então iria embora, mas eu já tinha visto inúmeras pessoas pobres que dependiam de taxis como o único meio de transporte a tal hora; a não ser que a situação fosse claramente perigosa, eu sempre ia até a porta. Este passageiro pode ser alguém que necessita de ajuda, eu pensei. Assim, caminhei até a porta e bati. Em um minuto, respondeu uma voz débil e também idosa. Eu ouvi alguma coisa ser arrastada pelo chão e depois de uma longa pausa a porta abriu-se. Aquela porta abriu e uma pequena senhorinha apareceu; ela estava usando vestido estampado e também um chapéu bizarro. Aliás, mais parecia uma caixa com um véu; era um daqueles usados pelas senhoras idosas nos filmes da década de 40. Ao seu lado*

*havia uma pequena malinha de náilon. O apartamento parecia estar desabilitado há muito tempo, toda mobília estava coberta por lençóis, não havia relógios, roupas ou utensílios sobre os móveis. Em um cantinho havia uma caixa com fotografias e vidros. O senhor poderia levar a minha mala até o carro? Ela me pediu! Eu então peguei aquela malinha e caminhei vagarosamente para o meio fio, ela ficou agradecendo a minha ajuda... Não é nada senhora! Eu apenas procuro tratar os meus passageiros do jeito que eu gostaria que tratassem a minha mãe, eu disse. Oh! Você é um bom rapaz, isso sim. Quando embarcamos, ela então deu-me o endereço e pediu: O senhor poderia ir pelo centro da cidade? Mas senhora, não é o trajeto mais curto, alertei-a prontamente. Eu sei filho, e não me importo! Naquele momento, eu então olhei pelo retrovisor; os olhos daquela velhinha estavam marejados, brilhando. Ela então continuou a falar: sabe filho, eu não tenho mais família, o médico disse que eu tenho pouco tempo de vida. Naquele momento, eu desliguei o taxímetro e perguntei: qual caminho a senhora deseja que eu toque? Nas duas horas seguintes, nós dirigimos pela cidade; ela mostrou-me o edifício em que certa ocasião ela trabalhou como ascensorista. Nós passamos por um bairro em que ela e o esposo tinham vivido como recém-casados. Ela pediu-me que passasse em frente a um depósito de móveis que havia sido um grande salão de dança que ela frequentava quando mocinha. De vez em quando, pedia-me para dirigir vagarosamente em frente um edifício ou uma esquina. Era então quando ela ficava com os olhos fixados na escuridão, sem dizer nada e olhava; ela olhava e suspirava e assim rodamos a noite inteira. Quando o primeiro raio de sol surgiu no horizonte, ela então disse, de repente: estou cansada e pronto, vamos agora! Seguimos então em silêncio para o endereço que ela havia me dado. Chegamos em um prédio rodeado de árvores, uma pequena casa de repouso, dois atendentes caminharam até o táxi assim que paramos. Eles eram amáveis e atentos, e logo se acercaram daquela velha senhora a quem pareciam esperar. Eu então abri o porta-malas do carro e levei a pequena malinha até a porta. Aquela senhorinha já estava sentada em uma cadeira de rodas; ela perguntou-me pelo custo da corrida: quanto lhe devo? Perguntou ela pegando a bolsa, e eu, então, olhando para ela, respondi: nada. Mas você tem que ganhar a vida meu jovem! Não se preocupe senhora, há outros passageiros! Quase sem pensar, eu então curvei-me e dei-lhe um longo abraço. Ela me envolveu comovidamente e devolveu-me com um beijo afetuoso e repleto da mais pura e genuína gratidão e disse: Hoje filho, você deu à esta velhinha bons momentos de alegria, momentos como eu não tinha mais há tanto tempo! Só Deus é quem sabe quanto você fez por mim nesta noite! Obrigada meu amigo, mil vezes obrigada! Eu então apertei sua mão pela última vez e caminhei em direção ao carro, sem olhar pra trás, pois as lágrimas me corriam abundante pela face. Atrás de mim uma porta foi fechada - era o som do término de uma vida. Naquele dia, eu não peguei mais passageiros, dirigi sem rumo perdido nos meus pensamentos, eu mal podia falar. Dois dias depois, tomei coragem e voltei naquele asilo para ver como estava a minha mais nova amiga, os enfermeiros me disseram então que na noite anterior, ela adormecera para sempre, em paz e feliz. Eu então fiquei a pensar se a velhinha tivesse pego um motorista mal educado e raivoso, ou então algum que estivesse nervoso para acabar o seu turno, Óh meu Deus! E se eu houvesse recusado aquela corrida? ou tivesse buzinado apenas uma vez e ido embora? Ao lembrar, creio que eu jamais tenha feito algo mais importante na minha vida até então. Em geral, nos condicionamos a pensar que nossas vidas giram em torno de grandes momentos, todavia, os grandes momentos frequentemente nos pegam desprevenidos e ficam guardados em recantos que quase todo mundo considera sem importância e quando nos damos conta já passou!*

O vídeo com o bem elaborado texto mostram que o último passeio dessa senhora foi marcado por recordações, lembranças de seu passado, uma vez que quis reviver alguns dos momentos mais importantes de sua vida. Tudo isso possível devido à solidariedade do

motorista que se dispôs a refazer o percurso solicitado pela senhora, sem reclamar, sem questionar, dirigindo pacientemente pelos caminhos solicitados. Kafka (2010) lembra que o idoso possui dificuldades orgânicas e psíquicas em termos cronológicos. Entretanto, ele é um sujeito que possui desejos e tenta realiza-los nos meios cabíveis do processo de envelhecimento, sendo a sociedade um grande obstáculo para realiza-los. Nesse caso, houve a solidariedade do taxista, que cumpriu a função de realizar os desejos da idosa.

O passeio termina em um asilo, onde o taxista deixou a idosa conforme solicitado por ela. Ele não quis cobrar pelo trajeto, pois considerou que o passeio contribuiu afetivamente como pagamento necessário. Ele ainda deu um abraço na passageira, o que também é atípico em uma relação comercial entre taxista e cliente. Observa-se, assim, que ele se sentiu agradecido pelo momento vivido e compreendeu o feito daquela noite. Ele sabia que a senhora, dificilmente, sairia daquele local depois de sua entrada; inclusive, ele atestou esse fato, quando retornou ao asilo e recebeu a notícia do seu falecimento. Silva (2013) salienta que os períodos de dor e desprazer fazem parte da vida, sendo necessários para a construção e manutenção do ego. Além disso, o autor afirma que a proximidade da morte não pode ser adiada ou negada.

Nessa história, percebe-se o amadurecimento intrínseco da idosa refletido pelo motorista, que se beneficiou um pouco de toda essa vivência. São notáveis os sentimentos de melancolia, de amargura, citados por Freud (1996), uma vez que essa fase da vida deveria contar com mais apoio e suporte emocional.

Como explicado por Trevisan (2014), a transitoriedade pode ser difícil, e a morte, assim como a velhice, deve ser retratada com atitudes de respeito, solenidade e reverência.

Argimon e Vitola (2009) garantem que os idosos que mantêm maior contato com amigos e familiares vivem por mais tempo do que aqueles que se abstêm desse tipo de relação, sendo fundamental o contato social, que por sua vez amplia essa interação em prol da qualidade de vida dos idosos.

A última postagem é um vídeo denominado “O vídeo que fez o mundo chorar/ser mãe”. O vídeo possui pouco mais de dois minutos; nele, há as cenas de uma senhora, que inicialmente se arruma, passa batom, coloca colar, penteia os cabelos... indo em seguida para a janela, como se estivesse esperando pela chegada de uma visita. Depois, a senhora vai pra cozinha, onde começa a fazer café e preparar uma mesa para múltiplas pessoas, até então não se sabe quem está para chegar. Depois de tudo preparado, a senhora volta à janela, e fica esperando e esperando... Mostra ansiedade, esperança, contentamento. E o suspense é mantido

até que alguém chega à porta. Quando ela atende, percebe-se que algumas pessoas são muito queridas, transparecendo familiaridade. Eles tomam café, riem e conversam, demonstrando satisfação naquele momento. Durante toda a apresentação, toca uma música melancólica ao fundo, que representa o momento de acolhida, de amor, de relação interpessoal presente nas cenas.

Figura 10 - O Vídeo que fez o mundo chorar/Ser mãe



Fonte: Página “Velhice solitária” (FACEBOOK, 2017).

Trata-se de um exemplo da categoria 3 - relações interpessoais na velhice (relações sociais). Arosa *et al.* (2012) explicam que é comum o declínio de contatos sociais; percebe-se que a senhora do vídeo mora sozinha, e a frequência de visitas deve ser baixa, pois ela demonstrou que o momento seria único. É compreendida, assim, a perda de papéis sociais importantes que estava desempenhando. O idoso também pode ter a tendência a valorizar suas vivências emocionais, o que vai ocasionar uma redução em seu círculo de contatos.

Para Sehn e Carrér (2014), o prolongamento da vida não é uma atitude isolada, e necessita de um relacionamento entre idoso e família. Arosa *et al.* (2012) citam a realização de atividades como uma das estratégias que ajudam a manter o idoso no convívio em sociedade, tais como a visita apresentada no referido filme – é o engajamento social.

A afetividade deve ser trabalhada como o combustível para o enfrentamento de novos desafios, conforme explanado por Pinto e Neri (2017). Portanto, torna-se necessário refletir de forma mais cuidadosa sobre o que é idealizado e o que é praticado para se conquistar um envelhecimento bem-sucedido. Costa e Madeira (1994) corroboram a importância das relações interpessoais independentemente do tipo de estrutura familiar e do papel desempenhado pelo idoso.

O interior da casa que aparece apresenta móveis velhos, um relógio envelhecido, um rádio, louças, todos com aparência antiga. Ela anda com lentidão e com uma aparente dificuldade, utilizando de uma bengala para facilitar a locomoção. Em um momento observa as mãos acariciando uma aliança, como quem lembra o que ela representa. Em outro momento ela olha fixamente para a porta, e nessa hora aparece escrito: “Dia das mães não é só um dia”; logo depois, chegam três pessoas adultas e duas crianças, a senhora enfim sorri feliz. Todos se sentam a mesa e ficam conversando. Neri (2001) constata que, na velhice, as pessoas transformam ativamente sua rede social, realizando a seleção de relações e atividades significativas e fontes de suporte, prazer e satisfação. Assim, elas deixam de lado as relações e as atividades que são onerosas, complexas, estressantes ou negativas.

Em seguida, aparecem os dizeres: “Ser mãe é pra toda a vida...” e “Cumprimentemos com mais frequência a pessoa que nos deu a vida”. O vídeo encerra com um sorriso da senhora.

Ao apontar discrepâncias entre a realidade percebida pelos idosos e as idealizações culturais sobre os padrões que devem ser atendidos pelos indivíduos, Montaleone (2015) nos mostra que são, de certa maneira, aspectos fundamentais para o desenvolvimento de áreas de pesquisa da Psicologia Social e da Gerontologia Social. Nesse sentido, a análise de

representações sociais sobre esses aspectos é de grande utilidade para as áreas citadas, pois possibilita a identificação de modos compartilhados de pensar e de atuar em relação a esse processo ao caracterizar os conhecimentos e as crenças dos grupos sociais a respeito desses fenômenos (VELOZ; NASCIMENTO-SCHULZE; CAMARGO, 1999).

Segundo Dias (2012), os discursos negativos sobre a velhice duraram pelo menos até os anos 80, e foram alimentados pela teoria da modernização. Estes discursos realçavam a falta de literacia científica e tecnológica dos mais velhos, assim como as situações de pobreza, isolamento social, doença e dependência em que muitos se encontravam.

A teoria psicanalítica associa o sujeito à ideia do inconsciente, sendo que este último não envelhece. Sendo assim, a velhice não modifica o psiquismo. O envelhecimento é caracterizado pelas perdas, desinvestimentos e investimentos objetais (SILVA; FINOCCHIO, 2011).

Montaleone (2015) aponta que o envelhecimento é frequentemente associado às modificações físicas e funcionais do indivíduo. Perda de força, diminuição da coordenação e do domínio do corpo, deterioração da saúde e déficits cognitivos e sociais são alguns dos principais elementos relacionados ao processo de envelhecer (BLESSMANN, 2004). Estes aspectos são opostos aos indicadores sociais que estabeleceram, a partir do século XX, os padrões de corpo saudável e belo como objetivo individual a ser atingido por meio de vigilância e autocontrole (ANDRADE, 2003; LIMA; RIVEMALES, 2013).

O investimento publicitário em imagens de idosos, segundo Montaleone (2015) pode ocorrer de duas formas opostas: a primeira refere-se ao fato de expor o idoso como um ser que, apesar de estar idoso, não vive essa fase da vida de forma ruim; pelo contrário, vivencia esse período de forma saudável, sendo integrado ao consumo de forma equiparada às outras faixas etárias. Em contraposição, o idoso pode ser apresentado pelo meio publicitário de forma a ser estigmatizado, tendo a velhice como algo a ser evitado por meios estéticos que corroboram o antienvelhecimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos atuais que subsidiaram o quadro teórico deste estudo ressaltam que a popularização da internet aumentou significativamente nos últimos anos, sendo que o seu uso e interatividade alcançaram diversos tipos de usuários pelo mundo. Idosos que demonstram interesse na utilização das tecnologias fazem parte desse grupo, adentrando-o, à medida que passaram a se comunicar com a globalização do século XXI, deixando de ser recolhidos e apegados a lembranças do passado para se tornarem cidadãos ativos, capazes de produzir mecanismos de consumo e deles participarem.

O aumento do uso de recursos tecnológicos por esse público motiva investigações, por ser este um espaço capaz de proporcionar interação, partilha, discussão de ideias e até aproximação dos familiares e amigos que porventura moram distante ou mesmo próximos, acelerando as oportunidades de comunicação entre eles. Com grande representatividade, o *Facebook* é uma das redes sociais mais utilizadas por idosos em âmbito mundial, constituindo um espaço de fácil utilização, dotado de recursos de fácil acesso, sendo, portanto, uma maneira prática de manifestação social.

Nesse sentido, é notório que o convívio social ativo, neste caso o virtual, favorece significativamente a qualidade de vida dos idosos, oferecendo ganhos em cognitivos, mental e afetivos, visto que o computador e a Internet têm-se tornado grandes aliados dos idosos, permitindo-lhes estimular a memória, construir e aperfeiçoar os conhecimentos, ampliando a criatividade e inteligência. Outros benefícios dessa inserção digital que vêm sendo apontados são a acessibilidade, a retirada do ócio, o lazer e a distração, a autonomia e independência. Portanto, as novas tecnologias de informação e comunicação constituem, recorrentemente, uma ferramenta de combate ao isolamento social, por meio de quatro mecanismos principais: conexão com o mundo exterior, apoio social, envolvimento em atividades de interesse e aumento da autoconfiança.

Foi possível alcançar o objetivo geral deste estudo, analisando-se as situações, mostradas na rede social *Facebook* e discutidas frente ao referencial teórico, confirmando diferentes formas de a pedagogia cultural e a produção de sentido moldarem comportamentos e influenciarem percepções, ainda que de formas paradoxais, visto que o ser humano possui tendências de confrontar fatos da realidade conforme a leitura que faz diante do que o grupo social e, ou a mídia reproduz, explora, mostra e, ou distorce.

Essa ambivalência foi percebida no material analisado no *Facebook*, quando se observa que algumas mensagens exaltam a velhice; já outras, principalmente aquelas publicitárias para fins comerciais, buscam convencer que, para estar bem é necessário ser jovem. Nota-se, nesse sentido, uma negação da velhice e a falta de aceitação social dessa parcela da população.

Por conseguinte, os valores juvenis parecem ideais para todas as idades, em decorrência do consumismo proporcionado pela rede social virtual e pelas mídias em geral. Nas mensagens analisadas, observa-se, ainda, que o conteúdo fomenta estereótipos negativos socialmente construídos em torno da velhice.

Para analisar a imagem dos idosos em uma rede social *Facebook* conforme comportamentos e percepções exibidas nas postagens de duas páginas “Velhice me aguarde” e “Velhice solitária”, cujos conteúdos exemplificam a pedagogia cultural adotada atualmente, investigaram-se as representações que aparecem nas imagens e textos publicados nessas mídias, sendo que a análise e a seleção da revisão de literatura e a discussão dos dados selecionados permitiram a avaliação da comunicação de massa dirigida ao grande público atual inserido nas mídias sociais.

O campo de estudos sobre relações sociais na velhice reconfigurou-se com o novo cenário macrossocial, sobretudo com as tecnologias de comunicação e informação, dispositivos digitais como o *Facebook*, este que foi foco de análise.

A realização deste estudo permitiu observar que há manipulação e influência de fabricantes de produtos estéticos e prestadores de serviços de beleza, que veiculam imagens, vídeos e textos violentos, cruéis e desrespeitosos, que são disseminados por pessoas que futuramente poderão ser vítimas dessa persuasão. Afinal, todos que não morrerem irão envelhecer um dia.

Conforme a literatura apresentada, alguns autores confirmam que o conhecimento veiculado pela mídia deveria ser utilizado de forma coerente com valores e motivações da sociedade a qual pertence. Na prática, foi visto que essa noção não é integralmente respeitada, uma vez que as publicações das páginas analisadas apresentam algum tipo de preconceito ou de negatividade em relação ao idoso.

Nesse sentido, é importante lembrar as recomendações da OMS sobre a relevância da relação entre as gerações. Há muitas possibilidades de ganhos como sabedoria, desenvolvimento da espiritualidade e seletividade socioemocional. A velhice pode servir de exemplo para formação e mudança de atitudes, compreendidas como parte de um plano de

educação integral, que pode abranger todas as relações comunicativas, inclusive nas redes sociais virtuais. A qualidade de vida inclui a maneira como as gerações oferecem respeito e apoio.

Dessa forma, há amplas formas de se envelhecer, que são determinadas pelo contexto de vida. Apesar de o idoso ser apresentado na rede social virtual como um “problema”, sua opinião e vivência devem ser consideradas, evidenciando a autopercepção do indivíduo nesse processo. Como exemplo dessa afirmação, cita-se Guerras e Caldas (2010), autores que concluem sobre a necessidade especial de novos estudos que discutam a autopercepção do idoso apresentando as imagens e representações mais utilizadas por eles, de modo a quantificar sua repetição e qualificar em ser boa ou ruim.

Percebe-se que a visão preconceituosa sobre o envelhecimento decorre de informações insuficientes a respeito desse processo, gerando significados e imagens negativas, bem como estereótipos que levam à exclusão dos idosos na comunidade.

Conforme abordado na literatura e discutido na análise dos dados, há interferência dos aspectos culturais no modo de encarar o envelhecimento, o que, por sua vez, influencia na forma de se constituir no meio social. Alguns autores citados, tais como Mercadante (2009), Guerra e Caldas (2010), Dias *et al.* (2014) e Oliveira (2018), confirmam que o processo de envelhecimento depende, dentre outros fatores, da história de vida e da forma como cada um percebe a velhice.

Na realidade social, as imagens e os conteúdos simbólicos divulgados pela mídia exercem um papel de influência na sociedade e os diferentes grupos sociais fazem uma imagem de si mesmos e dos outros. Esse estereótipo frequente imprime padrões do que seja considerado socialmente “certo e errado” e traz sérias implicações na construção e no modelamento de identidades e subjetividades.

Ainda em relação à imagem dada à velhice, cabe citar Confúcio (551-479 a.C.), profundo conhecedor da alma humana, que exteriorizou noções sobre moral e sabedoria. A sabedoria corresponde à capacidade de contrabalançar um sentido de coerência e plenitude pessoal com a desesperança da morte iminente, além da acedência das falhas e deleções do passado.

O filósofo defendia o envelhecimento como sinônimo de aquisição de sabedoria, ao pregar que, aos 60 anos, o indivíduo compreende, sem necessidade de refletir, tudo o que ouve; aos 70, pode conquistar desejos sem transgressão a qualquer regra, e isso seria uma importante pretensão. Para Confúcio, não existe nada no mundo tão grande como o ser

humano, e, ainda segundo sua doutrina, os idosos devem ser cuidados com carinho e atenção, assegurando-lhes proteção e segurança até o último dia de vida, como forma de perpetuação do amor intenso, especialmente entre pais e filhos.

Contudo, hoje em dia, pode-se observar que a experiência de outrora é indigna de alguma utilidade. A falta de perspectiva no processo de envelhecimento atinge as pessoas enquanto elemento da condição humana, devido às rápidas transformações, à perda de tradições, e à mudança de valores que em outras épocas eram tidos como referência. Isso tudo pode causar um vazio ainda maior no idoso, que prefere se excluir do convívio social e adotar o vazio existencial.

Embora a idade cronológica seja útil como referência temporal, não é possível explicar a dinâmica do envelhecimento, pois há muitas variáveis que podem captar diferenças individuais relacionadas com a idade, tais como a habilidade, o conhecimento, a experiência, a sabedoria e a criatividade. Assim, por serem difíceis de mensurar, são frequentemente negligenciadas.

Mesmo diante de traumas e dificuldades, a vida deve ser durada com intensidade, a partir de relações sociais saudáveis. Essas metas fazem parte da arte de viver e envelhecer – um bom envelhecimento necessita de ambiente acolhedor que auxilie o idoso no processo de revisão de vida, no enfrentamento de limitações e na preparação de planos. Do mesmo modo, devem ser aproveitadas as oportunidades de crescimento e de manutenção de vínculos sociais, a fim de contribuir para uma velhice bem-sucedida.

Como limitação desta pesquisa, destaca-se a generalização no uso das imagens e nas representações dos idosos a respeito do próprio envelhecimento para toda a população, como a do Brasil. Reconhece-se que seja necessário investigar cada grupo, levando em consideração a situação socioeconômica, a cultura a que pertence, a religião praticada, as atividades disponibilizadas, as regionalidades e, especialmente, a individualidade de cada idoso a respeito do próprio envelhecimento.

Registra-se, também, a escassez de estudos sobre o questionamento dos idosos a respeito de seus ganhos e perdas no próprio envelhecimento; nessa via, aproveita-se para sugerir novos trabalhos que associem a autopercepção positiva ou negativa do envelhecimento com a participação social de forma quantitativa.

Deve-se ressaltar que as Redes Sociais Virtuais (RSV) são uma realidade relativamente recente, que ainda requerem mais estudos. Embora a maioria das pesquisas relatem que as redes sociais exercem efeito positivo sobre a saúde do idoso, otimizando a

qualidade de vida, ainda são poucos os estudos que abordam as consequências do uso inadequado das RSV associadas aos aspectos físico, mental e social. Outros estudos também poderiam ser desenvolvidos para se verificar, a longo prazo, as consequências, positivas e negativas, da utilização da Internet e das RSV na vida dos idosos.

Na realidade virtual-social, as imagens e os conteúdos simbólicos divulgados pela mídia compõem um papel relevante na sociedade contemporânea e os diversos grupos sociais fazem imagens de si mesmos e dos outros. A informação, até mesmo a recomendação do que é considerado “certo e errado”, pode afetar a construção de identidades e de subjetividades.

Acredita-se que o desenvolvimento deste estudo possibilitou sensibilizar e enfatizar a valorização do idoso, incentivando sua participação social, além de estimular a criação de grupos específicos destinados a esse público, com o objetivo de melhorar as relações intergeracionais, uma vez que um idoso ativo deve ser reconhecido como motivo de orgulho e exemplo para a comunidade.

Por fim, reconhecendo a complexidade e a dimensão desse tema, recomenda-se, antes de tudo, compreensão, respeito mútuo e afeto em todas as redes de convívio ou de comunicação (sendo estas virtuais ou não).

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Celia de. **Velhice Uma Nova Paisagem**. São Paulo: Ágora, 2017. 200 p.

AGRA DO Ó, Alarcon; SOUZA, Rosangela Nascimento de; Thaiany da COSTA; ALMEIDA, Vanessa B. de. A Violência contra Idosos na mídia: uma reflexão sobre a produção dos sentidos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, janeiro/abril, 2010, p. 121-129.

AGUIAR, Elizabeth Souza Silva *et al.* Representações sociais do cuidar de idosos para cuidadores: revisão integrativa. **Revista Enfermagem**, UERJ, Rio de Janeiro, 2011 jul/set; 19(3). p. 485-489.

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**. Campinas: Editora Alínea, 2004.

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 1, p. 177-197, 2006.

ALVES, Vicente Paulo; VIANNA, Lucy Gomes. Políticas públicas para a educação gerontológica na perspectiva da inserção social do idoso: desafios e possibilidades. **Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas Educacionais**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 489-510, jul./set. 2010.

AREOSA, Silvia Virginia Coutinho, *et al.* Envelhecimento: Relações pessoais e familiares. **Barbarói**, v. 36, Ed. Especial, p. 120-132, jan./jun. Santa Cruz do Sul, 2012.

ARGIMON, Irani I. de Lima; VITOLA, Janice Castilhos. E a família, como vai? In: BULLA, Leonia Capaverde; ARGIMON, Irani Iracema de Lima (Orgs.). **Convivendo com o familiar idoso**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 25-31.

ASSIS, Francine Sanches de; PARRA, Claudia Regina. **Envelhecimento bem sucedido e a participação nos serviços de convivência para idosos**. *Psicologia*, p. 1-8, 2014. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0847.pdf>> Acesso em: 10-11-2017.

AZEVEDO, Amanda; MAIA, Andrea Karine Albuquerque. Narrativas Hurbanas de João Pessoa: o olhar da página *Hipster* Pessoaense. In: **II Simpósio de Pesquisa Sobre a Mídia Paraibana**. UFJP. João Pessoa PR, 2016.

AZEVEDO, J. Metodologias qualitativas em Análise do Discurso. In.: Org. ESTEVES, Antônio; AZEVEDO, José. **Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais**. ISBN:972-977630-X- 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006.

BELTRÃO, Ricardo Ernesto; NOGUEIRA, Fernando do Amaral. A Pesquisa Documental nos Estudos Recentes em Administração Pública e Gestão Social no Brasil. **Anais do**

**Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2011.

BLACK, Ian. Viralização. In: BRAMBILA, Ana (org). **Para Entender as Mídias Sociais**. E-book, (S/I): 2011. p. 76-78.

BOTTI, Mariana Meloni Vieira. Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher. **Caderno Pagu** [online]. 2003, n. 21, p.103-131.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, Mônica Mitchell de Moraes; BRISOLLA, Márcia Regina Santos. Gênero e Sexualidade no Cinema: uma discussão a partir da Educação da Cultura Visual. I DE JESUS, S. (Org). **Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos**. Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015, p. 684-695.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. Ministério da Saúde. 2 ed. rev. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. 70 p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 192 p.

BRITO, Annie; CAMARGO, Brigido; CASTRO, Amanda. Representações Sociais de Velhice e Boa Velhice entre Idosos e Sua Rede Social. **Revista e Psicologia da IMED**. v. 9, n.1, Passo Fundo jan./jun. 2017.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CASADEI, Graciele Reinert *et al.* Influência das redes sociais virtuais na saúde dos idosos. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 16, n. 29; p. 1963, 2019.

CASTRO, Amanda; CAMARGO, Brigido. Representações sociais da velhice e do envelhecimento na era digital: revisão da literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 882-900, dez. 2017.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 17-33.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. **Redes sociais e os estudos de recepção na internet**. Matrizes, p. 75-92, 2010.

COSTA, Alcinéia; MADEIRA, Lélia. O relacionamento do idoso com os seus familiares. **Revista da escola de enfermagem da USP**, v. 28, [s.l.], p. 83-95, abril, 1994.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte. **Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas**. In: 36ª RN ANPED, Goiânia, out. 2013. GT 16 “Educação e Comunicação”. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n2p843/31267>. Acesso em: 21-10-2017.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 2012.

DEBERT, Guita Grin. O velho na propaganda. **Cadernos Pagu** (21) 2003. p.133-155. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a07.pdf>> Acesso em: 15-05-2017.

DIAS, Isabel. O uso das tecnologias digitais entre os seniores. Motivações e interesses. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 68, p. 51-77, 2012.

DIAS, Maria Angélica Ferreira; PAÚL, Constança; WATANABE, Helena Akemi Wada. Representações sociais de velhice e suas relações com declínio e finitude em comentários e críticas publicados na mídia. **Revista Kairós Gerontologia**, 17(1), pp.125-143. 2014. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

DOTOLI, Daniel. Bebida é para adulto. **Propaganda**, São Paulo, v. 48, n. 629, pp. 14-15, 2003.

DUARTE, Josimar Faria; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Magro, Ágil e Forte: Representações do Corpo Masculino. **Revista Gênero**. Niterói. v.14, n.1, 2.sem. 2013. p.111-133. Disponível em:< <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/611/370>> Acesso em 17-11-2017.

ERICKSON, L. B. Social media, social capital, and seniors: The impact of Facebook on bonding and bridging social capital of individuals over 65. **AMCIS Proceedings – All Submissions**. Paper 85, 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. Teoria social do discurso. In: FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

FALLER, Jossiana Wilke; TESTON, Elen Ferraz; MARCON, Sonia Silva. **A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades**. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2015, jan-mar; v. 24, n.1, p. 128-37.

FARIA, Ana Maria Almeida de; *et al.* Projeto de vida na terceira idade: o trabalho da orientação profissional na sensibilização de um grupo de idosas. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 2, n. 3, jan./jul. 2017.

FÉLIX, Livia Botelho; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. A velhice na mídia escrita: um estudo em representações sociais. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 8, n. 3, p. 363-374, set./dez. 2011.

FELIZMINO, Thiago de Oliveira; BARBOSA, Rochele Bezerra. Idosos e dependência de internet: uma revisão bibliográfica. **Revista Psicologia Diversidade e Saúde**, Salvador, 2018 Março; v.7, n.1, p. 120-127.

FERREIRA, Michelle Cristina. **Idosos internautas**: a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida e relacionamentos familiares e sociais. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2017. 113 f.

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2 ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

FREIRE FILHO, João. **Mídia, estereótipo e representação das minorias**. Eco Pós. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, UFRJ, v. 7, n. 2, p. 45-65, 2004.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROIS, Erica; MOREIRA, Jacqueline; STENGEL, Márcia. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 71-77, mar. 2011.

GAETA, Irene Pereira; MELLO, Leonardo Tondato de; HAYAR, Maria Angélica Schlickmann Pereira. Psicogerontologia – A psicologia Analítica, o Envelhecimento e as Questões da Modernidade. In: FRAGOSO, Vítor; MAYOR, Margarida Sotto (coordenação). In: **Gerontologia e Transdisciplinaridade I**, São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2017, p. 89-105.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDENBERG, Mírian. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GOLDENBERG, Mírian. O Corpo como Capital: para compreender a cultura brasileira. **Revista Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 2. n. 2. Julho/dezembro, 2006. p. 115-123.

GOLDFARB, Delia Catulio. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GONTIJO, Suzana. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. World Health Organization; Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

GOUVEIA, Odília Maria Rocha; MATOS, Alice Delerue; SCHOUTEN, Maria Johanna. Redes sociais e qualidade de vida dos idosos: uma revisão e análise crítica da literatura. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.19, n. 6, 2016. p. 1030-1040.

GUERRA, Ana Carolina Lima Cavalcante; CALDAS, Célia Pereira. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 6, 2010.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. **A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais online**. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT16-5768--Int.pdf>. Acesso em: 10-01-2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. TupyKurumin, 2006.

HECK, Rita Maria; LANGDON, Esther Jean. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: Minayo MCS, Coimbra Jr. CEA, organizadores. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2002. p. 129-151.

HJARVARD, Stig. Da Mediação à Miatização: a institucionalização das novas mídias. **Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM**, v. 3, n. 2, p. 51-62, 2015.

HUMMEL, Cornelia. Les représentations sociales de la vieillesse: troubles psychiatriques à l'âge avancé. **Cahiers Psychiatriques**. v. 25, 1998. p. 25-35.

JUBÉ, Milene de Oliveira Machado Ramos; CAVALCANTE, Claudia Valente; CASTRO, Claudia Maria Jesus. Violência simbólica para Pierre Bourdieu: a relação com escola contemporânea. **I Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar** – 06, 07 e 08 de junho – Mineiros-GO, 2018.

KACHAR, Vitória. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 13, n.2, INSS 2176-901X, São Paulo, novembro/2010: p. 131-147.

KAFKA, Franz. **Metamorfose**. São Paulo: Conrad, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 ed. 7 reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

LALIVE D'EPINAY, Christian. Images of aging in autobiographical narratives of elderly. In: HUMMEL, C, LALIVE D'EPINAY, C. **Aging in Western societies**. Geneva: Centre Interdisciplinary Gerontology, University of Geneva; 2005. p. 141-155.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Fábio dos Santos Creder Lopes, Trad. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

LE BRETON, David. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LECHAKOSKI, Rafael de Mello; WILDAUER, Egon Walter. **Os idosos na internet**: uma análise da utilização da internet pelos idosos no Brasil. Universidade Federal do Paraná, 2019.

LEOPARDI, Maria Teresa. **Metodologia da Pesquisa da Saúde**. 2 ed. Ver. Atual. Florianópolis: UFSC/Pós-Graduação em Enfermagem, 2002.

LISBOA, Teresa Kleba. Mulheres migrantes de origem cabocla e seu processo de empoderamento. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 5, n. 1, 2002. p. 35-47.

LOOS, Eugene; HADDON, Leslie; MANTE-MEIJER, Enid. **Generational use of new media**. Farnham: Ashgate Publishing, Ltd., 2012.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Imagem e autoimagem**: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 141-152.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n.2, p. 56, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 05-05-2017.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: 1986.

LUZ, Márcia; AMATUZZI, Mauro. Vivências de felicidade de pessoas idosas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 2, abr./jun. 2008. p. 303-307.

LYRA, Renata. **Consumo, comunicação e cidadania**. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2001.

MAGNABOSCO-MARTINS, Claudia; CAMARGO, Brígido; BIASUS, Felipe. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. **Universitas Psychologica**, setembro/ dezembro, 2009. p. 831-847.

MAUSS, Marcel. **As Técnicas Corporais**. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MENEZES, Marilene do Rosário. **A Influência da inclusão da pessoa idosa**: ensino superior e sua qualidade de vida. Universidad Autónoma de Asunción – Paraguay. Magister en Ciencias de la Educación, 2019.

MENEZES, Tânia Maria de Oliva; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; AZEVEDO, Rosana Freitas. A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. **Revista Eletrônica de Enfermagem** [Internet]. 2009. p. 598-604.

MERCADANTE, E. F. Velhice: identidade e subjetividade. In: QUEIROZ, Zally. **Perspectiva cultural do envelhecimento** (Coordenação geral: Áurea Eleotério Soares Barroso). São Paulo (SP): Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília; COIMBRA JÚNIOR, Carlos. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Fiocruz, 2002. p. 11-24.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de; XIMENES, Liana Furtado; DESLANDES, Suely Ferreira. O Idoso sob o olhar do outro. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JÚNIOR, Carlos. In: (organizadores). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002.

MINÓ, Nádia Marota. Percepções de Idosos sobre o Núcleo de Convivência: um estudo com Participante do Programa Municipal da Terceira Idade de Viçosa/MG. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v. 7, n. 1, jan./jun. 2015. p. 302-317.

MINÓ, Nádia Marota; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Estigmas ao idoso: notas de uma pesquisa de campo em uma escola pública de Viçosa/Minas Gerais/Brasil. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v. 7, n. 1, jan./jun. 2017. p. 167-185.

MINÓ, Nádia Marota; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **Percepções de crianças e adolescentes sobre o envelhecimento e estigmas ligados à velhice**, 2016. 105 p. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica), Universidade Federal de Viçosa, 2016.

MINÓ, Nádia Marota; MELLO, Rita Márcia Andrade Vaz de. A velhice nas imagens e vídeos divulgados no *Facebook*: pedagogias culturais na formação do pensamento coletivo. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, Sinop/MT/Brasil, v. 9, n. 1, jan./jun. 2019. p. 67-78.

MONTALEONE, Thiago; WINTER, Carla; GAMA, Eliane. Representação social de idosos: análise das imagens publicadas no discurso midiático. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, 2015. p. 921-937.

MONTE, Nyanne Leal do *et al.* Desafios do processo de inclusão dos idosos frente às tecnologias de informação: um estudo reflexivo. **Anais CIEH**. v. 2, n.1, 2015.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer ou Morrer, eis a questão**. Gutenberg Editora. Belo Horizonte. Coleção Envelhecer & Viver 2008.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer: histórias, encontros, transformações**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 1999. p. 7-32.

MORAIS, Anna Beatriz Dias; SEABRA, Rodrigo Duarte; MATTEDI, Adriana Prest. **Um Estudo sobre a Usabilidade do Facebook em Dispositivos Móveis com Ênfase em Usuários Idosos**. Instituto de Matemática e Computação – Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Itajubá – MG, 2019.

MOTTA, Alda Brito da. **Envelhecimento e sentimento do corpo** In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JÚNIOR, Carlos (organizadores). In: Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002. p. 36-50.

NERI, Anita; JORGE, Mariana. Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: subsídios ao planejamento curricular. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n.2, 2006. p.127-137. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2006000200003>. Acesso em: 04-03-2018.

NERI, Anita; JORGE, Mariana. Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In:

NERI, Anita (Org.). **Psicologia do envelhecimento**. Campinas: Papirus, 1998, p.13-40.

NERI, Anita. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. p. 33-46.

NEVES, Bruno; AMARO, Fausto; FONSECA, Jaime. Coming of (Old) Age in Digital Age: ICT Usage and Non-Usage Among Older Adults. **Sociological Research Online**, v. 18, n. 2, 2013. p. 1-14.

NUNES, Jefferson Veras. **Vivência em rede: uma etnografia das práticas sociais de informação dos usuários de redes sociais na internet**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/Marília, 2014.

OLIVEIRA, Amanda Cristina. **A velhice conectada e suas representações na publicidade em vídeo brasileira**. Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Revista Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. p. 52-59.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: Reflexões sobre a agência. In.: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia, FRY, Peter Henry (Org). **Reunião Brasileira de Antropologia**. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 45-80.

PASSARELLI, Brasilina; SALLA, Thiago Mio; TAVERNARI, Mariana. Literacias emergentes dos atores em rede: etnografia virtual com idosos no Programa de Inclusão Digital AcessoSP. **Prisma.com**, n. 13, 2017. <Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/2010/1847>> Acesso em: 30-07-2017.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios; velhos, velhote, idoso, terceira idade. In: MORAES, Myriam; BARROS, Lins de. **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas. 2006.

PINTO, Juliana Martins; NERI, Anita Liberalesso. Trajetórias da participação social na velhice: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 2017. p. 260-273.

QUEIROZ, Z. P. V.; NETTO, M. P. Envelhecimento bem-sucedido: aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais. In: Papaléo Netto M. **Tratado de gerontologia**. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: Atheneu; 2007. p. 807-815.

RAGNEDDA, Massimo; RUIU, Maria Laura. Exclusão digital: como é estar do lado errado da divisão digital. **Rumores**. n. 20, v. 10, jul/dez, 2016. Disponível em: <<http://nrl.northumbria.ac.uk/30108/1/Rumores.pdf>>. Acesso em: 04-06-2018.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 2 ed. Porto Alegre, Sulina, 2014.

RIBEIRO, Mariana dos Santos. Estratégias de enfrentamento de idosos frente ao envelhecimento e à morte: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, 2017.

RODRIGUES, Adriana Guimarães; SILVA, Ailton Amélio da. A rede social e os tipos de apoio recebidos por idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, 2013. p.159-170.

ROSA, Maria João. **O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa**, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012.

SABAT, Ruth. **Pedagogia cultural, gênero e sexualidade**. Estudos Feministas, p. 9-21, 2001. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/381/38109102/>> Acesso em: 06-08-2017.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTANA, Carla da Silva; BERNARDES, Marina Soares; MOLINA, Amanda Marcório Touro Blanco. Projetos de vida na velhice. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, 2016. p. 171-186.

SANTOS, Gabriel. Os conceitos de saúde e doença na representação social da velhice. **Revista Virtual Textos & Contextos**, v.1, n. 1, 2002. p. 1-12.

SANTOS, Sheila. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio Grande, nov. 2010. p.135-139.

SASSO, Leísa. **Livro-objeto a/r/tográfico**: práticas de pedagogia cultural na periferia de Brasília. 2014. 252 p. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte do Instituto de Artes Visuais da Universidade de Brasília. 2014.

SCHWARZ, Lídia Rodrigues. **EnvelheSer**: a busca do sentido da vida na terceira idade. São Paulo: Vetor, 2009.

SEHN, Ediane; CARRÉR, Janete. Afetividade na terceira idade: repensar os sentimentos, as possibilidades e as relações interpessoais. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 24, Especial, nov. 2014. p. 15-24.

SILVA, Alcione de Oliveira. **Percepções de pessoas quinquagenárias sobre o processo de envelhecimento**, 2017. 91 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica), Universidade Federal de Viçosa, 2017.

SILVA, Bruna; FINNOCHIO, Ana Lúcia. A velhice como marca da atualidade: uma visão psicanalítica. **Vínculo**. São Paulo, v. 8, n. 2, dez. 2011, p. 22-28.

SILVA, Daiane Aparecida; PEREIRA, Michele Moraes; FERREIRA, Michelle Cristina. Terceira Idade e Tecnologia: Um Estudo sobre a Utilização da Internet e do Comércio Eletrônico. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia**. Número XII Jul-dez, 2015.

SILVA, Marina Sales. **O medo do velho**: um diálogo sobre a transitoriedade e o medo da morte. Universidade de Brasília Instituto de Psicologia. Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica. Brasília, 2013.

SILVA, Tadeu. Tomaz da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA-JARDIM, Viviane; MEDEIROS, Figueiroa; BRITO, Ana Maria. Um olhar sobre o processo de envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 2006. p. 25-34.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2005.

SIQUEIRA, José Eduardo de. Atenção médica aos pacientes idosos. **Revista O Mundo da Saúde**, São Paulo: v. 34, n. 4, 2010. p. 466. Disponível em: <[https://www.saocamilosp.br/pdf/mundo\\_saude/79/466a474.pdf](https://www.saocamilosp.br/pdf/mundo_saude/79/466a474.pdf)> Acesso em: 09-08- 2017.

SIQUEIRA, Renata Lopes *et al.* A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 7, n. 4, 2002. p. 899-906.

SLATER, Don. **Cultura do Consumo e Modernidade**. São Paulo: Nobel. 2002.

SOARES, Rosângela de; MEYER, Dagmar Estermann. E. O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas? **Revista Brasileira de Educação**, Porto Alegre, n. 23, maio/jun/jul/ago. 2003. p. 136-148.

SOARES, Rosângela. Pedagogias Culturais Produzindo Identidades. In: **Educação para Igualdade de Gênero**, Salto para o Futuro, Ano XVIII, 26 de nov de 2008, p. 47-53.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. 5 ed. Editora Vozes. 1996. Petrópolis, Rio de Janeiro.

SPINK, Mary Jane. P. A Produção de Sentidos na Perspectiva da Linguagem em Ação. In: **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 72 p. ISBN: 978-85-7982-046-5.

TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), 2000. 195 p. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/434/1/Livro%20Verde.pdf>> Acesso em: 08-08-2017.

TEIXEIRA, Débora Pires; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Como não ser velha: o consumo de tecnologias do rejuvenescimento e o papel das revistas femininas. **I Seminário Nacional: Família e Políticas Sociais no Brasil**. Universidade Federal de Viçosa, 2017.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm. Pública** vol.40 no.1 Rio de Janeiro Jan./Feb. 2006.

TODARO, Mônica de Ávila. **Vovô vai à escola**: a velhice como tema transversal no ensino fundamental. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

TREVISAN, Mauro. O tempo do envelhecimento: fase, desgaste ou metamorfose. **Revista Filosofia Capital**. Brasília, DF. Edição Especial – Concepções acerca da Verdade. [...]. v. 9, 2014. p. 68-76.

VALADARES, Maíra de Oliveira; VIANNA, Lucy Gomes; MORAES, Clayton Franco. A temática do envelhecimento humano nos grupos de pesquisa do Brasil. **Revista Kairós Gerontologia**, (2013). 16 (1), 117-128. ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Disponível em file:///C:/Users/Usuario/Downloads/17635-44177-1-SM.pdf Acesso em: 05-11-2017.

VALADARES, Otto Frederico. **O comportamento do consumidor idoso no processo de escolha de pacotes turísticos**. 2013. 27 f. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação) - Curso de Administração de Empresas, Centro Universitário de Brasília, 2013.

VALLE, Ione Ribeiro. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 1, jan./abr. 2007. p. 117-134.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

VELOZ, Maria Cristina Triguero; NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, 1999. p. 479-501.

VERAS, Renato Peixoto; OLIVEIRA, Martha. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23(6): 2018. p. 1929-1936.

WICHMANN, Francisca Maria Assmann *et al.* Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, 2013. p. 821-832.